

Karina Andrea Pereira Garcia Coleta

**O “DEUS DE TODA CONSOLAÇÃO” NO SOFRIMENTO DE
PAULO**
**UM ESTUDO EXEGÉTICO-TEOLÓGICO NA SEGUNDA CARTA
AOS CORÍNTIOS**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Apoio CAPES

Belo Horizonte - MG
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2014

Karina Andrea Pereira Garcia Coleta

**O “DEUS DE TODA CONSOLAÇÃO” NO SOFRIMENTO DE
PAULO**
**UM ESTUDO EXEGÉTICO-TEOLÓGICO NA SEGUNDA CARTA
AOS CORÍNTIOS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia como requisição parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Belo Horizonte - MG
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Coleta, Karina Andrea Pereira Garcia

C694d O “Deus de toda consolação” no sofrimento de Paulo: um estudo exegético-teológico na Segunda Carta aos Coríntios / Karina Andrea Pereira Garcia Coleta. - Belo Horizonte, 2014.
111 p.

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo. 2. Bíblia. N.T. Coríntios.
3. Consolação divina. 4. Sofrimento. I. Konings, Johan. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 227

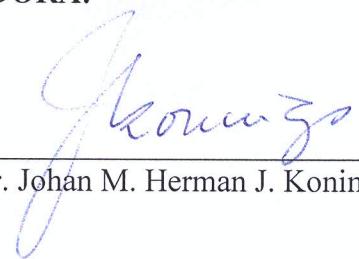
KARINA ANDREA PEREIRA GARCIA COLETA

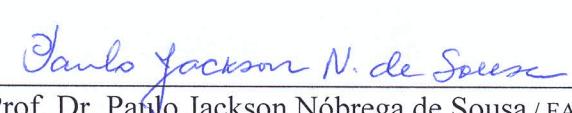
O “DEUS DE TODA CONSOLAÇÃO” NO SOFRIMENTO DE PAULO
UM ESTUDO EXEGÉTICO-TEOLÓGICO NA SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 05 de setembro de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof. Dr. Johan M. Herman J. Konings / FAJE (Orientador)


Prof. Dr. Paulo Jackson Nóbrega de Sousa / FAJE


Prof. Dr. Geraldo Dondici Vieira / CESJF (Visitante)

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo por sua maravilhosa graça que me sustenta na jornada, na doce expectativa daquele dia em que desfrutarei de sua presença plenamente. Agradeço ao meu amado marido Tcharley, este momento não teria chegado sem sua ajuda, seu amor, seu encorajamento, sua paciência, sua renúncia, suas orações e seu cuidado comigo e com nossos pequenos. Aos meus filhos: Tiago (*in memoriam*), Hebert e Cauan, agradeço por tanto amor e perdão, e por vocês serem meus melhores professores. Aos meus pais e irmãos, agradeço pelo auxílio, compreensão e amor sempre presentes e oportunos.

À Igreja Batista do Coração por viver comigo os ensinamentos da Segunda Carta aos Coríntios. À minha amiga-irmã Esther Lage, a primeira a ter me apresentado as riquezas das Escrituras e o poder do Evangelho. Ao Pr. Mark Johnson, meu “tutor”, por me incentivar ao empenho na vida acadêmica.

À Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia pela excelência e por representar um marco em minha trajetória. Ao apoio e financiamento da CAPES.

Ao meu orientador Pe. Konings pela acolhida tão amorosa e por me incentivar tanto. Ao professor Pe. João Batista Libânio (*in memoriam*) por ter me ajudado a me embrenhar na vida intelectual. Ao professor Pe. Massimo Pampaloni pelas aulas e conversas marcantes e inspiradoras. Ao professor Pe. Luís Henrique por compartilhar, com humildade e entusiasmo, seu conhecimento e seu tempo comigo. Ao professor Pe. Paulo Jackson pela generosidade em me ajudar com o grego e por me emprestar alguns materiais que se fizeram necessários.

Ao irmão Felipe Abreu pela ajuda com o *BibleWorks*. À querida irmã Zuleica pela disposição em me ajudar de maneira tão carinhosa e competente. Aos meus amigos Natalino, Fabrício, Francesco, Rodrigo, Sidnei, Sandra, Rosana e Luciana pelo apoio e incentivo, cada um com uma preciosa contribuição para o prosseguimento da caminhada. Aos membros do Grupo de Pesquisa “A Bíblia em Leitura Cristã” pela troca de experiências. Ao amigo Bertolino e a todos os funcionários da Biblioteca Padre Vaz pela gentileza, bondade e disponibilidade.

“Bendito seja o Deus e Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de
toda consolação, o qual nos consola em toda a nossa aflição.”

2 Coríntios 1.3,4a

RESUMO

O cenário conflituoso que faz parte do pano de fundo da Segunda Carta aos Coríntios envolve a questão do sofrimento e faz com que Paulo o descreva de maneira mais específica e intensa. No entanto, no início dessa correspondência, o Apóstolo se dirige a Deus e o bendiz como fonte de “toda consolação”, como aquele que “nos consola em toda a nossa aflição”. A predominância do vocabulário da consolação, especialmente em 2Co 1.3-7 e 7.4-13 é digna de nota em uma carta na qual a realidade do sofrimento é tão patente. Diante disto, o objetivo da presente pesquisa é estudar o tema referente à consolação divina como resposta ao sofrimento cristão tendo em vista a abordagem paulina na Segunda Carta aos Coríntios. Para tanto, o ponto de partida consiste em uma revisão de literatura acerca do tema da consolação entre os exegetas seguida de uma investigação do referido assunto na perspectiva bíblica. As ocorrências da terminologia *parakaleō/paraklēsis* são levantadas no campo lexical, semântico e temático-teológico com vistas a identificar as possíveis fontes às quais Paulo recorreu ao escrever sobre a consolação divina. Logo após, seguindo o método da análise retórica conforme proposto por Kennedy, as perícopes mencionadas são analisadas, destacando a situação retórica, a organização do texto e sua função, bem como o efeito persuasivo das unidades retóricas em questão. Tal estudo exegético-retórico é realizado a fim de evidenciar as características e função da teologia da consolação estabelecida pelo Apóstolo. Os resultados deste empenho sublinham a influência de Deutero e Trito Isaías acerca da consolação de Israel que é lida por Paulo tendo Cristo como centro. Além disto, destaca-se a tríplice dimensão da teologia da consolação: teológica, cristológica e soteriológica assim como sua função de expor à comunidade coríntia o significado do sofrimento à luz da consolação. Finalmente, com esta reflexão teológica, Paulo se aproxima dos que exercem o ministério pastoral e oferece um paradigma de enfrentamento das circunstâncias de aflição como participação nos sofrimentos de Cristo. Desta forma, há uma abertura à consolação divina e consequente capacitação à perseverança rumo à consolação definitiva.

Palavras-chaves: Segunda Carta aos Coríntios, Consolação divina, Sofrimento, Teologia da consolação.

ABSTRACT

The conflicting situation which comprises the background of Paul's second letter to the Corinthians deals with the matter of suffering and allows the Apostle to describe his own suffering in specific and raw details. However, at the beginning of this letter, the Apostle praises God and blesses him as the source of "all consolation", as the one who "comforts us in all our affliction". The predominance of the consolation vocabulary, especially in 2Cor. 1.3-7 and 7.4-13 is significant where the reality of suffering is so evident in this letter. Hence, the aim of this research is to study the divine consolation as an answer to Christian suffering according to Paul's viewpoint in the second letter to the Corinthians. The starting point begins with a literature review on consolation among exegetes and an investigation of the issue from a biblical perspective then follows. The occurrences of *parakaleō/paraklēsis* terminology are compiled according to the lexical, semantic and thematic-theological fields in order to identify possible influences in Paul's thought about divine consolation. The mentioned pericopes are then examined using the rhetorical analysis method as proposed by Kennedy. The analysis highlights the rhetorical situation, the text organization and its function as well as the persuasive effects of the rhetorical units. Such exegetical-rhetorical study is performed to demonstrate the features and function of the theology of consolation established by the Apostle. The results of these efforts underscore the influence of Deutero and Trito Isaiah treatments on consolation of Israel, which is read by Paul in a Christocentric manner. In addition, the research points out the threefold dimension of the theology of consolation: theological, Christological, and soteriological as well as its function to expose the Corinthian community to the meaning of suffering in the light of consolation. Finally, with this theological reflection, Paul ministers to those involved in pastoral care and offers a paradigm for dealing with the circumstances of distress as sharing in the sufferings of Christ. Therefore, there is openness to divine consolation which leads to perseverance towards the final consolation.

Keywords: 2 Corinthians, Divine consolation, Suffering, Theology of consolation

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1: Ocorrências de <i>parakaleō</i> na LXX	14
Tabela 2: Ocorrências de <i>paraklēsis</i> na LXX	15
Tabela 3: Ocorrências de <i>parakaleō</i> no Novo Testamento	16
Tabela 4: Ocorrências de <i>paraklēsis</i> no Novo Testamento	17
Tabela 5: Ocorrências dos significados de <i>parakaleō</i> na LXX	20
Tabela 6: Ocorrências dos significados de <i>paraklēsis</i> na LXX	21
Tabela 7: Ocorrências dos significados de <i>parakaleō</i> no Novo Testamento	22
Tabela 8: Ocorrências dos significados de <i>paraklēsis</i> no Novo Testamento	23
Tabela 9: Hipóteses sobre a integridade da Segunda Carta aos Coríntios	33
Figura 1: As cinco etapas da análise retórica	44
Figura 2: As cinco perguntas da análise retórica	45
Figura 3: A consolação e seus indicadores	82
Figura 4: Consolação, sofrimento e seus respectivos indicadores	83
Figura 5: Modelo de relações entre consolação, sofrimento e perseverança	90

SUMÁRIO

Introdução	8
1 Consolação divina: perspectiva bíblica	11
1.1 O tema da consolação na Segunda Carta aos Coríntios entre os exegetas	11
1.2 O tema da consolação nas Escrituras	13
1.2.1 A ocorrência de <i>parakaleō/ paraklēsis</i> nas Escrituras	14
1.2.2 O significado de <i>parakaleō/ paraklēsis</i> nas Escrituras	18
1.2.3 O tema da consolação nas Escrituras e os possíveis influxos em 2 Coríntios	23
2 Estudo exegético-retórico de 2Co 1.3-7; 7.4-13	29
2.1 Sobre a Segunda Carta aos Coríntios	29
2.1.1 Canonicidade, autenticidade e unidade	30
2.1.2 Local e data	34
2.1.3 Ocasião e finalidade	35
2.1.4 Estrutura e temas	36
2.2 Método exegético: análise retórica	37
2.3 Análise retórica de 2Co 1.3-7; 7.4-13	45
2.3.1 Primeira etapa: delimitação da unidade retórica	46
2.3.2 Segunda etapa: determinação da situação retórica	57
2.3.3 Terceira etapa: identificação da organização do texto	58
2.3.4 Quarta etapa: definição da função das estratégias argumentativas	68
2.3.5 Quinta etapa: avaliação do impacto persuasivo	73
3 A teologia da consolação segundo Paulo	79
3.1 Fonte e circunstância da consolação	79
3.2 Finalidade da consolação	84
3.3 Conexão dos sofrimentos de Cristo com a consolação	85
3.4 Disposição em compartilhar a consolação	86
3.5 A eficácia da consolação	88
3.6 Participação na consolação	93
3.7 Síntese da teologia da consolação	94
3.8 Reflexões sobre a atualidade da teologia da consolação	97
Conclusão	104
Referências bibliográficas	108

INTRODUÇÃO

No livro dos Atos dos Apóstolos, ao instruir o discípulo Ananias acerca do chamado de Paulo, o Senhor afirma: “Pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (9.16). Ao longo do cumprimento de sua missão, diante de seu empenho em tornar visível o Evangelho, o Apóstolo se deparou com o sofrimento de formas e intensidades variadas. Embora suas cartas indiquem episódios de angústia e tribulação, é na Segunda Carta aos Coríntios que Paulo descreve especificamente a natureza dos sofrimentos enfrentados. Dunn afirma que “é notavelmente em 2 Coríntios que o alcance e a seriedade do seu sofrimento recebe a sua expressão mais clara”¹. Segundo Murphy-O’Connor, o conteúdo teológico desta carta destaca o sofrimento como elemento distintivo do verdadeiro apostolado. Além disto, ao se considerar participante nos sofrimentos de Cristo, o Apóstolo Paulo se identifica com seu Senhor, discernimento que se estende a todos os cristãos².

Contudo, é também na Segunda Carta aos Coríntios que Paulo coloca em evidência a eficácia do consolo divino sobre as agruras sofridas no ministério. É no contexto de suas aflições que o poder da consolação proveniente de Deus se faz visível. O Apóstolo bendiz a fonte de todo consolo, o “Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (2Co 1.3), e nela se apoia para superar os reveses e oferecer consolação a outros aflitos. Na segunda carta que escreve à comunidade em Corinto, Paulo parte do princípio de que Deus provê consolação em meio ao sofrimento. Todavia, o Apóstolo ainda traz ao centro da consolação a figura de Cristo: “Pois assim como transbordam os sofrimentos de Cristo em nós, assim, por meio de Cristo, transborda também a nossa consolação” (2Co 1.5). Desta forma, segundo Helewa, Paulo tem sua consolação ancorada “no mistério pascal do qual participa pela graça de Cristo”³. Tal leitura cristológica da consolação amplia a perspectiva e situa o tema não apenas no que diz respeito à aflição terrena, mas o orienta para a consolação definitiva, “o consolo de Deus é, em última instância, uma realidade escatológica”⁴.

O Apóstolo Paulo estabelece no início da Segunda Carta aos Coríntios uma teologia da consolação (2Co 1.3-7) e oferece um exemplo concreto de seu dinamismo a partir

¹ DUNN, A teologia do apóstolo, p. 562. Optamos pelo sistema de referências reduzidas conforme descrito no Vade-Mecum da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. A referência completa se encontra no final do trabalho nas “Referências Bibliográficas”.

² Cf. MURPHY-O’CONNOR, Paulo: biografia crítica, p. 318.

³ HELEWA, Un ministero paolino, p. 9.

⁴ SCHMITZ, parakaleō/paraklēsis, p. 790.

do relato de seu encontro com Tito na Macedônia (2Co 7.4-13), tendo como pano de fundo a conflituosa relação com a comunidade coríntia.

A terminologia *parakaleō/paraklēsis* se encontra justamente concentrada nas referidas perícopes. No entanto, Bieringer e Schmitz destacam que seu uso no mundo grego e no judaísmo helenístico no sentido de “consolação” é raro. É mais comum na LXX, onde devem ser buscados os prováveis influxos sobre o uso que Paulo faz da terminologia⁵.

Da abordagem paulina sobre a consolação na Segunda Carta aos Coríntios, derivam-se as seguintes perguntas: por que a terminologia da consolação é tão predominante, sobretudo na abertura da carta, e quais suas possíveis influências? Que traços distinguem o uso paulino de *parakaleō/paraklēsis* nesta carta das demais? Quais as características e função da teologia da consolação que Paulo estabelece na carta? Em que se traduz a consolação divina enfatizada pelo Apóstolo? Quais as implicações da teologia da consolação como resposta ao sofrimento do cristão contemporâneo?

Diante destas perguntas, o objetivo principal do presente trabalho consiste em estudar o tema referente à consolação que procede de Deus como resposta ao sofrimento cristão tendo em vista a abordagem paulina na Segunda Carta aos Coríntios.

O percurso empreendido para a abordagem das questões propostas envolve a estruturação do trabalho em três capítulos. No capítulo inicial apresentaremos a consolação divina em uma perspectiva bíblica, buscando situar o tema nas Escrituras. No entanto, como o ponto de partida é a forma com que Paulo apresenta o tema em sua Segunda Carta aos Coríntios, em um primeiro momento faremos uma exposição de como os exegetas o tem estudado e dos principais autores aos quais recorreremos nesta pesquisa. Em seguida, sairemos da carta em estudo para verificar o tema da consolação na Bíblia em busca das possíveis fontes do uso paulino da linguagem da consolação diante da comunidade coríntia. Para tanto, levantaremos as ocorrências da terminologia *parakaleō/paraklēsis* tanto na LXX quanto no Novo Testamento (campo lexical), depois investigaremos o sentido atribuído em cada uma das ocorrências de forma a destacar o significado referente à consolação (campo semântico) e, finalmente, identificaremos os paralelos com o uso paulino em 2 Coríntios (campo temático-teológico).

O segundo capítulo fará um estudo exegético-retórico das perícopes envolvidas na pesquisa: 2Co 1.3-7; 7.4-13. Inicialmente, apresentaremos questões relevantes acerca da

⁵ BIERINGER, The comforted comforter, p. 5; SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p.776.

Segunda Carta aos Coríntios no que diz respeito à canonicidade, autenticidade, unidade, ocasião, finalidade, estrutura e temas. Na sequência, a análise retórica será apresentada de maneira mais detalhada por ser o método envolvido na exegese do texto. Entretanto, “não sendo a própria análise retórica uma metodologia uniforme” entre os autores, é nesta seção que exporemos a opções efetuadas para esta pesquisa quanto ao esquema utilizado⁶. E então, estudaremos as perícopes mediante o instrumental proposto, destacando: as unidades retóricas, a situação retórica, a organização do texto, a função das estratégias de organização do texto e o impacto da retórica envolvida nas perícopes.

O terceiro e último capítulo trará uma reflexão teológica acerca da abordagem paulina da consolação conforme analisada no capítulo precedente. A estrutura da teologia da consolação será apresentada bem como sua síntese e função para a comunidade coríntia. Logo em seguida, apresentaremos as questões que permitem a atualização do tema de forma a evidenciar as implicações da teologia estabelecida por Paulo em 2 Coríntios para o cristão contemporâneo, especialmente para os que exercem o ministério pastoral.

⁶ Cf. SANCHES, A contribuição da análise retórica, p. 136.

CAPÍTULO 1

CONSOLAÇÃO DIVINA: PERSPECTIVA BÍBLICA

Neste capítulo apresentaremos, inicialmente, uma revisão de literatura acerca do estudo do tema da consolação na Segunda Carta aos Coríntios. Em seguida, situaremos a temática no contexto bíblico, partindo do uso da terminologia *parakaleō/paraklēsis* com vistas a compreender o sentido empregado por Paulo em 2Co 1.3-7 e 7.4-13.

1.1 O tema da consolação na Segunda Carta aos Coríntios entre os exegetas

Os conceitos de paráclise e parêneze são geralmente utilizados para designar as exortações que Paulo faz em suas cartas com respeito à vida cristã na Igreja e no mundo¹. No entanto, o verbo *parakaleō* não contempla apenas o ato de exortar. Dentre os significados mais comuns, presentes nas Escrituras, Bieringer aponta: “pedir com insistência” e “consolar”. Ainda segundo Bieringer, atualmente “a consolação tem se mostrado um importante tema ético”². Inspirado por esta perspectiva de leitura, o foco do presente trabalho recai sobre o emprego que Paulo faz da terminologia *parakaleō/paraklēsis* no sentido do consolo na Segunda Carta aos Coríntios 1.3-7 e 7.4-13. Destacaremos a teologia da consolação que Paulo desenvolve nesta carta bem como suas implicações.

O levantamento bibliográfico revelou a disponibilidade de poucos estudos com ênfase no tema e nas perícopes em questão. Diante desse quadro, Winter observa:

Embora os estudiosos, geralmente, se satisfaçam em notar a predominância da linguagem do consolo (*parakaleō/paraklēsis*) em 2Co 1.3-7 e 7.5-16, e também façam menção das tradições bíblicas do consolo escatológico como seu possível pano de fundo, há uma surpreendente relutância em explorar as implicações desta exegese para nosso entendimento do propósito geral de 2 Coríntios³.

Em 1994, Bieringer e Lambrecht publicaram, na obra intitulada *Studies in 2 Corinthians*, uma lista de referências para o estudo da Segunda Carta aos Coríntios. Essa

¹ Cf. ALETTI et al. Vocabulário ponderado, p. 118.

² Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 1.

³ WINTER, The meaning and function, p. 1.

bibliografia foi expandida em 2008 por Bieringer, Nathan e Kurek-Chomycz sob o título de *2 Corinthians: a bibliography*. Nessa obra, eles compilaram uma bibliografia que comprehende, embora não de forma exaustiva, os estudos sobre esta correspondência paulina até 2007. Os autores dividiram as referências bibliográficas em três campos: 1) lista de comentários; 2) lista de referências segundo as perícopes de 2 Coríntios; 3) lista de referências segundo os temas presentes na carta⁴.

Uma revisão desse material reforça o que foi afirmado anteriormente sobre a escassez de estudos específicos acerca do tema da consolação nas perícopes 2Co 1.3-7 e 7.4-13. Das 64 obras indicadas por Bieringer *et alii* na lista de perícopes, por exemplo, apenas cinco abordam a temática em questão. Os assuntos mais comuns que envolvem tais perícopes são: a retórica da reconciliação, a participação nos sofrimentos de Cristo, o catálogo de dificuldades enfrentadas por Paulo e a análise da abertura da carta⁵. A consolação também está ausente em obras como o *Dicionário de Paulo e suas cartas*, organizado por Hawthorne *et alii*, e outras que explicitam a teologia paulina como a de James Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo*.

Na presente pesquisa optamos por recorrer a algumas obras indicadas em cada uma das três listas elaboradas por Bieringer *et alii* que também estivessem presentes na produção acadêmica posterior a 2007 sobre o tema.

Dessa forma, no que diz respeito aos comentários, consultamos os seguintes autores: Jan Lambrecht, Margaret Thrall e Victor Furnish. Cada um deles, especialmente os dois primeiros, aborda com mais detalhes a terminologia da consolação que Paulo utiliza.

Com relação às perícopes específicas sobre o tema da consolação em 2 Coríntios, destacaremos as nove principais referências utilizadas no trabalho. Primeiramente os artigos de Reimund Bieringer, *The comforted comforter* e ‘*Comfort, comfort my people*’. O primeiro, de 2011, estuda o uso de *parakaleō/paraklēsis* em 2Co 1.3-7 e 7.4-13 bem como as possíveis influências de Isaías na teologia da consolação que Paulo desenvolve. No segundo artigo, datado de 2008, Bieringer aprofunda o estudo acerca do emprego de *parakaleō/paraklēsis* no livro de Isaías com foco no sentido do consolo.

⁴ Cf. BIERINGER et al., *2 Corinthians: a bibliography*, p. VII.

⁵ Como veremos nos capítulos seguintes, esses assuntos tocam, de alguma maneira, o tema da consolação. No entanto, nossa intenção nesse parágrafo é mostrar que, geralmente, a consolação em si não tem sido o foco dos estudos acerca das referidas perícopes.

Em seguida vem o estudo de Sean Winter, *The meaning and function of Paul's "comfort" language in 2 Corinthians*, 2009, que examina o papel que a linguagem da consolação desempenha junto à situação retórica presente em 2 Coríntios.

A quarta referência é o artigo de Jonathan Kaplan, *Comfort, o comfort, Corinth: grief and comfort in 2 Corinthians 7.5-13a*, 2011, que analisa o objetivo da linguagem do sofrimento e consolação na prática pastoral paulina para com a comunidade coríntia.

Em quinto lugar, recorremos ao trabalho de Giovanni Helewa, *Un ministero paolino: consolare gli afflitti*, 1993, que explicita a riqueza pascal presente no tema da consolação e também destaca o caráter exortativo e consolador do ministério apostólico.

E finalmente, as quatro últimas referências são de autoria de Carlo Maria Martini: *In the thick of his ministry*, 1990; *As confissões de Paulo*, 1997; *La debolezza è la mia forza*, 2000; *Il vangelo di Paolo*, 2007. Nessas quatro obras, o autor, oferece uma leitura da teologia da consolação desenvolvida por Paulo em uma perspectiva pastoral.

Diante da apresentação da abordagem dos exegetas ao tema da consolação na Segunda Carta aos Coríntios, passemos agora a um exame da temática para além dessa correspondência com vistas a identificar as possíveis fontes do uso paulino da linguagem da consolação diante da comunidade coríntia.

1.2 O tema da consolação nas Escrituras

Em sua tese intitulada *Good grief: Paul as sufferer and consoler in 2 Corinthians 1.3-7*, Laura Alary pressupõe que o entendimento da ligação que Paulo faz entre sofrimento e consolação na referida correspondência demanda um contexto interpretativo mais amplo. Desta forma, a autora inicia sua investigação a partir de textos paralelos à perícope em análise⁶. No presente trabalho, de igual maneira, buscaremos os paralelos bíblicos referentes as duas perícopes que constituem nosso objeto de análise: 2Co 1.3-7 e 7.4-13. Para tanto, partiremos do campo lexical, levantando as ocorrências da terminologia *parakaleō/paraklēsis* na Bíblia. Em seguida, entraremos no campo semântico, investigando nas ocorrências levantadas anteriormente os significados a elas atribuídos, com especial atenção ao sentido enfatizado nesta pesquisa. Finalmente, em uma perspectiva temático-teológica,

⁶ Cf. ALARY, Good grief, abstract online.

identificaremos as principais aproximações do uso que Paulo faz da terminologia nas referidas perícopes de 2 Coríntios em busca de suas possíveis fontes.

1.2.1 A ocorrência de *parakaleō/paraklēsis* nas Escrituras

No que diz respeito ao Antigo Testamento, o verbo *parakaleō* ocorre 126 vezes na LXX e o substantivo *paraklēsis*, 16 vezes⁷. A terminologia *parakaleō/paraklēsis* aparece com maior frequência no livro de Isaías, são 32 ocorrências e a maior parte se encontra em Deutero Isaías (Is 40–55). O livro de 2 Macabeus ocupa o segundo lugar e nele a terminologia aparece 24 vezes ao todo.

A distribuição das ocorrências por livro da LXX pode ser visualizada em ordem crescente nas duas tabelas a seguir.

Tabela 1: Ocorrências de *parakaleō* na LXX

Livro da LXX	Número de ocorrências de <i>parakaleō</i>
Baruque*	
Zacarias	
Judite*	1
Rute	
Êxodo	
Eclesiastes	
Provérbios	
Ester	2
1 Samuel	

⁷ Os dados das ocorrências foram obtidos mediante o uso do software *BibleWorks 9.0*. Dados obtidos junto a outras fontes estão informados no texto. Quanto à LXX, cumpre informar que, ao selecionar todas as opções de apócrifos do *BibleWorks*, constam 140 ocorrências do verbo e 16 do substantivo. No entanto, consideramos na contagem os apócrifos indicados na “The Septuagint with apocrypha Greek and English” de Sir Lancelot e C. L. Brenton. Os livros seguidos de asterisco (*) representam os que não foram traduzidos do hebraico.

Juízes	3
Deuteronômio	
3 Macabeus*	
1 Macabeus*	4
1 Crônicas	
2 Samuel	
Gênesis	5
Ezequiel	
Lamentações	
Jó	6
4 Macabeus*	
Salmos	
2 Macabeus*	12
Isaías	21
	28

Tabela 2: Ocorrências de *paraklēsis* na LXX

Livro da LXX	Número de ocorrências de <i>paraklēsis</i>
Naum	1
Oséias	
Jó	
Salmos	
Salmos de Salomão*	
1 Macabeus*	2
2 Macabeus*	
Jeremias	3
Isaías	4

Nos livros da LXX escritos em grego, a terminologia *parakaleō/paraklēsis* ocorre 41 vezes. Quanto aos livros da LXX traduzidos do hebraico, o verbo aparece 89 vezes e o substantivo apenas quatro.

Segundo a concordância de Hatch-Redpath, *parakaleō* traduz 15 verbos hebraicos diferentes⁸. E desse total de verbos hebraicos traduzidos por *parakaleō*, o verbo *nāham* é o mais frequente. De acordo com Bieringer, os cognatos de *nāham* também são traduzidos, com uma exceção, pelas ocorrências do substantivo *paraklēsis*⁹.

No Novo Testamento, o verbo *parakaleō* possui 109 ocorrências alistadas em ordem crescente segundo a tabela a seguir. A maior parte dos verbos está concentrada em Atos, são 22 ocorrências. Em seguida está 2 Coríntios na qual o verbo aparece 18 vezes.

Tabela 3: Ocorrências de *parakaleō* no Novo Testamento

Livro do Novo Testamento	Número de ocorrências de <i>parakaleō</i>
2 Timóteo	1
Judas	
Efésios	
Filipenses	
Colossenses	2
2 Tessalonicenses	
Filêmon	
Tito	3
1 Pedro	
Romanos	
1 Timóteo	4
Hebreus	

⁸ Cf. HATCH-REDPATH, Concordance to the Septuagint, p. 1060. Ver também SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 776.

⁹ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 5. Ver também SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 777.

1 Coríntios	6
Lucas	7
1 Tessalonicenses	8
Mateus	9
Marcos	
2 Coríntios	18
Atos	22

Quanto ao substantivo *paraklēsis*, ele conta com um total de 29 ocorrências no Novo Testamento distribuídas em ordem crescente conforme a tabela abaixo. A maior parte se encontra em 2 Coríntios, são 11 ocorrências no total. Em segundo lugar está o livro de Atos, no qual o substantivo surge quatro vezes. Portanto, considerando a terminologia como um todo, a maior frequência se encontra em 2 Coríntios e Atos.

Tabela 4: Ocorrências de *paraklēsis* no Novo Testamento

Livro do Novo Testamento	Número de ocorrências de <i>paraklēsis</i>
1 Coríntios	
Filipenses	
1 Tessalonicenses	1
2 Tessalonicenses	
1 Timóteo	
Filêmon	
Lucas	2
Romanos	3
Hebreus	
Atos	4
2 Coríntios	11

Apresentada a quantidade de ocorrências da terminologia *parakaleō/paraklēsis* nas Escrituras bem como seus pontos de concentração, identificaremos nos dados levantados o significado atribuído a ela. Esse é o objetivo do item seguinte.

1.2.2 O significado de *parakaleō/paraklēsis* nas Escrituras

Os significados comumente atribuídos ao verbo *parakaleō* são: “chamar”, “pedir com insistência”, “solicitar”, “implorar”, “suplicar”, “apelar para”, “exortar”, “convocar a um lugar”, “fazer reunir”, “animar”, “encorajar” e “consolar”. E o substantivo *paraklēsis*, por sua vez, tem os seguintes significados: “encorajamento”, “ânimo”, “pedido sincero”, “apelo”, “exortação” e “consolo”¹⁰.

Na língua grega, o uso do verbo *parakaleō* no sentido de “exortar” e “pedir com insistência” é relativamente mais frequente do que no sentido de “encorajar” ou “consolar”¹¹. Na linguagem da consolação greco-romana é mais comum o uso do verbo *paramytheomai* e dos substantivos a ele associados. Além disto, as situações que envolvem a necessidade de consolo na tradição consolatória greco-romana estão associadas ao luto e enfermidade. Assim, nos textos filosóficos e cartas de consolação predomina o “combate ao sofrimento mediante o argumento racional”¹².

No entanto, com relação ao sentido de *parakaleō/paraklēsis* empregado na LXX, Bieringer observa que:

Na verdade, a esmagadora maioria dos casos onde *parakaleō* ocorre nos livros da Bíblia grega, com um (conhecido) equivalente hebraico, emprega o sentido de “confortar”, “consolar”. E na maior parte dos casos onde o substantivo *paraklēsis* ocorre nestes livros, o significado é de “conforto”, “consolação”. Os poucos casos nos quais *parakaleō* possui o significado de “exortar”, “solicitar”, são quase todos encontrados nas partes do texto da LXX que não tem equivalente hebraico direto¹³.

¹⁰ Cf. SCHMITZ, *parakaleō*, *paraklēsis*, p. 775; LOUW-NIDA, Léxico grego-português, p. 365, 379.

¹¹ Cf. BIERINGER, *The comforted comforter*, p. 5.

¹² WINTER, *The meaning and function*, p. 7. Diante disto, o autor considera que a diferença de Paulo em relação à tradição consolatória greco-romana é falar da consolação divina em vez de oferecer argumentação lógica em face do sofrimento e dos sofredores.

¹³ BIERINGER, *Comfort, comfort my people*, p. 1.

Portanto, o significado referente à “consolação”, que possui uma ocorrência minoritária na língua grega, constitui o sentido majoritário na LXX¹⁴. Ao contrário do que Schmitz declara sobre a ausência do verbo no sentido de “consolar” nos livros da LXX que não foram traduzidos do hebraico, Bieringer afirma que há, em alguns casos, uma semelhança com o uso paulino¹⁵. Bieringer percebe alguma correspondência no que se refere ao uso do verbo no sentido de “encorajar” ou “consolar” em meio a uma situação de aflição. Portanto, para o autor, há correspondência, por exemplo, entre 1 Macabeus 12.9; 2 Macabeus 7.6 e Romanos 15.4; 2 Macabeus 11.32 e 1 Tessalonicenses 3.2.

O uso de *parakaleō* na LXX com o sentido de “consolar”, como dito anteriormente, traduz, com mais frequência, o verbo *nāham* que significa: 1) Nifal: “lamentar por causa da miséria de outros (comadecer-se)” ou “lamentar por causa de suas próprias ações (arrepender-se)”; 2) Piel: “consolar”; 3) Pual: “consolar alguém”; “ser consolado”; “vingar-se”¹⁶.

Essa palavra hebraica era bem conhecida de todo judeu piedoso, que vivia no exílio, ao se lembrar das palavras iniciais do “Livro da Consolação” de Isaías: “Consolai, consolai o meu povo” (Is 40.1). A mesma palavra ocorre no Salmo 23.4 no qual Davi diz acerca de seu pastor celestial: “a tua vara e o teu cajado me consolam”. No entanto, muitas passagens falam de ser consolado por causa dos mortos (2Sm 10.2; 1 Cr 19.2; Is 61.2; Jr 16.7; 31.15). Pessoas foram consoladas da morte de uma criança recém nascida (2Sm 12.24), de um filho adolescente (Gn 37.35), de uma mãe (Gn 24.67), de uma esposa (Gn 38.12), *et al.* Uma mãe pode consolar seu filho (Is 66.13), mas é Deus quem consola o seu povo (Sl 71.21; 86.17; 119.82; Is 12.1; 49.13; 52.9)¹⁷.

As duas tabelas seguintes mostram a ocorrência dos significados mais comuns atribuídos à terminologia *parakaleō/paraklēsis* na LXX. Das 126 ocorrências do verbo, 30 estão no grupo referente a “exortar” e “pedir com insistência” ou “suplicar”, sendo a maior parte encontrada em 2 Macabeus. E 89 pertencem ao grupo que envolve os sentidos de “consolar” e “encorajar”. A maior concentração está presente no livro de Isaías¹⁸.

¹⁴ Cf. WINTER, The meaning and function, p. 8.

¹⁵ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 5. Ver também SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 778. *Paramytheomai* e seus cognatos contam com apenas quatro ocorrências na LXX e se encontram nos livros escritos originalmente em grego.

¹⁶ Cf. GESENIUS, Lexicon Hebraicon Chaldaicon, p. DXLIV. Ver também BIERINGER, Comfort my people, p. 2.

¹⁷ HARRIS et al., Dicionário Internacional de Teologia, p. 952.

¹⁸ As sete ocorrências restantes contemplam outros significados do verbo *parakaleō*.

Tabela 5: Ocorrências dos significados de *parakaleō* na LXX

Livro da LXX	Ocorrências de <i>parakaleō</i>	
	Exortar e suplicar	Consolar e encorajar
Gênesis	0	5
Deuteronômio	1	2
Juízes	0	3
Rute	0	1
1 Samuel	0	1
2 Samuel	0	4
1 Crônicas	0	4
Ester	0	2
Judite*	0	1
1 Macabeus*	3	1
2 Macabeus*	15	5
3 Macabeus*	2	2
4 Macabeus*	5	1
Salmos	0	12
Provérbios	2	0
Eclesiastes	0	2
Jó	0	6
Zacarias	0	1
Isaías	2	23
Baruque*	0	1
Lamentações	0	6
Ezequiel	0	6

Com relação ao substantivo *paraklēsis*, das 15 ocorrências na LXX, apenas duas tem o sentido de “exortação” e “súplica”, e 13 trazem consigo o significado de “consolação” e “encorajamento”. A maior concentração do sentido referente ao “consolo” também se encontra no livro de Isaías.

Tabela 6: Ocorrências dos significados de *paraklēsis* na LXX

Livro da LXX	Ocorrências de <i>paraklēsis</i>	
	Exortação e súplica	Consolação e encorajamento
1 Macabeus*	0	2
2 Macabeus*	1	1
Salmos	0	1
Jó	0	1
Oséias	0	1
Naum	0	1
Isaías	0	4
Jeremias	1	2

No que diz respeito ao Novo Testamento, também optamos por separar as ocorrências em dois grupos: 1) “exortar” e “suplicar”; 2) “consolar” e “encorajar”¹⁹. Das 109 vezes em que o verbo *parakaleō* ocorre no Novo Testamento, 80 se enquadram no primeiro grupo com maior concentração em Atos. São 25 ocorrências do verbo no segundo grupo e a

¹⁹ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 5. Com relação às cartas paulinas, o estudo de Bieringer mostra que Paulo emprega a terminologia *parakaleō/paraklēsis* em três sentidos principais: 1) “pedir com insistência”; 2) “exortar”; 3) “consolar ou encorajar”. No entanto, em seu artigo “Comfort, comfort my people”, Bieringer adverte que o estabelecimento preciso das ocorrências revela alguma ambiguidade em função da linha tênue que separa o encorajamento da consolação. Além disto, em alguns casos, a exortação também é feita no sentido de encorajar. SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 795-796, observa que no Novo Testamento “onde *parakalein* é usado no que diz respeito à proclamação da salvação, os elementos da súplica, exortação e consolação estão sempre entrelaçados. Desta forma, é difícil separar um sentido do outro. Existem casos em que é difícil distinguir entre exortação e consolo”.

maior parte se encontra na Segunda Carta aos Coríntios²⁰. A frequência distribuída de acordo com os respectivos livros pode ser visualizada nas tabelas a seguir:

Tabela 7: Ocorrências dos significados de *parakaleō* no Novo Testamento

Livro do Novo Testamento	Ocorrências de <i>parakaleō</i>	
	Exortar e suplicar	Consolar e encorajar
Mateus	7	2
Marcos	9	0
Lucas	5	1
Atos	18	3
Romanos	4	0
1 Coríntios	4	1
2 Coríntios	8	10
Efésios	1	1
Filipenses	1	0
Colossenses	0	2
1 Tessalonicenses	4	4
2 Tessalonicenses	1	1
1 Timóteo	4	0
2 Timóteo	1	0
Tito	3	0
Filêmon	2	0
Hebreus	4	0
1 Pedro	3	0
Judas	1	0

²⁰ As quatro ocorrências restantes contemplam outros significados do verbo.

No que se refere ao substantivo *paraklēsis*, das 29 vezes em que ele aparece no Novo Testamento, dez são empregadas no sentido de “exortação” e “súplica” com maior concentração em 2 Coríntios e Hebreus. No segundo grupo estão 19, com o sentido de “consolação” e “encorajamento”, e a maior parte se encontra em 2 Coríntios.

Tabela 8: Ocorrências dos significados de *paraklēsis* no Novo Testamento

Livro do Novo Testamento	Ocorrências de <i>paraklēsis</i>	
	Exortação e súplica	Consolação e encorajamento
Lucas	0	2
Atos	1	3
Romanos	1	2
1 Coríntios	1	0
2 Coríntios	2	9
Filipenses	1	0
1 Tessalonicenses	1	0
2 Tessalonicenses	0	1
1 Timóteo	1	0
Filêmon	0	1
Hebreus	2	1

Tendo exposto a perspectiva semântica, passaremos agora à investigação das possíveis fontes bíblicas do uso que Paulo faz da terminologia da consolação na Segunda Carta aos Coríntios.

1.2.3 O tema da consolação nas Escrituras e os possíveis influxos em 2 Coríntios

As referências do Antigo Testamento indicam que a verdadeira consolação só procede de Deus e, diante dela, todo o resto é vazio, são consolações vazias e precárias (cf. Is

28.29; Zc 10.2; Jó 21.34). Deus é o consolador de Israel cuja promessa de consolação é dada na segunda parte do livro de Isaías (cf. Is 40.1; 51.3). O consolo divino é ilustrado pela figura do pastor (cf. Is 40.11) e também da mãe (cf. Is 66.13). A última pode fazer referência ao próprio Deus, mas também a Jerusalém que, uma vez consolada, também se torna agente de consolação (cf. Is 66.11)²¹.

Schmitz observa que a consolação consiste em um termo que compreende a salvação messiânica, refletindo o que está escrito em Is 40.1. “Neste sentido se lê a respeito da ‘consolação de Sião’, os ‘dias da consolação’, os ‘anos da consolação’, a ‘consolação de Jerusalém’”²².

O uso da terminologia da consolação no Novo Testamento se aproxima do discurso rabínico acerca do consolo escatológico. O consolo prometido em Mateus, por exemplo, tem em vista a salvação final e não consiste apenas em palavras humanas de consolação (cf. Mt 5.4). Este consolo definitivo já alcança o tempo presente de forma que os que choram já são considerados bem-aventurados. Lucas menciona Simeão como aquele que esperava pela consolação de Israel, uma espera que tem como base Is 40 que se refere à era messiânica (cf. Lc 2.25). A consolação neotestamentária mostra a ação consoladora de Deus à luz da plenitude futura²³.

Em sua obra *Pauline parallels: a comprehensive guide*, Wilson destaca como paralelos veterotestamentários de 2Co 1.3-11, trecho que inclui nossa perícope, o Sl 56.13 e Is 49.13²⁴. O primeiro constitui uma aproximação do tema embora não contenha a terminologia da consolação. Este paralelo se identifica com o exemplo concreto que Paulo oferece acerca da consolação como livramento do perigo de morte (cf. 2Co 1.8-11). O segundo paralelo se assemelha à *eulogia* de 2Co 1.3-7, pois também constitui um convite ao regozijo e louvor a Deus pela consolação que ele oferece ao seu povo, embora Paulo não enfatize o coletivo.

Lambrecht atribui a frequência do vocabulário da consolação na Segunda Carta aos Coríntios à influência de Isaías, sobretudo Deutero Isaías, e Salmos, especialmente 23, 71, 86 e 74. Tais referências também expressam, como Paulo, a consolação como livramento de situações de perigo e aflição²⁵.

²¹ Cf. SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 789.

²² Ibid., p. 792.

²³ Cf. Ibid., p. 798.

²⁴ Cf. WILSON, *Pauline parallels*, p. 189. O autor também considera Is 49.13 como texto paralelo a 2Co 7.5-13a.

²⁵ Cf. LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 23.

Hofius indica uma proximidade entre o emprego que Paulo faz da terminologia da consolação em 2Co 1.3-7 e Is 49.13, 51.3 e 52.9²⁶. No entanto, ele acredita haver uma influência ainda mais intensa que pode ser encontrada nos Sl 71.21; 86.17; e 94.19. O autor apresenta duas razões para tanto: 1) assim como destacado na *eulogia* presente em 2Co 1.3-7 tais salmos mostram o indivíduo, e não a coletividade, como receptor da consolação; 2) a consolação que o indivíduo declara ter recebido de Deus serve à comunidade na medida em que o testemunho da ação divina a convida a colocar nele a sua esperança. Além disto, é possível perceber que o salmista fala a partir de um contexto que inclui a presença e ação de seus inimigos, de igual maneira Paulo tem como parte do pano de fundo de 2 Coríntios a ação de seus oponentes.

Em sua investigação acerca do emprego da terminologia da consolação no Antigo Testamento, Hofius destaca sua relação com ações concretas que demonstram a intervenção divina e o autor acredita que o fato de Paulo bendizer a Deus em 2Co 1.3-7 encontra paralelos nas declarações de louvor presentes no Antigo Testamento²⁷.

Hofius considera significativo o fato de Paulo ter citado Is 49.8 em 2Co 6.2, pois o termo *sôtēria* usado em Isaías é colocado em paralelo ao termo *paraklēsis* em 2Co 1.6. Além disto, segundo o autor, o uso do verbo *parakaleō* em Is 49.10,13 se assemelha ao uso que Paulo faz em 2Co 7.6. Portanto, Hofius conclui que “o predicativo usado para Deus em 2Co 7.6 (...) tem como base essa referência da LXX. É provável que o próprio Paulo o tenha cunhado”²⁸.

Bieringer adverte, contudo, que não podemos perder de vista Is 40.1-4; 51.18-21; 54.11 e Sl 119.50. Segundo esse autor, os paralelos mais significativos em termos de influência para o uso paulino da terminologia da consolação se encontram em Deutero e Trito Isaías.

O esquema aflição, consolo divino e alegria posterior que Paulo faz saltar aos olhos quando apresenta a chegada de Tito como consolação em 2Co 7.5-7,13, também pode ser encontrado em Is 49.8-13; 51.4; 66.10,13,14. Bieringer observa que “a construção participial *ho parakalōn* usada para Deus é encontrada em Is 51.12”²⁹. O autor ainda salienta que o uso que Paulo fez da terminologia da consolação em 1 Tessalonicenses, Filêmon, Filipenses e 1 Coríntios não apresenta Deus como sujeito da consolação. Tal conotação

²⁶ Cf. HOFIUS, Der Gott allen trostes, p. 246, apud BIERINGER, The comforted comforter, p. 5.

²⁷ Cf. Ibid., apud GARLAND, Second Corinthians, p. 59.

²⁸ Ibid., p. 248, apud BIERINGER, The comforted comforter, p. 5.

²⁹ BIERINGER, op. cit., p. 6.

teológica em 2 Coríntios indica que Paulo está ancorado no Livro da Consolação em Isaías, evidenciando a intervenção salvadora de Deus³⁰.

Assim como em Is 57.18, Paulo mostra que a verdadeira consolação só provém de Deus (cf. 2Co 1.3,4). É Deus que “transforma a desolação inicial em perfeita consolação tanto em indivíduos quanto no seu povo”³¹.

A consolação divina apresentada em Deutero e Trito Isaías se vale de metáforas tais como:

O gentil encorajamento de um pastor para com os vulneráveis (40.11); a proteção por parte de um líder (40.11); a restauração dos desertos em jardins frutíferos (51.3); a cura (57.18); a paz (57.18); a reconstrução de ruínas antigas (61.4); a renovação de cidades destruídas (61.4); o cuidado de uma mãe (66.1)³².

Assim, tendo essas metáforas em mente, o uso paulino da terminologia da consolação na Segunda Carta aos Coríntios também aponta para a restauração que o relacionamento entre o Apóstolo e a comunidade requer³³.

De acordo com Thrall, “o uso relativamente frequente no Novo Testamento de *parakaleō* com o significado de ‘consolar’ pode ser devido à sua ocorrência na LXX como tradução do hebraico *nāham*”. A autora explica que em Deutero Isaías esse verbo é empregado para se referir ao alvorecer do tempo messiânico no qual o próprio Deus consolaria seu povo (cf. Is 40.1; 51.12). Desta forma, é plausível que a terminologia relacionada à consolação no Novo Testamento traga consigo referência “à realização da esperança messiânica”. De igual maneira, pode ser possível que em 2Co 1.3-7 Paulo tenha concebido sua experiência apostólica como parte da consolação messiânica³⁴. Nesse sentido, o Apóstolo Paulo atua como os profetas que, segundo Schmitz, representavam “o depositário humano mais importante do consolo divino”. Os profetas consolam e julgam ao mesmo tempo, mas “na memória das gerações posteriores são tidos predominantemente como consoladores”³⁵.

³⁰ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 6.

³¹ SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 789.

³² BIERINGER, op. cit., p. 7. O autor afirma que a teologia da consolação que Paulo desenvolve em 2Co 1.3-7 foi gerada a partir de sua experiência concreta de consolação e moldada com base em Deutero e Trito Isaías. A teologia da consolação será abordada no capítulo 3 desta pesquisa.

³³ Cf. Ibid.

³⁴ THRALL, The Second Epistle, p. 103.

³⁵ SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 790.

No estudo de Jonathan Kaplan, além do influxo de Isaías, o autor postula que a linguagem paulina em 2Co 7.5-13a aponta para uma possível influência de Lamentações 1-2. Dessa forma, Paulo teria se apropriado da linguagem presente em Deutero Isaías e Lamentações 1-2 na interpretação da experiência dos coríntios, usando uma lente cristológica. O léxico teológico que Paulo usa entre a comunidade coríntia procede, segundo o autor, das expressões de dor e alienação presentes em Lamentações 1-2 e das palavras de consolo e reconciliação de Deutero Isaías³⁶.

O tema prevalente em Lamentações 1-2 é a ausência de consolo para a Filha de Sião (cf. Lm 1.2,9,16,17,21; 2.13) e Kaplan afirma que a promessa de consolo, restauração e reconciliação em Deutero Isaías é uma resposta aos poemas de Lamentações. Segundo o autor, o entendimento paulino da experiência de dor e consolação recebe tal influência.

A retórica de Paulo em 2 Coríntios serve a uma função social similar, entre a comunidade coríntia, às palavras de Deutero Isaías à comunidade judaica exilada. A mensagem de consolo de Paulo é dada a uma comunidade cujo relacionamento com seu líder fora tensionado quase ao ponto do rompimento (2Co 1-4; 7.8). Seu anúncio do consolo de Deus é proposto para provocar uma fidelidade renovada por parte dos coríntios ao evangelho (1.1-7; 7.11,12). Central a este anúncio está o reconhecimento do perdão de Deus com relação aos pecados dos coríntios e da contínua participação na presente obra redentora de Deus (7.10-12)³⁷.

Além disto, o autor esclarece que a alusão a esses textos permite que Paulo utilize o paradigma da dor e consolação de forma a introduzir o significado da presença de Cristo na vida e sofrimento tanto desta quanto de outras comunidades. “Em última instância, Paulo vê a participação dos coríntios neste ciclo de sofrimento e consolo como identificação com os sofrimentos do Messias e com a ‘abundante consolação’ tornada possível através dele (cf. 2Co 1.5)”³⁸. Dessa forma, assim como fez Isaías, Paulo comunica palavras de consolação à comunidade em meio a situações marcadas pela aflição. No entanto, o Apóstolo mostra à comunidade que a morte e ressurreição de Jesus oferecem uma resposta ao sofrimento e faz um convite para que perseverem no Evangelho.

De maneira geral, os exegetas concordam que a terminologia da consolação que Paulo utiliza na Segunda Carta aos Coríntios tem como pano de fundo a linguagem do

³⁶ Cf. KAPLAN, Comfort, o comfort, Corinth, p. 439-440.

³⁷ Ibid., p. 442.

³⁸ Ibid., p. 444.

consolo escatológico. Recorrendo a esta fonte, Paulo faz referência ao cumprimento da esperança de Israel e situa “sua própria experiência dentro desta moldura escatológica”³⁹.

Os salmos mencionados anteriormente oferecem um panorama de intervenção divina em favor do indivíduo, ou da coletividade, em situações adversas que requerem resgate, mas não são suficientes, por si só, para explicar o uso paulino da terminologia da consolação em 2 Coríntios. Há ainda evidências de outra fonte que os exegetas encontram na tradição da consolação escatológica de Israel, sobretudo em Deutero Isaías⁴⁰.

Ao fazer uso destas fontes em sua experiência com a comunidade coríntia, o Apóstolo Paulo não tem em mira apenas a demonstração da ação de Deus em seu favor no meio da aflição pessoal, mas coloca em evidência a intervenção de Deus na história da salvação, inaugurando uma nova era a partir da morte e ressurreição de Jesus⁴¹. A linguagem paulina da consolação aprofunda, dessa forma, a participação da comunidade na consolação divina, na morte e ressurreição do Messias e, consequentemente, no cumprimento da esperança da consolação de Israel.

No capítulo a seguir passaremos ao estudo da consolação na Segunda Carta aos Coríntios, sobretudo nas perícopes 1.3-7 e 7.4-13, mediante o emprego da análise retórica com vistas a examinar a abordagem paulina do tema.

³⁹ WINTER, The meaning and function, p. 4.

⁴⁰ Cf. Ibid., p. 8-9.

⁴¹ Cf. Ibid., p. 13.

CAPÍTULO 2

ESTUDO EXEGÉTICO-RETÓRICO DE 2Co 1.3-7; 7.4-13

Antes de iniciar a exegese do trecho em estudo, apresentaremos neste capítulo questões relevantes presentes no panorama da Segunda Carta aos Coríntios. Em seguida, passaremos à exposição do método da análise retórica que será empregado na exegese das referidas perícopes.

2.1 Sobre a Segunda Carta aos Coríntios

A Segunda Carta aos Coríntios faz parte da interação entre Paulo e a comunidade cristã da Acaia e, ainda que com lacunas de informações acerca dos acontecimentos, mostra a atitude de Apóstolo diante dos desafios enfrentados no relacionamento com os fiéis de Corinto¹. Esta carta permite que se perceba o encorajamento e a angústia, o consolo e a indignação do Apóstolo na relação com os coríntios. É nesta correspondência que Paulo descreve com maior intensidade suas dores e alegrias, temores e convicções, força e fraqueza². Paulo não é imune às críticas e adversidades, mas reage a elas a partir de seu relacionamento com Deus em Cristo.

Embora 2 Coríntios seja a carta mais pessoal do Apóstolo Paulo, não seria adequado interpretá-la apenas a partir da perspectiva autobiográfica, pois a defesa que ele faz de si mantém em foco o apostolado cristão³. Sua importância reside na reflexão significativa que Paulo faz do ministério apostólico⁴. Portanto, “não é exagero ver nela a mais desenvolvida reflexão de fé sobre o ‘ministério’ (*diakonia*) eclesial no Novo Testamento”⁵.

¹ Cf. THRALL, The Second Epistle, p. 1.

² Cf. FURNISH, II Corinthians, p. 3.

³ Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 1; BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 120.

⁴ Cf. LAMBRECHT, op. cit., p. ix.

⁵ BARBAGLIO, op. cit., p. 135.

2.1.1 Canonicidade, autenticidade e unidade

No que diz respeito aos testemunhos sobre a canonicidade de 2 Coríntios destaca-se o catálogo que Marcião, aproximadamente no ano 150, redigiu acerca das cartas paulinas e em cujo elenco se encontram as correspondências destinadas à comunidade de Corinto (1Co e 2Co). Elas também estão presentes nas dez epístolas paulinas mencionadas no Papiro 46, aproximadamente do ano 200, bem como no fragmento publicado por A. Muratori em 1740, redigido em latim e datado provavelmente do final do segundo século⁶.

As indicações mais claras da presença de 2 Coríntios no *corpus paulinum* são da metade do segundo século. Mesmo que não haja, anterior a este período, evidência de que 2 Coríntios fosse conhecida pela Igreja, isto não implica no questionamento da autenticidade da carta. Ela é um escrito paulino em forma, estilo e conteúdo⁷.

Entretanto, sua leitura e interpretação estão ligadas às soluções propostas aos problemas de crítica literária colocados pela própria carta⁸. As decisões tomadas a este respeito trazem consigo implicações referentes à exegese do texto⁹. A questão-chave que se impõe diante de 2 Coríntios é: estamos diante de um escrito paulino unitário destinado aos fiéis de Corinto ou de várias cartas para tal comunidade que foram reunidas e unificadas por volta do fim do primeiro século?¹⁰ A integridade literária de 2 Coríntios é uma questão complexa, cujas respostas têm que se apoiar, de alguma forma, na especulação¹¹.

Os pontos principais que suscitam questionamentos entre os estudiosos são:

- a) a apologia do ministério apostólico que Paulo apresenta em 2.14–7.4, interrompendo o fluxo da narração sobre os acontecimentos em Trôade e Macedônia, retomado a partir de 7.5;
- b) o trecho de caráter judaico de 6.14–7.1;
- c) os dois capítulos sobre a coleta para Jerusalém, 8 e 9;
- d) a mudança de tom na defesa do apostolado nos capítulos 10–13.

⁶Cf. BARBAGLIO, São Paulo, p. 224, 225; FURNISH, II Corinthians, p. 29.

⁷Cf. FURNISH, op. cit., p. 30.

⁸Cf. BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 119.

⁹Cf. THRALL, The Second Epistle, p. 2.

¹⁰Cf. BARBAGLIO, op. cit., p. 119.

¹¹Cf. FURNISH, op. cit., p. 34; BARBAGLIO, op. cit., p. 126.

Além disto, em 2Co 2.3,4 e 7.8, o Apóstolo menciona uma carta escrita entre lágrimas, provavelmente fruto de um incidente desagradável ocorrido em uma de suas visitas à comunidade. Esta carta, cujo objetivo era provar a obediência dos coríntios (2.9), e que entristecera os destinatários, também faz parte dos debates sobre 2 Coríntios. Tal correspondência é, em geral, conhecida como “carta entre lágrimas”. Alguns acreditam que ela se perdeu e outros defendem que ela esteja parcial ou integralmente inserida em 2 Coríntios nos capítulos 10–13¹².

No que diz respeito à integridade, a maior parte dos exegetas defende que a 2 Coríntios canônica é o resultado da compilação de diversas cartas do Apóstolo Paulo aos coríntios. As divergências variam em torno da quantidade de cartas, ou trechos de cartas, presentes na 2 Coríntios conforme conhecemos¹³. Há um consenso crescente de que ela pode ser dividida em duas cartas, sendo a primeira os capítulos 1–9, e a segunda 10–13. Porém, há os que sugerem a compilação de três ou mais cartas, conforme será visto mais adiante. E, além destes, existe uma minoria que sustenta a hipótese da unidade da carta¹⁴.

A primeira sugestão de que 2 Coríntios seja resultado da combinação de diversas cartas paulinas distintas procede de J. S. Semler em 1776¹⁵. Ele parte da análise dos capítulos 8 e 9 que tratam da coleta e defende que Paulo não abordaria o mesmo assunto duas vezes na mesma carta, utilizando praticamente os mesmos argumentos. Portanto, ele conjectura que 2 Coríntios contenha diversas cartas mais curtas enviadas por Paulo a outras cidades da Acaia. Desta forma, o esquema de Semler comporta três cartas em 2 Coríntios assim divididas: primeira carta: 1–8 + 13.11–13; segunda carta: 9; terceira carta: 10.1–13.10¹⁶.

Em seu comentário, Margaret Thrall apresenta um esquema que segue a mesma linha de Semler com pequenas alterações. Thrall sugere que existam três cartas em 2 Coríntios, a saber: primeira carta: 1–8; segunda carta: 9; terceira carta: 10–13.

¹² Dentre os comentaristas pesquisados, Thrall, Furnish e Lambrecht acreditam que não temos mais a “carta entre lágrimas”. Barbaglio, em sua obra “São Paulo”, p. 216, afirma o mesmo. No entanto, em sua obra “1-2 Coríntios”, p.124, ele concorda com R. Pesch que a identifica, sem endereço e introdução, em 2Co 10–13.

¹³ O comentário de Thrall apresenta, no primeiro volume, o desenvolvimento do debate em torno da integridade de 2 Coríntios a partir do século XVIII. Ela expõe detalhadamente os argumentos contrários e favoráveis às propostas existentes acerca da fragmentação e também da unidade da carta.

¹⁴ Cf. HAFEMANN, Cartas aos coríntios, p. 286.

¹⁵ Semler é citado tanto no comentário de Thrall, p. 4, quanto de Furnish, p. 35.

¹⁶ Cf. THRALL, The Second Epistle, p. 4.

Furnish, por sua vez, também parte do trabalho de Semler e sustenta a hipótese de que 2 Coríntios resulte da união das partes majoritárias de duas cartas distintas: primeiramente os capítulos 1–9 e, mais tarde, os capítulos 10–13¹⁷.

Barbaglio sugere a existência de três ou cinco cartas em 2 Coríntios, dependendo da hipótese adotada quanto aos capítulos 8 e 9: em primeiro lugar encontra-se a carta apologética (2.14–7.4) em resposta à ação dos oponentes que tentavam minar a autoridade apostólica paulina junto aos fiéis de Corinto; em seguida, diante do agravamento deste conflito, tem-se a carta polêmica (10.1–13.10); posteriormente, tendo em vista as boas notícias trazidas por Tito, Paulo escreve a carta da reconciliação (1.1–2.13 + 7.5–16); e, finalmente, após a reconciliação ou simultaneamente, o Apóstolo envia as duas cartas acerca da coleta, uma para Corinto (8) e outra para as igrejas da Acaia (9)¹⁸. Desta forma, a 2 Coríntios, conforme se conhece, seria fruto de um trabalho posterior de unificação desse intercâmbio realizado entre os anos 54 e 55¹⁹.

Dentre os comentaristas pesquisados para este trabalho, Jan Lambrecht se encontra entre os que tratam a carta como texto unitário, embora reconheça as dificuldades que ela impõe pelas questões já mencionadas, pela falta de informação precisa sobre o que de fato aconteceu na relação entre o Apóstolo e a comunidade, e também pelo tom emocional que dificulta seguir sua linha de argumentação²⁰.

A 2 Coríntios situa-se, segundo o autor, entre a segunda e a terceira visita de Paulo a Corinto, após a “carta entre lágrimas” aproximadamente no ano 54, de acordo com o esquema abaixo:

Primeira visita de Paulo a Corinto (49-51)

(A) Carta prévia (53)

¹⁷ Cf. FURNISH, *II Corinthians*, p. 35.

¹⁸ Cf. BARBAGLIO, São Paulo, p. 217.

¹⁹ Em sua obra “1-2 Coríntios”, p. 126, Barbaglio adere ao argumento de R. Pesch que atribui o cap 8 à carta apologética e o 9 à carta da reconciliação, portanto, opta pela presença de três cartas em 2 Coríntios. Ele afirma que a hipótese de Pesch “evita multiplicar sem necessidade as cartas paulinas reunidas pelo compilador em nossa 2 Coríntios”.

²⁰ LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 2. Hafemann, que também adotou em seu comentário a hipótese da unidade da carta, afirma que esta posição costuma ser sustentada, entre outros argumentos, a partir de uma noção de heterogeneidade presente na igreja de Corinto. Assim, os capítulos 1–9 seriam dirigidos basicamente à maior parte da igreja que havia se reconciliado com Paulo. E os capítulos 10–13 destinados aos oponentes que insistiam em atacar o Apóstolo e tentar influenciar a comunidade. Estes dois “públicos” explicariam as mudanças de tema e tom (cf. HAFEMANN, *Cartas aos coríntios*, p. 286).

(B) 1 Coríntios (primavera de 54; cf. 16.8)

Segunda visita: a visita dolorosa (54)

(C) Carta entre lágrimas (54)

(D) 2Coríntios (54)

Terceira visita (54-55)

Lambrecht acredita que a “carta entre lágrimas” não chegou até nós, assim como a que ele chama de “carta prévia” citada em 1Co 5.9.

A tabela a seguir oferece um resumo das propostas apresentadas a respeito da integridade de 2 Coríntios.

Tabela 9: Hipóteses sobre a integridade da Segunda Carta aos Coríntios

Lambrecht														
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
Furnish														
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
Thrall														
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
Barbaglio														
1	2.13	2.14	3	4	5	6	7.4	7.5 16	8	9	10	11	12	13

É possível perceber que, com exceção de Barbaglio, os capítulos 1–8 são considerados como pertencentes ao mesmo conjunto, o mesmo acontece com os capítulos 10–13. No entanto, é preciso esclarecer que, para Barbaglio, a ordem canônica não é a ordem cronológica. Das três cartas sugeridas pelo autor tem-se a seguinte sequência: primeira carta (apologética) 2.14–7.4 + 8; segunda carta (polêmica ou entre lágrimas) 10–13; terceira carta

(de reconciliação) 1.1–2.13 + 7.5–16 + 9. Mesmo para Barbaglio, os dois textos que consideramos pertencem, com exceção de um verso, à mesma camada literária.

As discussões apresentadas até aqui representam o ponto de partida para abordagem de 2 Coríntios na medida em que a opção escolhida em relação à integridade da carta pode repercutir no tratamento do texto²¹. No momento, a presente pesquisa opta pela a hipótese adotada por Lambrecht referente à unidade de 2 Coríntios, embora reconheça as dificuldades que se opõem a este posicionamento.

Lambrecht faz uma avaliação crítica das hipóteses de fragmentação e defende que nenhum tipo de interrupção da narrativa, alteração de vocabulário ou tom na argumentação é tão significativo a ponto de sugerir que a ordem presente em 2 Coríntios não possa representar uma única carta²². Lambrecht acrescenta que as propostas de fragmentação, especialmente as que defendem um número maior de cartas compiladas, devem se cercar de diversas conjecturas que nem sempre são convincentes. As hipóteses de partição são forçadas a situar as supostas cartas e fragmentos no conturbado contexto de relações entre Paulo e os coríntios. Além disto, o autor acredita ser possível que a proposta de divisão use como critério a exigência de uma congruência tal que seria mais adequada a uma exposição sistemática e não a uma carta, como é o caso de 2 Coríntios.

2.1.2 Local e data

De acordo com Lambrecht, Paulo esteve primeiramente em Corinto quando da fundação desta comunidade por volta de 49–51. O relato de 2Co 1.23–2.1 pressupõe uma segunda visita que acabou por se tornar dolorosa, motivando a chamada “carta entre lágrimas” (2.3,4,9; 7.8,12) que foi levada por Tito aos coríntios.

Para o autor, a 2 Coríntios canônica é posterior à carta que Paulo menciona ter sido escrita em meio à aflição, angústia de coração e entre lágrimas. Nos versículos 2.12,13, o Apóstolo relata ter chegado a Trôade. No entanto, mesmo com a promissora oportunidade missionária naquele local, a inquietude de Paulo à espera das informações que Tito traria, o conduziu à Macedônia. Portanto, é desta região que ele teria escrito 2 Coríntios após o

²¹ Cf. BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 119; THRALL, The Second Epistle, p. 1.

²² Para uma descrição detalhada de seus argumentos a favor da unidade de 2 Coríntios ver LAMBRECHT, Second Corinthians, p.9.

recebimento das boas notícias trazidas por Tito (7.5-16; 9.4), provavelmente no outono de 54²³.

2.1.3 Ocasão e finalidade

No final da Primeira Carta aos Coríntios, Paulo declara seus planos de viagem (16.5-9). Entretanto, pelas explicações que o Apóstolo presta em 2 Coríntios, pode-se perceber que o planejamento não aconteceu conforme o esperado (1.15–2.1). Houve, em sua segunda visita aos coríntios, um incidente desagradável no qual Paulo foi ofendido²⁴. E ainda que 2 Coríntios não apresente maiores detalhes do ocorrido, sabemos que Paulo lhes enviou a chamada “carta entre lágrimas” (2.3,4).

Posteriormente, diante da chegada de Tito com o relato positivo acerca da reação dos coríntios à referida carta, o Apóstolo escreve a 2 Coríntios²⁵.

Mesmo que Paulo demonstre otimismo com as notícias trazidas por Tito (7.4-16), ele sabe que a reconciliação não é unânime, ainda existe oposição. Por isto, explica seu itinerário de viagem e os motivos de não ter voltado a Corinto como prometera (1.15-17 e 1.23–2.1); e também defende seu ministério diante dos opositores que questionam a legitimidade de seu apostolado (2.14–3.6; 4.1-15,16; 5.11,12; 6.4-10). O desejo de Paulo parece ser o de “fortalecer os que se arrependeram e reconquistar a minoria recalcitrante”²⁶.

Desta forma, o tom apologético em 2 Coríntios pode refletir a busca da reconciliação com os coríntios que tinham cedido à influência dos adversários. No empenho pela restauração do relacionamento com a comunidade, Paulo se dirige a eles como um pai a seus filhos²⁷. No entanto, não deixa de marcar, em tom severo, a diferença entre o verdadeiro e o falso apóstolo, de forma que a comunidade possa identificar e assumir posição ao seu lado. E assim o faz na esperança de que os coríntios mudem de atitude antes de sua terceira

²³ Cf. LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 4-6.

²⁴ Assim como no que diz respeito à identidade exata dos oponentes de Paulo em Corinto, não existem dados suficientes para precisar quem seja o ofensor ou a natureza da ofensa sofrida. Sobre este tema, o comentário de Thrall, p. 61-69, apresenta detalhadamente as propostas existentes, bem como os argumentos contrários e favoráveis.

²⁵ Considerando o esquema de Lambrecht, apresentado em 2.1.1, a Segunda Carta aos Coríntios corresponde, na verdade, à quarta correspondência de Paulo a esta comunidade.

²⁶ HAFEMANN, *Cartas aos coríntios*, p. 286.

²⁷ Cf. LAMBRECHT, *op. cit.*, p. 12.

visita, a fim de que ele não tenha que usar com rigor a autoridade que Deus lhe conferiu (13.10).

2.1.4 Estrutura e temas

O esquema estrutural proposto por Lambrecht é dividido nas cinco partes apresentadas a seguir²⁸:

Saudação aos santos (1.1,2)

Bendição a Deus (1.3-11)

I. Credibilidade de Paulo (1.12–2.13)

II. Apostolado de Paulo (2.14–7.4)

III. Retorno de Tito (7.5-16)

IV. Coleta (8–9)

V. Autodefesa de Paulo (10.1–13.10)

Exortação final, saudações e benção (13.11-13)

O tema relacionado à defesa do apostolado permeia 2 Coríntios, sendo mais evidente em dois momentos: o primeiro no trecho 2.14–7.4, no qual há uma apologia em tom mais brando; e depois nos capítulos 10–13, nos quais o Apóstolo se defende de maneira mais severa, opondo-se aos ataques de seus adversários.

A defesa do apostolado traz consigo o tema do serviço e, dentro dele, o contraste “fraqueza humana/poder divino”²⁹. Ele apresenta com mais detalhes as circunstâncias que envolvem sua identidade apostólica: os sofrimentos enfrentados, a oposição contínua e a pressão interna sofrida em função do cuidado com as comunidades³⁰.

Outro tema que se destaca em 2 Coríntios é “a relação entre o sofrimento e a glória, a forma como a experiência apostólica paulina determina e exemplifica esta relação”³¹.

²⁸ LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 10.

²⁹ BARBAGLIO, *1-2 Coríntios*, p. 175.

³⁰ Cf. LAMBRECHT, *op. cit.*, p. 1.

³¹ Na opinião de Hafemann, este é o tema teológico central de 2 Coríntios (cf. HAFEMANN, *Cartas aos coríntios*, p. 288). Acreditamos que esta temática que Hafemann percebe em 2 Coríntios parte

E, tendo os argumentos baseados em sua escatologia e cristologia, Paulo demonstra que seu sofrimento não é algo que depõe contra sua legitimidade, antes “é o instrumento que Deus ordenou para validar seu apostolado e manifestar o conhecimento de seu poder e sua glória, agora revelados no Evangelho de Cristo”³². O Apóstolo demonstra que a participação nos sofrimentos de Cristo o conduz a participar também da consolação e, assim, ser instrumento na consolação de outros em meio às aflições (1.5-7).

2.2 Método exegético: análise retórica

Entendida em um sentido amplo, a retórica representa a “arte do discurso”. Em sentido restrito, por sua vez, refere-se à “arte do discurso partidário” no qual, literalmente, existe o objetivo de defender uma parte. A elaboração deste discurso serve-se de normas destinadas a causar o efeito pretendido por aquele que fala no ouvinte³³. Portanto, o uso da retórica está ligado ao alcance de propósitos estabelecidos pelo orador ou escritor. Alcance que se mede pelos efeitos suscitados no público em termos de convencimento³⁴.

A antiga arte da persuasão greco-romana parte de uma cultura essencialmente oral, na qual a produção escrita era uma empreitada cara e a taxa de alfabetização girava em torno de 5% a 20%. Geralmente, os documentos não eram escritos para deleite particular, mas para serem lidos diante de um público. Desta forma, os textos eram elaborados tendo em mente sua exposição oral. O público, alfabetizado ou não, atribuía valor e preferência à palavra falada³⁵.

A cultura bíblica está inserida nesta cultura oral e o contexto do Novo Testamento se encontra imerso no uso da retórica. Não obstante o emprego da abertura e encerramento epistolar, a maior parte das cartas do Novo Testamento está mais próxima do discurso que da epistolografia. São discursos retóricos cujo conteúdo é lido aos destinatários em nome do remetente que, por algum motivo, não pode estar presente. O remetente procurava enviar a carta sob os cuidados de quem, provavelmente, também faria sua leitura. Paulo, por exemplo, contava com alguns de seus cooperadores como Timóteo, Tito ou Febe. Assim, aquele que “já

justamente da teologia da consolação que Paulo estabelece no início da correspondência. A discussão a este respeito será mais desenvolvida na exegese e no capítulo 3 deste trabalho.

³² HAFEMANN, Cartas aos coríntios, p. 288.

³³ Cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p. 75.

³⁴ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 13.

³⁵ Cf. WITHERINGTON, New Testament, p. 1.

conhecia o conteúdo do documento poderia colocar a ênfase nos lugares corretos e então comunicar efetivamente a mensagem”³⁶.

Portanto, a análise retórica desempenha função significativa no exame destes escritos: “a retórica não é tão somente algo que ilumina Paulo e outras porções do chamado ‘corpus’ epistolar no Novo Testamento. É uma ferramenta necessária para analisá-lo”³⁷.

Muitos estudos recentes tem prestado uma grande atenção à presença da retórica na Escritura. É possível distinguir três abordagens diversas. A primeira se baseia na retórica clássica greco-latina; a segunda faz atenção aos procedimentos de composição semítica; a terceira se inspira na pesquisa moderna, chamada “nova retórica”³⁸.

A análise retórica, segundo Witherington, não deseja apenas saber como os escritores do Novo Testamento usaram a retórica antiga, mas como eles a adaptaram aos objetivos de comunicação da mensagem cristã. Desta forma, o primeiro passo consiste em questionar o texto, partindo de questões históricas adequadas, acerca do que o remetente original tinha em mente³⁹.

Muitos estudos tem demonstrado que nos escritos neotestamentários, especialmente nas cartas paulinas, podem ser encontrados exemplos do uso de microrretórica, isto é, o emprego de recursos retóricos como entimemas, ironia, perguntas retóricas, hipérbole e outros. Por outro lado, é controversa a concordância dos estudiosos quanto ao uso, no Novo Testamento, da macrorretórica, ou seja, o emprego da estrutura retórica geral no que se refere à ordem do discurso: *exordium, narratio, propositio, probatio, refutatio e peroratio*. No Novo Testamento, esta macroestrutura retórica pode ser encontrada nas cartas paulinas, 1 Pedro, na Carta aos Hebreus e 1 João. E em alguns casos ela se encontra inserida, por exemplo, em uma moldura epistolar. Desta forma, a introdução e o encerramento do documento refletem a estrutura epistolar antiga, porém o mesmo pode não acontecer com a elaboração do corpo da carta⁴⁰.

³⁶ WITHERINGTON, New Testament, p. 3.

³⁷ Ibid., p. 5.

³⁸ PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA, *L’interpretazione della Bibbia*. Optamos por empregar a retórica clássica conforme o percurso indicado nas obras de Kennedy e Witherington. Tais autores não se limitam a ser descritivos, risco contra o qual o referido documento adverte.

³⁹ Cf. WITHERINGTON, op. cit., p. 6.

⁴⁰ Segundo Witherington, Paulo emprega a retórica em suas cartas com flexibilidade (cf. WITHERINGTON, op. cit., p. 7-8). Isto remete ao artigo de Romano Penna, “la questione della dispositio rhetorica”, onde ele compara a Carta aos Romanos com a Carta 7 de Platão e a Carta 95 de

As cartas paulinas representam um discurso que o Apóstolo faria se estivesse presente, portanto foram elaboradas com o objetivo de causar impacto nos destinatários. “Elas não foram escritas como meros tratados teológicos ou éticos. A crítica retórica pode nos auxiliar na compreensão da natureza dinâmica e interativa destes documentos”⁴¹.

Antes de passar à descrição do método da análise retórica, vejamos os elementos constitutivos de um discurso retórico. Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que o discurso é construído conforme sua finalidade. Neste sentido, existem três gêneros de discurso, definidos por Aristóteles, que cumprem propósitos distintos⁴²:

a) O **gênero judiciário** está conectado a eventos passados e a intenção do orador/escritor é persuadir o público/leitor a acatar a defesa ou acusação efetuadas ao longo do discurso. Este tipo de discurso procura estabelecer o que é verdadeiro e o que é falso, o justo e o injusto.

b) O **gênero deliberativo** tem como foco as decisões futuras. Nele o orador/escritor deseja persuadir o público/leitor acerca do benefício ou prejuízo de determinada escolha. É o tipo de discurso que estabelece a utilidade ou não das decisões tomadas diante das circunstâncias.

c) O **gênero epidítico** está ligado ao tempo presente e o orador/escritor tem a intenção de convencer o público/leitor a compartilhar convicções e valores. Este tipo de discurso lida com a aprovação ou reprovação, elogio ou censura.

A determinação do gênero retórico em um documento auxilia no entendimento do objetivo de quem emite a mensagem⁴³. No entanto, cumpre advertir que a distinção entre os gêneros nem sempre salta aos olhos na prática. Portanto, recomenda-se que a determinação do gênero seja feita a partir das proposições nas quais se baseiam os argumentos⁴⁴.

O discurso possui fases emocionais progressivas que influenciam sua capacidade persuasiva. O emprego da retórica pelo orador/escritor suscita emoções diferentes em intensidades diversas a fim de persuadir o público/leitor não apenas pela racionalidade dos

Sêneca. Ele conclui que Platão e Sêneca, mestres da retórica, não empregaram rigorosamente a *dispositio* em suas cartas. Então questiona: se eles escreveram com tal liberdade, por que Paulo não faria o mesmo? O documento da Pontificia Comissione Biblica adverte que a análise retórica deve ser empregada com discernimento, mantendo em mente questões do tipo: “até que ponto os autores seguiram as regras da retórica para compor seus escritos? Não é arriscado atribuir a certos textos bíblicos uma estrutura retórica elaborada demais?”.

⁴¹ WITHERINGTON, New Testament, p. 8.

⁴² Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 95.

⁴³ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 31.

⁴⁴ Cf. ALETTI et al., op. cit., p. 96.

argumentos, mas também procura envolvê-lo afetivamente. Então, a progressão das emoções está ligada aos elementos básicos e universais presentes em cada situação retórica: o orador, o discurso e o público⁴⁵:

a) O *ethos* tem a ver com a figura do orador/escritor em termos da credibilidade que resulta de sua conduta, autoridade, caráter. Geralmente, no início do discurso, busca-se apelar às emoções mais simples e superficiais como cordialidade, benevolência, afabilidade. O objetivo é deixar claro que o mensageiro é digno de confiança, e suas palavras também.

b) O *logos* está ligado ao discurso propriamente dito, à disposição e elaboração dos argumentos. Neste ponto, a progressão do pensamento está ligada, sobretudo, ao raciocínio dedutivo e indutivo.

c) O *pathos*, por sua vez, conecta-se diretamente aos efeitos a serem suscitados no público/leitor e que motivaram o discurso entregue. Ao final da argumentação, o orador/escritor lança um apelo a emoções mais profundas – amor ou ódio, ira ou compaixão – de forma que o público/leitor reaja ao discurso da maneira tencionada pelo orador/escritor.

O preparo e realização do discurso envolvem cinco operações⁴⁶:

a) A *inventio* é a etapa em que, uma vez escolhido o tema a ser abordado, o orador/escritor procura reunir os argumentos que serão utilizados para sustentá-lo.

b) A *dispositio* é a parte que lida com a ordenação dos argumentos ao longo do discurso. Para tanto, possui divisões com funções distintas que serão apresentadas mais adiante.

c) A *elocutio* trata das opções quanto à forma. É nesta etapa que o orador/escritor selecionará as figuras de palavras, pensamento e estilo que melhor atenderem aos propósitos de seu discurso.

d) A *memoria* é a etapa destinada à memorização do discurso a ser entregue.

e) A *actio* consiste no pronunciamento do discurso, levando em consideração fatores como a aparência do orador, gestos, uso da voz, etc.

Diante do exposto acima, percebe-se que o corpo do discurso retórico encontra-se nas etapas b e c. Portanto, é preciso fazer atenção aos elementos que compõem a *dispositio* e

⁴⁵ Cf. WITHERINGTON, New Testament, p. 15; HANSEN, Crítica retórica, p. 333; KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 26.

⁴⁶ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 99.

elocutio. Primeiramente, vejamos como a organização do discurso se articula ao longo das divisões da *dispositio* retórica.

O esquema a seguir apresenta as quatro partes principais da *dispositio*⁴⁷.

1. <i>Exordium</i>
2. <i>Narratio</i>
2a. <i>Digressio</i>
2b. <i>Propositio</i>
2c. <i>Partitio</i>
3. <i>Argumentatio</i>
3a. <i>Probatio</i>
3b. <i>Refutatio</i>
4. <i>Peroratio</i>

Cada parte e suas correspondentes subdivisões desempenham uma função distinta na articulação do discurso⁴⁸:

- a) O *exordium* introduz o discurso, é nele que se capta a atenção e a benevolência do público/leitor. Além disto, esta parte inicial também expõe brevemente o assunto.
- b) A *narratio* expõe os fatos. Esta parte pode ser subdividida entre a *digressio*, a *propositio* e a *partitio*. A primeira tem a função de alargar o debate, introduzindo um tema

⁴⁷ Garavelli apresenta um quadro sinótico com estas quatro partes da *dispositio* e a nomenclatura correspondente ao esquema grego, latino e italiano. Segundo ele, há flexibilidade de divisões e nomenclatura, mas seu esquema reflete o pensamento majoritário entre os autores antigos e medievais (cf. GARAVELLI, Manuale di retorica, p. 61). Há também entre os autores, divergências no que diz respeito às partes que são obrigatórias e dispensáveis. Além disto, convém ressaltar que as partes apresentadas não podem ser entendidas como separadas da *inventio* (cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p.92). Kennedy mostra como as partes da *dispositio* apresentam diferenças de acordo com o gênero retórico. O gênero judiciário, segundo ele, costuma empregar a estrutura de forma mais completa. Os demais tendem a apresentar versões mais simplificadas (cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 36).

⁴⁸ Cf. GARAVELLI, Manuale di retorica, p. 61-72; KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 36-38; ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 102-105; WITHERINGTON, New Testament, p. 16; LAUSBERG, Elementos de retórica, p. 92-96.

que, à primeira vista, parece estranho ao discurso, mas que é pertinente à questão sobre a qual se concentra a reflexão. A segunda expõe a tese que o orador/escritor pretende tratar. Finalmente, a terceira organiza a tese em partes de forma a conferir clareza ao discurso, esta partição pode ser feita em capítulos simples (*kephalaia*).

c) A *argumentatio* é o centro do discurso na medida em que nela se encontra o conjunto de provas que servem de fundamentação para a tese. Nesta etapa, podem ser apresentados os argumentos que confirmam a tese (*probatio*) e/ou que rejeitam o pensamento oposto (*refutatio*).

d) A *peroratio* conclui o discurso e pode empregar formas diferentes de fazê-lo: recapitular os pontos abordados ou revelar um tom emocional que aponte as consequências da tese demonstrada. Geralmente possui um tom laudatório.

Tendo exposto a *dispositio*, é importante também destacar os elementos constitutivos da terceira parte da retórica chamada *elocutio*. Esta é a etapa, conforme visto anteriormente, responsável por conferir forma linguística às ideias⁴⁹. A teoria envolvida nesta parte se divide em⁵⁰:

a) *lexis* que se preocupa com a escolha dos vocábulos que serão empregados no discurso. Aqui há o recurso, por exemplo, aos *tropos*, entre os quais a metáfora, a sinédoque e a metonímia são os mais frequentes no Antigo e Novo Testamento, especialmente nos escritos paulinos⁵¹.

b) *synthesis* que estuda a composição, a combinação das palavras de forma a constituir expressões, períodos. Encontra-se também nesta parte da *elocutio* o estudo das figuras de palavra ou de pensamento⁵².

Reunindo estes elementos e divisões que influenciam a capacidade argumentativa do discurso retórico, Kennedy sintetiza:

Cada discurso é classificável como judiciário, deliberativo ou epidítico e terá as características retóricas próprias do gênero ao qual pertence. Em todos os gêneros, as técnicas da *inventio* recorrem ao *ethos*, ao *logos* e ao *pathos*. As

⁴⁹ Cf. GARAVELLI, Manuale di retorica, p. 110.

⁵⁰ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 39.

⁵¹ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 106. Segundo estes autores “ao longo dos séculos, a classificação das figuras mudou; todavia, no final das contas, nenhuma é totalmente satisfatória”. Desta forma, eles optaram por seguir a obra de Lausberg já mencionada em nossa pesquisa.

⁵² Segundo Kennedy, no que diz respeito às figuras, existem divergências entre os autores com relação à nomenclatura grega e latina. O autor também recomenda como fonte desta terminologia a obra de Lausberg (cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 41-42).

normas da *dispositio* e da *elocutio* podem ser encontradas, em grande parte, em muitas formas literárias diferentes. O conhecimento do gênero pode, contudo, ajudar na compreensão da situação retórica, em particular como o autor vê o público, e pode esclarecer diversas peculiaridades do texto⁵³.

Uma vez conhecida a estrutura básica de um discurso retórico, passemos à apresentação e descrição do método da análise retórica. Já houve menção à utilidade da análise retórica nos escritos neotestamentários e Hansen assim a reforça: “o motivo para usar os manuais clássicos em uma análise das cartas paulinas não é provar sua dependência deles, mas ser guiado por eles em uma descrição dos argumentos paulinos”⁵⁴. Portanto, o uso da análise retórica está menos em função da forma e mais em virtude do conteúdo. O fim da análise retórica é compreender o efeito que o texto provocou⁵⁵.

Quanto ao método envolvido na aplicação da análise retórica, Kennedy o descreve em cinco etapas que não se sucedem, necessariamente, de maneira linear, mas circular⁵⁶. Informações procedentes das fases finais podem esclarecer questões levantadas no início. Portanto, os passos da análise são interdependentes:

a) primeiramente, é preciso **delimitar a unidade retórica** a ser examinada. Uma perícope, um discurso, ou até uma carta inteira. Importa que a unidade permita a identificação de um início e fim conectados por uma ação ou argumento;

b) o segundo passo é **determinar a situação retórica**. Tendo em vista os eventos, pessoas e circunstâncias implicados na unidade retórica, o pesquisador deve identificar o problema ao qual o orador/escritor se dirige. Com esta análise, determina-se também nesta etapa o gênero retórico empregado;

c) o passo seguinte consiste em **identificar a organização do texto**. Neste ponto, o pesquisador analisa como os argumentos estão articulados e divididos ao longo da unidade retórica, e também suas peculiaridades formais;

⁵³ KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 45.

⁵⁴ HANSEN, Crítica retórica, p. 333.

⁵⁵ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 48.

⁵⁶ Ibid., p. 47-53. O trabalho de Kennedy serve como referencial para os escritos de Hansen e Witherington, usados nesta pesquisa. No entanto, Kennedy não individua as fases da análise em uma quantidade específica. Portanto, o esquema descrito neste trabalho deriva da leitura de Kennedy somada à interpretação que Hansen faz dela. As duas primeiras fases estão claramente demarcadas por Kennedy. Hansen, porém, divide o exame da *dispositio* mencionado por ele em três partes: identificação das partes do discurso (e chama de fase 3, juntamente com a determinação do gênero); avaliação do efeito persuasivo (seria a fase 4 onde se determina a função dos resultados da fase anterior) e contribuição para alcance do objetivo da unidade no enfrentamento da situação retórica (fase 5 que seria o confronto entre a primeira e a segunda fases).

d) tendo analisado a disposição dos argumentos na unidade retórica, é preciso também **definir a função das estratégias empregadas** de forma a entender com clareza seu papel no contexto;

e) finalmente, de posse dos resultados obtidos, o pesquisador precisa **avaliar o impacto persuasivo** da unidade retórica na situação que a exigiu. Portanto, neste momento, as análises retornam ao início a fim de confrontar o primeiro e o segundo passo.

As figuras a seguir apresentam o modelo de análise retórica de maneira resumida. A primeira destaca as análises que derivam da unidade retórica escolhida e como o processo circular guarda uma relação de interdependência entre as etapas. A segunda expressa os passos da análise retórica como instrumental que permite o questionamento do texto em estudo.

Figura 1: As cinco etapas da análise retórica

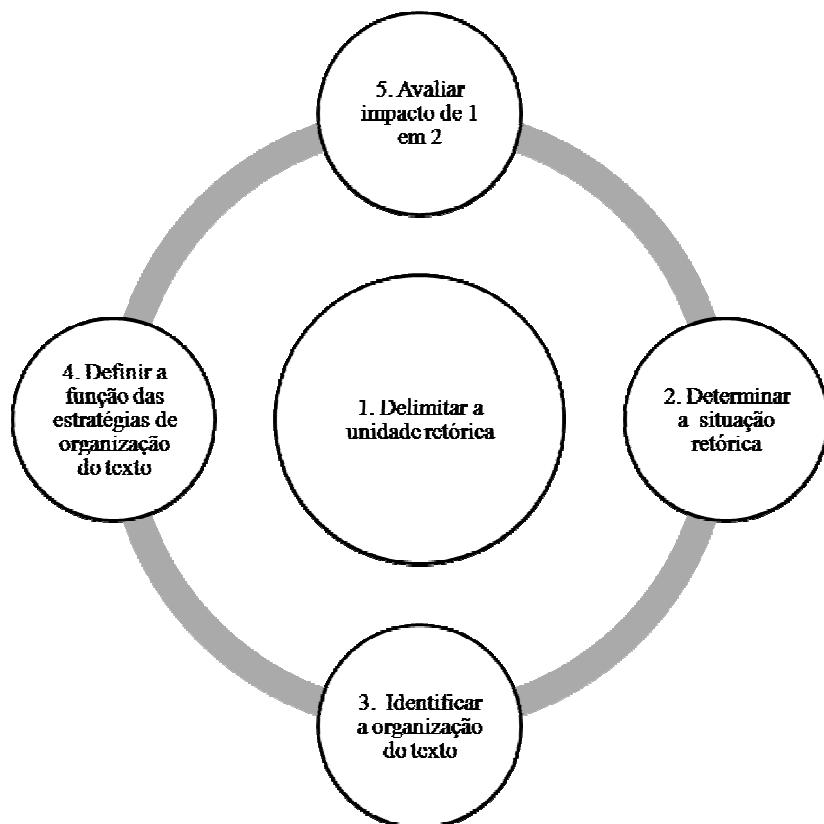
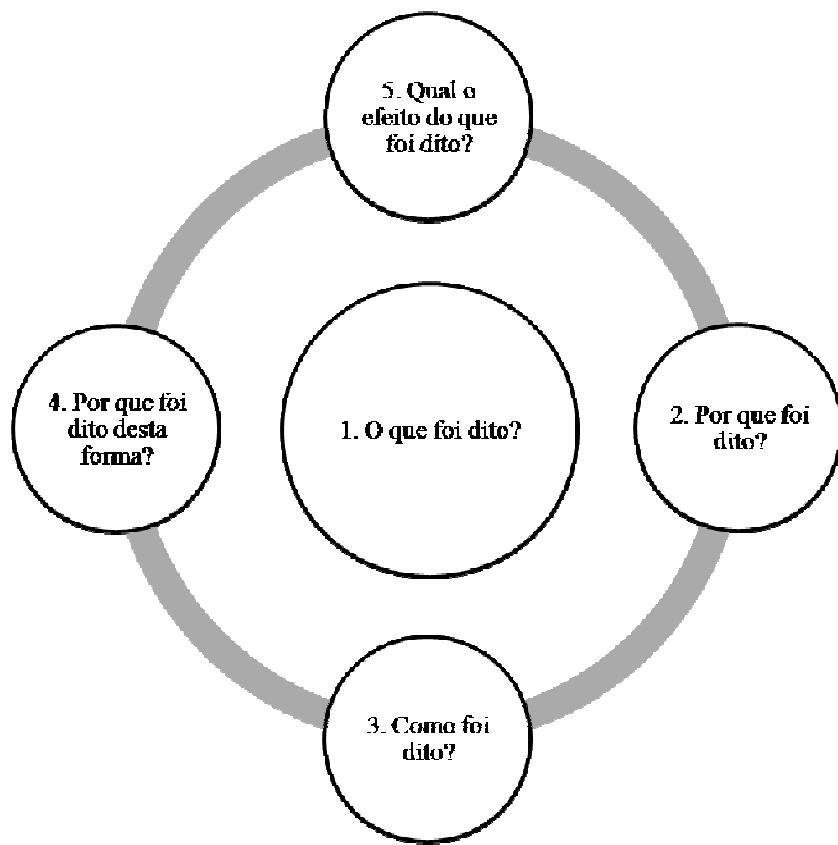


Figura 2: As cinco perguntas da análise retórica



2.3 Análise retórica de 2Co 1.3-7; 7.4-13

Antes de aplicar o método às perícopes estabelecidas para esta pesquisa, é útil verificar algumas informações sobre a estrutura retórica da Segunda Carta aos Coríntios.

Na Primeira Carta aos Coríntios, mesmo conhecendo o fascínio que a habilidade discursiva exercia sobre os coríntios, Paulo declara ter renunciado à sabedoria humana de forma que ficasse em evidência o poder de Deus e não o desempenho retórico de Paulo (1.17; 2.1-5). Entretanto, isto não significa que o Apóstolo não tenha lançado mão deste recurso, pois suas palavras eram consideradas “pesadas e fortes” (2Co 10.10). “Como os coríntios bem sabiam por suas cartas, ele sabia usar a retórica com efeito devastador”⁵⁷.

Segundo Witherington, 2 Coríntios é um exemplo do uso paulino da macrorretórica e representa “uma longa composição de retórica forense com duas digressões

⁵⁷ WINTER, Retórica, p. 1091.

deliberativas significativas em 6.14–7.1 e 8–9, que servem aos propósitos forenses mais amplos do documento”, o que revela o grau de liberdade com que Paulo fez uso da retórica⁵⁸.

Vejamos abaixo a estrutura retórica da Segunda Carta aos Coríntios⁵⁹.

Praescriptum (1.1,2)

Exordium (1.3-7)

Narratio (1.8–2.16)

Propositio (2.17)

Probatio e Refutatio (3.1–13.4)

Peroratio (13.5-10)

Postscriptum (13.11-13)

É possível notar que a parte argumentativa está inserida em uma moldura epistolar: *praescriptum* e *postscriptum*. A *argumentatio*, que engloba a *probatio* e *refutatio*, contém a defesa que Paulo faz de seu ministério, a defesa da “carta entre lágrimas”, as duas digressões deliberativas e a defesa mais severa e emocional que Paulo faz contra seus oponentes⁶⁰.

2.3.1 Primeira etapa: delimitação da unidade retórica

Este passo corresponde à delimitação da perícope que é realizada na crítica das formas⁶¹. Antes de passar aos argumentos que justificam a delimitação de 2Co 1.3-7, apresentamos abaixo o texto grego seguido de sua tradução⁶².

⁵⁸ WITHERINGTON, New Testament, p. 128.

⁵⁹ Ibid., p. 129.

⁶⁰ Cf. Ibid., p. 130.

⁶¹ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 47.

⁶² Tradução nossa. No v.4, alguns manuscritos secundários acrescentam *kai* diante de *autoi* sem incidência no sentido (cf. Nestle-Aland, 27ed.). Nos vv.6-7, por causa de *homoioteleuton*, foi suprimido *kai* *swthria\ eite parakaloumeqa(uper thj umw/n paraklhsewj*, dando origem a vários rearranjos do texto. A lição do Textus Receptus que coloca *thj energoumenhj en upomonh twn autwn paqhmatwn wn kai hmeij pascomen* logo depois de *eite de qlibomeqa(uper thj umwn paraklhsewj* no início do v.6, não tem base documental conhecida (cf. METZGER, A textual commentary, p.573-574).

³Euvloghto.j o` qeo.j kai. path.r tou/ kuri,ou
 h`mw/n VIhsou/ Cristou/(o` path.r tw/n
 oivktirmw/n kai. qeo.j pa,shj paraklh,sewj(⁴o`
 parakalw/n h`ma/j evpi. pa,sh| th/| qli,yei
 h`mw/n eivj to. du,nasqai h`ma/j parakalei/n
 tou.j evn pa,sh| qli,yei dia. th/j paraklh,sewj
 h-j parakalou,meqa auvtoi. u`po. tou/ qeou/Å
⁵o[ti kaqw.j perisseu,ei ta. paqh,mata tou/
 Cristou/ eivj h`ma/j(ou[twj dia. tou/ Cristou/
 perisseu,ei kai. h` para,klhsij h`mw/nÅ ⁶ei;te
 de. qlibo,meqa(u`pe.r th/j u`mw/n paraklh,sewj
 kai. swthri,aj\ ei;te parakalou,meqa(u`pe.r
 th/j u`mw/n paraklh,sewj th/j evnergoume,nhj
 evn u`pomonh/| tw/n auvtw/n paqhma,twn w-n kai.
 h`mei/j pa,scomenÅ ⁷kai. h` evlpi.j h`mw/n
 bebai,a u`pe.r u`mw/n eivdo,tej o[ti w`j
 koinwnoi, evste tw/n paqhma,twn(ou[twj kai.
 th/j paraklh,sewjÅ

³Bendito seja o Deus e Pai do Nossa Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, ⁴o qual nos consola em toda a nossa aflição, a fim de que possamos consolar os que estão em toda aflição por meio da consolação com a qual nós mesmos somos consolados por Deus.

⁵Pois assim como transbordam os sofrimentos de Cristo em nós, assim, por meio de Cristo, transborda também a nossa consolação. ⁶Mas, se somos afligidos, é para vossa consolação e salvação; se somos consolados, é para vossa consolação; a qual se mostra ativa na perseverança *diante* dos mesmos sofrimentos que estamos sofrendo. ⁷E a nossa esperança para convosco está firme, pois sabemos que como sois participantes dos sofrimentos, assim também o *sois* da consolação.

Os critérios usados para determinar o início no versículo 3 são a mudança de estilo e o anúncio do tema⁶³. Este versículo encontra-se logo após a *salutatio*, saudação inicial, e marca a passagem para a bendição a Deus. Ao bendizer ao “Deus de toda consolação” Paulo inicia a abordagem do tema da consolação cuja ênfase recai sobre o uso da terminologia *parakaleō/paraklēsis*.

Com relação ao critério que marca o fim da perícope no versículo 7, pode-se dizer que ele representa um resumo da teologia da consolação que Paulo desenvolve. Possui um tom conclusivo no que diz respeito à reflexão que o precede. Após 1.7, Paulo passa da reflexão teológica para a descrição dos eventos concretos que ilustram os argumentos anteriores.

⁶³Cf. SILVA, Metodologia de exegese, p. 71; THRALL, The Second Epistle, p. 98.

Os elementos que indicam a coesão da perícope reforçam seu início e fim nos versículos de 3 e 7, respectivamente. O primeiro elemento é a questão do campo semântico⁶⁴. A terminologia *parakaleō/paraklēsis* encerra-se, por enquanto, no versículo 7, pois logo após Paulo se concentra na natureza das aflições que enfrentou. Quanto ao segundo elemento, percebemos, nesta períope, uma moldura, pois tanto o versículo 3 quanto o 7 terminam com o substantivo *paraklēsis* no genitivo singular, enquadrando a elaboração que Paulo faz do tema da consolação⁶⁵.

Com relação ao trecho 7.4-13, faremos o mesmo percurso: primeiro a transcrição e tradução do texto, e depois a exposição dos critérios usados para marcar seu começo e término⁶⁶.

⁴pollh, moi parrhsia pro.j u`ma/j(pollh, moi
kau,chsij u`pe.r u`mw/n\ peplh,rwmai th/|
paraklh,sei(u`perperisseu,omai th/| cara/|
evpi. pa,sh| th/| qli,yei h`mw/nÅ ⁵Kai. ga.r
evlqo,ntwn h`mw/n eivj Makedoni,an ouvde,an
e;schken a;nesin h` sa.rx h`mw/n avllv evn
panti. qlibo,menoi\ e;wxqen ma,cai(e;swqen
fo,boiÅ ⁶avllv o` parakalw/n tou.j tapeinou.j
pareka,lesen h`ma/j o` qeo.j evn th/|
parousi,a| Ti,tou(⁷ouv mo,non de. evn th/|
parousi,a| auvtou/ avlla. kai. evn th/|
paraklh,sei h-| pareklh,qh evfV u`mi/n(avnagge,
llwn h`mi/n th.n u`mw/n evpipo,qhsin(to.n
u`mw/n ovdurmo,n(to.n u`mw/n zh/lon
u`pe.r evmou/ w[ste me ma/llon carh/naiÅ ⁸{Oti
eiv kai. evlu,phsa u`ma/j evn th/| evpistolh/|(ouv
metame,lomai\ eiv kai. metemelo,mhn(ble,pw
îga.rD o[ti h` evpistolh. evkei,nh eiv kai.
pro.j w[ran evlu,phsen u`ma/j(⁹nu/n cai,rw
ouvc o[ti evluph,qhte avllv o[ti evluph,qhte
eivj meta,noian\ evluph,qhte ga.r kata. qeo,n(i[na
evn mhdeni. zhmiwqh/te evx h`mw/nÅ ¹⁰h`
ga.r kata. qeo.n lu,ph meta,noian eivj
swthri,an avmetame,lhton evrga,zetai\ h` de.

⁶⁴ Cf. SILVA, op. cit., p. 74.

⁶⁵ SILVA, Metodologia de exegese, p. 74.

⁶⁶ No v.5, alguns mss. leem escen em vez de eschken e foboj em vez de foboi, sem consequências para o significado. No v.8, poucos mss. leem protera antes de epistolh e blepw em vez de blepw. No v. 10a, alguns mss. leem katergazetai em vez de ergazetai, por assimilação a 10b. No v.11, alguns mss. acrescentam umaj depois de to kata qeon luphqhnai. No v.12, em vez de thn uper hmwn proj umaj uns poucos mss. leem thn uper hmwn proj hmajou thn uper umwn proj umaj, mas não tem sentido aceitável.

tou/ ko,smou lu,ph qa,naton katerga,zetaiÅ
 "ivdou. ga.r auvto. tou/to to. kata. qeo.n
 lumphq/nai po,shn kateirga,sato u`mi/n
 spoudh,n(avlla. avpologi,an(avlla.
 avgana,kthsin(avlla. fo,bon(avlla.
 evpipo,qhsin(avlla. zh/lon(avlla.
 evkdi,khsinÅ evn panti. sunesth,sate e`autou.j
 a`gnou.j ei=nai tw/| pra,gmatiÅ ¹²a;ra eiv kai.
 e;graya u`mi/n(ouvc e[neken tou/ avdikh,santoj
 ouvde. e[neken tou/ avdikhqe,ntoj avllV e[neken
 tou/ fanerwqh/nai th.n spoudh.n u`mw/n th.n
 u`pe.r h`mw/n pro.j u`ma/j evnw,pion tou/
 qeou/Å ¹³dia. tou/to parakeklh,meqaÅ VEp. de.
 th/| paraklh,sei h`mw/n perissote,rwj ma/llon
 evca,rhmen evpi. th/| cara/| Ti,tou(o[ti
 avnape,pautai to. pneu/ma auvtou/ avpo. pa,ntwn
 u`mw/n\

⁴Grande, para mim, é a ousadia a vosso respeito. Grande, para mim, é o orgulho por vós. Estou repleto de consolação, transbordo de alegria em toda a nossa aflição. ⁵De fato, quando chegamos à Macedônia, nenhum alívio teve a nossa carne, mas em tudo fomos afligidos: por fora, lutas; por dentro, temores. ⁶Mas aquele que consola os abatidos nos consolou, Deus, com a presença de Tito. ⁷E não somente com a presença dele, mas também com a consolação com a qual ele foi consolado por vós, relatando-nos a vossa saudade; o vosso pranto; o vosso zelo por mim, a ponto de me alegrar ainda mais. ⁸Pois se também vos entristeci com a carta, não sinto remorso. Se também senti remorso, pois vejo que aquela carta, se também por um tempo vos entristeceu, ⁹agora me alegro, não porque fostes entristecidos, mas porque fostes entristecidos para arrependimento; fostes entristecidos, pois, segundo Deus, a fim de que em nada sofrêsseis dano de nós. ¹⁰Pois a tristeza segundo Deus produz arrependimento, sem remorso, para salvação, mas a tristeza do mundo produz morte. ¹¹Eis que o fato de ser entristecido segundo Deus, produziu para vós quanta solicitude! Quanta defesa! Quanta indignação! Quanto temor! Quanta saudade! Quanto zelo! Quanto anseio pela justiça! Em tudo demonstrastes estardes puros no assunto. ¹²Então, se também vos escrevi, não foi por causa do ofensor, nem por causa do ofendido, mas para vos manifestar a vossa solicitude por nós, diante de Deus. ¹³Por isto fomos consolados. Contudo, acima da nossa consolação, alegramo-nos ainda mais com a alegria de Tito, pois o espírito dele foi tranquilizado por todos vós.

Ao apelar aos coríntios de forma a demonstrar a grandeza de seu afeto e intenções para com eles (7.2,3), Paulo retoma, no versículo 4, o vocabulário da consolação e segue explicando as razões de sentir-se consolado⁶⁷. Portanto, consideramos 7.4 como um versículo

⁶⁷ Segundo Bieringer, é nesta perícope que Paulo relata uma experiência concreta de consolação (cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 3). Cumpre notar que após 2Co 1.3-7 Paulo também narra um evento concreto que traduz a consolação (1.8-11). No entanto, assim como Bieringer, optamos por

de transição que marca a passagem do apelo e exortação apostólica para uma nova abordagem da consolação⁶⁸. Embora o versículo 5 tenha mais peso no quesito transição, em função do uso de *kai gar*, que tem uma nuança explicativa, optamos por adotar o versículo 4 como início por sua conexão com o campo semântico em estudo nesta pesquisa⁶⁹.

No entanto, nota-se que a argumentação presente nos versículos 8 a 12 não emprega a terminologia *parakaleō/paraklēsis*, mas apresenta uma descrição mais detalhada do que representou a chegada de Tito. Paulo usa este relato para justificar a consolação que expressa no início e no fim da perícope. Desta forma, tendo o versículo 13 como término, fecha-se a moldura do tema da consolação, uma vez que ele direciona o público/leitor para uma conclusão dos argumentos precedentes através da expressão *dia touto*⁷⁰.

A delimitação da unidade retórica consiste não apenas em demarcar o início e o fim do argumento, mas também serve à apresentação de seu conteúdo. Portanto, para responder à pergunta: “o que foi dito?” passaremos à segmentação do texto com vistas a expor o conteúdo do argumento paulino. A seguir, temos a segmentação do texto 2Co 1.3-7:

3a	Euvloghto.j o` qeo.j
3b	kai. path.r tou/ kuri,ou h`mw/n VIhsou/ Cristou/ (
3c	o` path.r tw/n oivktirmw/n
3d	kai. qeo.j pa,shj paraklh,sewj(
<hr/>	
4a	o` parakalw/n h`ma/j
4b	evpi. pa,sh th/ qli,yei h`mw/n
4c	eivj to. du,nasqai h`ma/j parakalei/n tou.j evn pa,sh qli,yei

não incluí-lo na perícope em análise pelo fato deste trecho não apresentar o vocabulário da consolação, além dos outros motivos já indicados na delimitação de 1.3-7.

⁶⁸ Nas palavras de Thrall, “este versículo oferece uma ponte para o que se segue” (THRALL, The Second Epistle, p. 484).

⁶⁹ Lambrecht afirma que o versículo 5 “juntamente com vv.6-7, concretizam o que a consolação e a alegria (cf. 7.4) significam” (LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 129). A escolha do início em 7.4 também foi feita por Bieringer. No estudo de Kaplan, o autor observa que “não existe consenso claro sobre os limites desta perícope”. Ele optou por considerar o versículo 4 como uma transição entre a seção anterior e esta períope (Cf. KAPLAN, Comfort, o comfort, p. 433).

⁷⁰ Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 131.

4d	dia. th/j paraklh, sewj
4e	h-j parakalou, meqa auvtoi. u`po. tou/ qeou/ Å
5a	o[ti kaqw.j perisseu, ei ta. paqh, mata tou/ Cristou/ eivj h`ma/j(
5b	ou[twj dia. tou/ Cristou/
5c	perisseu, ei kai. h` para, klhsij h`mw/n Å
6a	ei;te de. qlibo, meqa(
6b	u`pe.r th/j u`mw/n paraklh, sewj kai. swthri, aj\
6c	ei;te parakalou, meqa(
6d	u`pe.r th/j u`mw/n paraklh, sewj
6e	th/j evnergoume, nhj evn u`pomonh/ tw/n auvtw/n paqhma, twn
6f	w-n kai. h`mei/j pa, scomen Å
7a	kai. h` evlpi.j h`mw/n bebai, a u`pe.r u`mw/n
7b	eivdo, tej o[ti
7c	w`j koinwnoi, evste tw/n paqhma, twn(
7d	ou[twj kai. th/j paraklh, sewj Å

Diante da segmentação é possível identificar o fluxo do argumento, dividindo-o em seis sequências destinadas a expor o assunto da unidade retórica. Logo abaixo, temos o resultado desta tarefa em 1.3-7.

3a	Euvloghto.j o` qeo.j	Sequência 1 Fonte e circunstância da consolação
3b	kai. path.r tou/ kuri, ou h`mw/n VIhsou/ Cristou/ (
3c	o` path.r tw/n oivktirmw/n	
3d	kai. qeo.j pa, shj paraklh, sewj(

4a	o` parakalw/n h`ma/j	
4b	evpi. pa,sh th/ qli,yei h`mw/n	
4c	eivj to. du,nasqai h`ma/j parakalei/n tou.j evn pa,sh qli,yei	<p>Sequência 2</p> <p>Finalidade da consolação</p>
4d	dia. th/j paraklh,sewj	
4e	h-j parakalou,meqa auvtoi. u`po. tou/ qeou/	
5a	o[ti kaqw.j perisseu,ei ta. paqh,mata tou/ Cristou/ eivj h`ma/j(
5b	ou[twj dia. tou/ Cristou/	<p>Sequência 3</p> <p>Conexão dos sofrimentos de Cristo com a consolação</p>
5c	perisseu,ei kai. h` para,klhsij h`mw/nÅ	
6a	ei;te de. qlibo,meqa(
6b	u`pe.r th/j u`mw/n paraklh,sewj kai. swthri,aj\	<p>Sequência 4</p> <p>Disposição em compartilhar a consolação</p>
6c	ei;te parakalou,meqa(
6d	u`pe.r th/j u`mw/n paraklh,sewj	
6e	th/j evnergoume,nhj evn u`pomonh/ tw/n auvtw/n paqhma,twn	<p>Sequência 5</p> <p>Eficácia da consolação</p>
6f	w-n kai. h`mei/j pa,scomenÅ	
7a	kai. h` evlpi.j h`mw/n bebai,a u`pe.r u`mw/n	<p>Sequência 6</p> <p>Participação na consolação</p>
7b	eivdo,tej o[ti	
7c	w`j koinwnoi, evste tw/n	

	paqhma, twn(
7d	ou[twj kai. th/j paraklh, sewjÅ	

De igual forma, a segmentação de 7.4-13 foi efetuada abaixo:

4a	pollh, moi parrhsia pro.j u`ma/j(
4b	pollh, moi kau, chsij u`pe.r u`mw/n\
4c	peplh, rwmai th/ paraklh, sei(
4d	u`perperisseu, omai th/ cara/
4e	evpi. pa, sh th/ qli, yei h`mw/nÅ
5a	Kai. ga.r evlqo, ntwn h`mw/n eivj Makedoni, an
5b	ouvdemi, an e; schken a; nesin h` sa.rx h`mw/n
5c	avllV evn panti. qlibo, meno\
5d	e; xwqen ma, cai(
5e	e; swqen fo, boiÅ
6a	avllV o` parakalw/n tou.j tapeinou.j
6b	pareka, lesen h`ma/j o` qeo.j
6c	evn th/ parousi, a Ti, tou(
7a	ouv mo, non de. evn th/ parousi, a auvtou/
7b	avlla. kai. evn th/ paraklh, sei
7c	h- pareklh, qh evfV u`mi/n(
7d	avnagge, llwn h`mi/n
7e	th.n u`mw/n evpi, qhsin(
7f	to.n u`mw/n ovdurmo, n(
7g	to.n u`mw/n zh/lon u`pe.r evmou/
7h	wlste me ma/llon carh/naiÅ

8a	{Oti eiv kai. evlu,phsa u`ma/j evn th/ evpistolh/ (
8b	ouv metame,lomai\
8c	eiv kai. metemelo,mhn(
8d1	ble,pw îga.rÐ o[ti h` evpistolh. evkei,nh
8e	eiv kai. pro.j w[ran
8d2	evlu,phsen u`ma/j(
9a	nu/n cai,rw(
9b	ouvc o[ti evluph,qhte
9c	avllV o[ti evluph,qhte eivj meta,noian\
9d	evluph,qhte ga.r kata. qeo,n(
9e	i[na evn mhdeni. zhmiwqh/te evx h`mw/nÅ
10a	h` ga.r kata. qeo.n lu,ph
10b	meta,noian eivj swthri,an avmetame,lhton evrga,zetai\
10c	h` de. tou/ ko,smou lu,ph
10d	qa,naton katerga,zetaiÅ
11a1	ivdou. ga.r auvto. tou/to
11b	to. kata. geo.n luphqh/nai
11a2	po,shn kateirga,sato u`mi/n spoudh,n(
11c	avlla. avpologi,an(
11d	avlla. avgana,kthsin(
11e	avlla. fo,bon(
11f	avlla. evpipo,qhsin(
11g	avlla. zh/lon(

11h	avlla. evkdi,khsinÅ
11i	evn panti. sunesth,sate e`autou.j a`gnou.j ei=nai tw/ pra,gmatiÅ
12a	a;ra eiv kai. e;graya u`mi/n(
12b	ouvc e[neken tou/ avdikh,santoj
12c	ouvde. e[neken tou/ avdikhqe,ntoj
12d	avllv e[neken tou/ fanerwqh/nai th.n spoudh.n u`mw/n
12e	th.n u`pe.r h`mw/n pro.j u`ma/j evnw,pion tou/ qeou/
13a	dia. tou/to parakeklh,meqaÅ
13b	VEpi. de. th/ paraklh,sei h`mw/n
13c	perissote,rwj ma/llon evca,rhmen
13d	evpi. th/ cara/ Ti,tou(
13e	o[ti avnape,pautai to. pneu/ma auvtou/
13f	avpo. pa,ntwn u`mw/n\

Uma vez segmentado o texto, ele foi divido em sete sequências que permitem a identificação do conteúdo argumentativo, o que pode ser visualizado a seguir:

4a	pollh, moi parrhsia pro.j u`ma/j(Sequência 1 Consolação declarada
4b	pollh, moi kau,chsij u`pe.r u`mw/n\	
4c	peplh,rwmai th/ paraklh,sei(
4d	u`perperisseu,omai th/ cara/	
4e	evpi. pa,sh th/ qli,yei h`mw/nÅ	
5a	Kai. ga.r evlqo,ntwn h`mw/n eivj Makedoni,an	Sequência 2

5b	ouvdemi, an e; schken a; nesin h` sa.rx h`mw/n	Aflição descrita
5c	avllV evn panti. qlibo, menoi\	
5d	e; xwqen ma, cai(
5e	e; swqen fo, boiÅ	
6a	avllV o` parakalw/n tou.j tapeinou.j	
6b	pareka, lesen h`ma/j o` qeo.j	
6c	evn th/ parousi,a Ti, tou(
7a	ouv mo, non de. evn th/ parousi,a auvtou/	
7b	avlla. kai. evn th/ paraklh, sei	
7c	h- pareklh, qh evfV u`mi/n(
7d	avnagge, llwn h`mi/n	
7e	th.n u`mw/n evpipo, qhsin(
7f	to.n u`mw/n ovdurmo, n(
7g	to.n u`mw/n zh/lon u`pe.r evmou/	
7h	w[ste me ma/llon carh/naiÅ	
8a	{Oti eiv kai. evlu, phsa u`ma/j evn th/ evpistolh/ (
8b	ouv metame, lomai\	
8c	eiv kai. metemelo, mhn(
8d1	ble, pw ïga.rD o[ti h` evpistolh. evkei, nh	
8e	eiv kai. pro.j w[ran	
8d2	evlu, phsen u`ma/j(
9a	nu/n cai, rw(

Sequência 3

Consolação recebida

Sequência 4

Defesa da “carta entre lágrimas”

9b	ouvc o[ti evluph,qhte	
9c	avllV o[ti evluph,qhte eivj meta,noian\	
9d	evluph,qhte ga.r kata. qeo,n(
9e	i[na evn mhdeni. zhmiwqh/te evx h`mw/nÅ	
10a	h` ga.r kata. qeo.n lu,ph	
10b	meta,noian eivj swthri,an avmetame,lhton evrga,zetai\	
10c	h` de. tou/ ko,smou lu,ph	
10d	qa,naton katerga,zetaiÅ	
11a1	ivdou. ga.r auvto. tou/to	
11b	to. kata. qeo.n luphqh/nai	
11a2	po,shn kateirga,sato u`mi/n spoudh,n(
11c	avlla. avpologi,an(
11d	avlla. avgana,kthsin(
11e	avlla. fo,bon(
11f	avlla. evpipo,qhsin(
11g	avlla. zh/lon(
11h	avlla. evkdi,khsinÅ	
11i	evn panti. sunesth,sate e`autou.j a`gnou.j ei=nai tw/ pra,gmatiÅ	
12a	a:ra eiv kai. e;graya u`mi/n(
12b	ouvc e[neken tou/ avdikh,santoj	
12c	ouvde. e[neken tou/ avdikhqe,ntoj	
12d	avllV e[neken tou/ fanerwqh/nai th.n spoudh.n u`mw/n	

Sequência 5

Fruto da “carta entre lágrimas”.

Sequência 6

Cumprimento do objetivo da
“carta entre lágrimas”

12e	th.n u`pe.r h`mw/n pro.j u`ma/j evnw,pion tou/ qeou/	
13a	dia. tou/to parakeklh,meqaÅ	Sequência 7 Consolação reforçada
13b	VEpi. de. th/ paraklh,sei h`mw/n	
13c	perissote,rwj ma/llon evca,rhmen	
13d	evpi. th/ cara/ Ti,tou(
13e	o[ti avnape,pautai to. pneu/ma auvtou/	
13f	avpo. pa,ntwn u`mw/n\	

Situando as unidades retóricas na *dispositio*, o trecho de 2Co 1.3-7 corresponde ao *exordium*⁷¹. A perícope 2Co 7.4-13, por sua vez, encontra-se na *argumentatio*⁷². Portanto, nesta pesquisa, duas seções da *dispositio* serão analisadas como unidades retóricas, a saber: o *exordium* e parte da *argumentatio*.

Para resumir o conteúdo antes de passar à próxima etapa, vemos que o *exordium* corresponde à bendição a Deus apresentada pelo Apóstolo. Primeiro Paulo bendiz a Deus, como fonte da consolação (v.3), mostra em que ocasião ela ocorre e para que serve (v.4). Em seguida elabora o tema ainda mais: associa-o aos sofrimentos de Cristo e mostra que o sofrimento apostólico se traduz em benefício para os coríntios (vv.5-7).

Como parte da *argumentatio*, o trecho 7.4-13 expõe o relato da volta de Tito. Ao retomar o tema da consolação em meio à aflição (v.4), Paulo mostra o que isto significou concretamente por meio de seu encontro com Tito na Macedônia (vv.5-7). Em seguida, diante da alegria pela consolação recebida, o Apóstolo revisita seu receio de ter enviado a “carta entre lágrimas” (v.8) por causa da tristeza inicial que ela gerou. No entanto, ele a defende tendo em vista seu impacto positivo na comunidade (vv.9-12). Finalmente, Paulo reforça que o relato recebido de Tito redundou em consolação (v.13).

⁷¹ Tanto Kennedy quanto Witherington concordam no que diz respeito aos versículos que compõem o *exordium* (cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 110; WITHERINGTON, New Testament, p. 129).

⁷² Nesse ponto, Kennedy, que adota um esquema tripartido de 2 Coríntios, considera o capítulo 7 como epílogo da primeira das três cartas (cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 115).

2.3.2 Segunda etapa: determinação da situação retórica

A situação retórica corresponde ao *Sitz im Leben* da crítica das formas⁷³. O objetivo deste passo é situar o conteúdo e determinar o que o motivou. A pergunta a ser respondida nesta etapa é: “Por que foi dito”?

Na Segunda Carta aos Coríntios, Paulo se dirige aos fiéis em meio a um conflito de relações entre ele e a referida comunidade. Havia entre eles pessoas que se opunham ao apostolado paulino e que exerceram influência sobre alguns membros da comunidade coríntia. Entre as acusações lançadas contra o Apóstolo, encontram-se as referentes à sua figura sofredora e aparentemente fraca⁷⁴. No entanto, Paulo lança mão exatamente do sofrimento como um dos argumentos de defesa de seu apostolado, pois ele apresenta as aflições como oportunidades que evidenciam o poder de Deus, mediante a consolação, de forma que ele mesmo possa compartilhá-la com os fiéis. É possível que tal cenário tenha motivado o *exordium* no qual o Apóstolo se apoia nos motivos que tem para bendizer a Deus. Todavia, cumpre destacar que o *exordium* também expressa a reflexão de Paulo sobre o risco de morte que enfrentou na Ásia cujo relato se encontra em 2 Co 1.8-11⁷⁵.

A perícope 2Co 7.4-13 corresponde à parte da *argumentatio* que prossegue o relato dos acontecimentos desde a última visita do Apóstolo a Corinto quando um episódio desagradável resultou na alteração dos planos de viagem e motivou a escrita da “carta entre lágrimas” (2.1-4). O episódio envolvia um ofensor que causou tristeza a Paulo. Em 2.5-11, o Apóstolo instrui a comunidade, dizendo que basta ao tal a punição pela maioria, mas que também deve haver para ele perdão e consolação. Portanto, a seção da *argumentatio* que corresponde a 7.4-13 foi escrita tendo tais acontecimentos como pano de fundo, mas também contempla a reação emocional dos coríntios à “carta entre lágrimas”, a justificativa de Paulo por tê-la enviado e a reconciliação que dela resultou (7.8-12)⁷⁶.

⁷³ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 49.

⁷⁴ Cf. BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 135.

⁷⁵ Winter afirma que a bendição que Paulo apresenta no *exordium* não é apenas uma resposta ao livramento que teve na Ásia, mas serve para “conectar esta situação específica à dos coríntios por meio de uma reflexão sobre sua participação comum na morte e ressurreição de Jesus, o Messias, e, portanto, no cumprimento da esperança de Israel acerca da consolação divina” (cf. WINTER, The meaning and function, p. 20).

⁷⁶ Em seu artigo, Welborn defende que a motivação principal de 2 Coríntios é a resposta afetiva da comunidade à “carta entre lágrimas” (cf. WELBORN, Paul’s appeal, p. 34). Concordamos que este assunto também esteja presente no *exordium*, mas inserido em uma situação de conflito mais ampla que o precede. A preocupação de Paulo com a reação dos fiéis à “carta entre lágrimas” fica mais

2.3.3 Terceira etapa: identificação da organização do texto

Este passo tem a ver com a forma de organização escolhida para o texto. Queremos saber como Paulo estruturou seu discurso/mensagem, que escolhas fez acerca das figuras de pensamento, figuras de palavras, tropos e também do léxico⁷⁷. “Como foi dito?”, este é o questionamento lançado às unidades retóricas em estudo.

Situando as unidades no discurso retórico, sabemos que estamos lidando com o *exordium* e parte da *argumentatio*. Vejamos, então, a organização interna de cada uma destas seções no que diz respeito à *elocutio*.

No *exordium*, Paulo recorre à *eulogia* na qual se pode perceber uma composição concêntrica: Deus – Pai e Pai – Deus, tendo Jesus Cristo no centro (segmentos 3a, 3b, 3c, 3d).

Bendito seja	o DEUS	e PAI
do <i>Nosso Senhor Jesus Cristo</i>		
o PAI	das misericórdias	e DEUS de toda consolação

O segundo uso da palavra “Pai” indica uma aposição que prepara o motivo da bendição indicado nos segmentos 4a e 4b: “o qual nos consola em toda a nossa aflição”⁷⁸. O segmento 4a está ligado a Deus, fonte da consolação, introduzido no versículo anterior. E “toda a aflição” (4b) se harmoniza em alcance com “toda consolação” (3d), além de contrastar as ideias.

o qual	nos CONSOLA	em toda a nossa AFLIÇÃO
--------	--------------------	--------------------------------

evidente em 7.4-13. Porém, é preciso destacar que Welborn considera os trechos analisados nesta pesquisa como parte de uma das cartas presentes em 2 Coríntios. Desta forma, é compreensível que ele enfatize a reação à “carta entre lágrimas” como elemento essencial. Esta discussão será mais detalhada na quinta etapa da análise.

⁷⁷ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 106-115. Os autores dividem os recursos da *elocutio* em tropos e figuras, sendo que as figuras se encontram divididas em figuras de palavras e figuras de pensamento. Neste trabalho seguiremos tal divisão e nomenclatura adotada por estes autores que, por sua vez, seguem Lausberg.

⁷⁸ Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 18.

a fim de que possamos **CONSOLAR**

os que estão em toda AFLIÇÃO

Os versículos 4 e 6 enfatizam a antítese consolação/aflição. Nos segmentos 4a, 4b, 4c e 6a, 6b, 6c, 6d também podem ser observados paralelismos.

Mas **SE SOMOS AFLIGIDOS** é para vossa **CONSOLAÇÃO** e salvação
SE SOMOS CONSOLADOS é para vossa **CONSOLAÇÃO**

Os versículos 5 e 7 apresentam comparações acerca do tema sofrimento/consolação. O versículo 5 fundamenta o argumento que o precede e associa a consolação à participação nos sofrimentos de Cristo. E, por meio de Cristo, que é o centro do paralelismo, os sofrimentos que transbordam (5a) experimentam a consolação que também transborda (5c). O versículo 7, por sua vez, fazendo uso do paralelismo, com a elipse de *koinōnoi*, conclui: quem participa dos sofrimentos, também tem participação na consolação⁷⁹. Estas relações são indicadas pelos marcadores característicos *kathōs...houtōs* (v.5) e *hōs...houtōs* (v.7)⁸⁰.

Pois assim como **TRANSBORDAM** os SOFRIMENTOS de Cristo em nós
assim por meio de Cristo
TRANSBORDA também a **CONSOLAÇÃO** nossa

pois sabemos que *como sois participantes* dos SOFRIMENTOS
assim também o sois da **CONSOLAÇÃO**

⁷⁹ De acordo com Furnish, a primeira parte do versículo 7 (segmentos 7a e 7b), na qual Paulo declara firme esperança acerca dos coríntios, tem caráter exortativo (cf. FURNISH, II Corinthians, p. 121).

⁸⁰ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 113.

Fazendo uma análise lexicográfica do *exordium*, pode-se notar que a terminologia *parakaléō/paraklēsis* é significativa e a ela Paulo agrupa outros termos que podem ser visualizados a seguir⁸¹:

Termo	Domínio semântico	Subdomínio semântico	Definição
<i>Parakaleō, paraklēsis</i>	Atitudes e emoções	Encorajamento, consolo	Levar alguém a ficar encorajado ou consolado, seja de forma não verbal ou com o uso de palavras.
<i>Oiktirmos</i>	Qualidades morais e éticas e comportamento correspondente	Compaixão	Ter misericórdia, com a implicação de ser sensível e compassivo.
<i>Thlipsis</i>	Aflição	Dificuldade, tribulação	Dificuldades que envolvem diretamente o sofrimento.
<i>Thlibō</i>	Aflição, dificuldade	Causar problemas ou dificuldades	Levar alguém a ter problemas ou passar por dificuldades.
<i>Pathēma paschō,</i>	Acontecimento e estados sensoriais	Dor, sofrimento	Sentir dor, estar com dor.
<i>Sōtēria</i>	Perigo, risco, salvo, salvar	Salvar num sentido religioso	Um estado de ter sido salvo ou o processo de ser salvo.

Paulo emprega *parakaleō/paraklēsis* 10 vezes ao longo do texto: seis como substantivo e quatro como verbo, sendo a maior concentração no versículo 4⁸². Os cinco versículos do *exordium* contêm a maior densidade desta terminologia, no sentido da

⁸¹ As informações do quadro foram extraídas de LOUW-NIDA, Léxico grego-português, p. 274, 668, 218, 220, 256 e 217 respectivamente.

⁸² Segundo Bieringer, as duas unidades retóricas em estudo possuem a maior concentração desta terminologia em 2 Coríntios (cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 4). De acordo com Furnish, a terminologia é usada 29 vezes em 2 Coríntios, mas nem todas com o mesmo significado. Das 29 ocorrências, 25 estão nos capítulos 1–9 e apenas quatro em 10–13 (cf. FURNISH, II Corinthians, p. 109).

consolação, de todo o Novo Testamento⁸³. Paulo recorre à repetição de *parakaleō/paraklēsis* no *exordium*, alternando a função. E ele assim o faz, ora empregando o termo como substantivo, ora como verbo. Tal diferenciação efetuada no discurso/mensagem é denominada *traductio*⁸⁴.

É possível notar que o Apóstolo relaciona outros termos ao campo semântico da consolação como, por exemplo, *oiktirmos*, que é utilizado em paralelo à *paraklēsis* em 1.3: “pai das misericórdias e Deus de toda consolação”⁸⁵.

Além disto, o vocabulário da consolação nesta unidade retórica guarda relação estreita com a aflição *thlipsis*, *thlibō* (vv.4,6) ou sofrimento *pathēma*, *paschō* (vv.5-7). Furnish destaca que o termo *thlipsis* é mais utilizado por Paulo do que por outro escritor do Novo Testamento, e aparece mais em 2 Coríntios do que nas demais cartas⁸⁶. São 12 ocorrências ao todo em 2 Coríntios, e todas elas nos capítulos 1-9, onde o tema da consolação é mais destacado.

Paulo inicia em 1.5 o uso de *pathēma* e no final de 1.6 usa o verbo *paschō* que também remetem à dor e sofrimento⁸⁷. De acordo com Eloy e Silva, o uso neotestamentário do verbo *paschō* se refere, geralmente, à paixão de Cristo. O autor explica que Paulo emprega esta terminologia ao abordar os sofrimentos enfrentados pelos cristãos, mas não costuma empregá-lo em referências ao próprio sofrimento, a não ser quando este deriva do desempenho de seu ministério apostólico⁸⁸.

Finalmente, Paulo também recorre ao termo *sōtēria* (1.6) “como uma relação paratática de *paraklēsis*”, envolvendo uma dimensão escatológica⁸⁹.

⁸³ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 3. Os demais usos da terminologia *parakaleō/paraklēsis*, especialmente nas outras cartas paulinas, envolvem o significado de “exortar”, “pedir”, “rogar”, “solicitar”. No entanto, Lambrecht destaca que *paraklēsis* em 1.6 (segmentos 6b e 6d) possa ter a nuance de “encorajamento” (cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 21). Por outro lado, Furnish acredita que há conotações distintas nos segmentos (cf. FURNISH, op. cit., p. 111).

⁸⁴ Cf. WELBORN, Paul’s appeal, p. 41; LAUSBERG, Elementos de retórica, p. 178, 183, 184.

⁸⁵ Cf. BIERINGER, op. cit., p. 3.

⁸⁶ Cf. FURNISH, op. cit., p. 110.

⁸⁷ Segundo Louw-Nida, “quase todos os aspectos de dor envolvem aspectos sensórios, fisiológicos, bem como psicológicos. Além disso, existe também uma consciência cognitiva da dor. A fonte da dor pode ser interna, ou seja, pode ser derivada dos órgãos do corpo, mas pode ser também externa, como resultados de golpes duros ou dificuldades que se prolongam no tempo” (LOUW-NIDA, Léxico grego-português, p. 256).

⁸⁸ Cf. ELOY e SILVA, O sofrimento apostólico de Paulo, p. 117-118.

⁸⁹ BIERINGER, The comforted comforter, p. 3. Ver também LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 19. FURNISH, II Corinthians, p. 111.

Ainda cumpre destacar que a organização do *exordium* se beneficia da primeira etapa da análise na medida em que os eventos, pessoas e relações indicam categorias nas quais se apoiam os *topoi*⁹⁰. A situação retórica requer um tom conciliatório que, por sua vez, exige defesa e apelo à reciprocidade⁹¹. Nesta parte do discurso, Paulo se dirige aos coríntios de maneira branda e cautelosa. Ele mostra a importância da consolação que recebe de Deus em suas aflições e o fato disto ser proveitoso para os próprios coríntios.

Desta forma, emergem três *topoi* que serão, mais tarde, desenvolvidos na *argumentatio*⁹²: a) as misericórdias divinas nas quais a consolação está incluída; b) as aflições enfrentadas pelo apóstolo; c) sua disposição de compartilhar a consolação com a comunidade.

Vejamos agora a organização da unidade retórica 2Co 7.4-13. Esta parte da *argumentatio* inicia com uma retomada do tema da consolação em toda a aflição (v.4) que é apresentado de maneira concreta por meio do conforto que Tito recebeu dos Coríntios e estendeu a Paulo quando o encontrou na Macedônia (vv.5-7).

No versículo 4, Paulo recorre, mais uma vez ao paralelismo para expressar sua condição interior perante os coríntios. Ele usa quatro frases curtas sem o emprego de uma conjunção, agrupadas em pares semelhantes⁹³. Desta forma o par que corresponde aos segmentos 4a e 4b se une ao par 4c e 4d como uma declaração de que tal condição de consolação e alegria está presente “em toda a nossa aflição” (4e).

Grande para mim	é a <i>ousadia</i>	a vosso respeito
Grande para mim	é o <i>orgulho</i>	por vós
<u>Estou repleto</u>	de CONSOLAÇÃO	
<u>Transbordo</u>	de ALEGRIA	em toda a nossa AFLIÇÃO

No versículo 5, Paulo emprega o exagero retórico ao explicar o alcance da aflição sofrida: “em tudo”⁹⁴. Ele usa o merisma: “por fora, lutas; por dentro temores” (v.5)⁹⁵. Nota-

⁹⁰ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 50.

⁹¹ Cf. LAMBRECHT, op. cit., p. 1.

⁹² Cf. KENNEDY, op. cit., p. 110.

⁹³ Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 120.

⁹⁴ Cf. Ibid., p. 129.

⁹⁵ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 114.

se, no versículo 5, a forma pela qual Paulo alarga o argumento acerca de suas tribulações antes de passar à consolação

De fato, quando chegamos à Macedônia	NENHUM ALÍVIO TEVE A NOSSA CARNE	
mas	em tudo	FOMOS AFLIGIDOS
	<i>por fora</i>	LUTAS
	<i>por dentro</i>	TEMORES

No versículo 6, há uma estrutura quiástica na medida em que “aquele que consola” se refere a “Deus” e “os abatidos” se refere ao “nós” em “nos consolou”. Os versículos 6 e 7 se unem para apresentar a dinâmica da consolação já exposta anteriormente, reforçando a reciprocidade. A chegada de Tito faz parte de um ciclo de consolação, pois primeiramente ele mesmo foi consolado pelos coríntios (v.7). E a consolação que Tito recebeu também se estendeu a Paulo mediante o relato que enumera as atitudes positivas da comunidade para com o Apóstolo. A reciprocidade refletida aqui também pode ser vista no *exordium* (1.4). Os versículos 6 e 7 representam uma construção argumentativa que traz no centro a figura de Tito.

Mas	<i>aquele que consola</i>	os abatidos
	nos consolou	<i>Deus</i>
	com a presença	de Tito
E não somente	com a presença	dele
mas também	com a CONSOLAÇÃO	
com a qual	ele foi CONSOLADO	por vós
	relatando-nos	<i>a vossa saudade</i>
		<i>o vosso pranto</i>
		<i>o vosso zelo</i> por mim

Paulo sai do campo da consolação/alegria (v.7) e, agora, começa a abordar a tristeza envolvida na reação coríntia à “carta entre lágrimas” (vv.8-13). Primeiramente, ele indica não ter havido remorso de sua parte por ela ter entristecido os coríntios (segmento 8b). No entanto, o Apóstolo parece recorrer à correção ao dizer “se também senti remorso” (segmento 8c)⁹⁶. Esta reflexão sobre o remorso se encontra no centro da estrutura quiástica que envolve o “entristecimento” e a “carta”. A interrupção de seu pensamento em 8c “se também senti remorso” (*protasis*) também parece estar conectada ao início do versículo 9 “agora me alegro” (*apodosis*)⁹⁷.

Pois	se também	vos ENTRISTECI	com a CARTA
<i>não sinto remorso, se também senti remorso</i>			
pois	vejo que	aquela CARTA se também	por um tempo vos ENTRISTECEU

O segmento 7h, no final do versículo 7, “a ponto de me alegrar ainda mais”, juntamente com o segmento 9a, no início do versículo 9, “agora me alegro”, fazem uma moldura com o motivo da alegria para a abordagem inicial da tristeza (v.8). Ainda em defesa da referida carta, Paulo reconhece que os coríntios foram entristecidos, mas destaca o benefício desta ação: “fostes entristecidos para arrependimento” (9c), além de atribuir à vontade de Deus: “fostes entristecidos segundo Deus” (9d)⁹⁸. Em seguida, ele amplia o argumento, contrastando a “tristeza segundo Deus” e a “tristeza do mundo”, bem como seus efeitos: “arrependimento para salvação” e “morte” (v.10), respectivamente.

agora	me ALEGRO	não porque	fostes ENTRISTECIDOS
-------	------------------	------------	----------------------

⁹⁶ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p.113

⁹⁷ Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 130.

⁹⁸ Tanto para Lambrecht quanto para Furnish, o arrependimento descrito nos versículos 9 e 10 tem a ver com a mudança da atitude da comunidade para com o Apóstolo (cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 130; FURNISH, II Corinthians, p. 387).

mas porque	fostes ENTRISTECIDOS	para arrependimento
	fostes ENTRISTECIDOS	pois segundo Deus

Pois	<i>a tristeza segundo Deus</i>	produz	<u>arrependimento sem remorso para salvação</u>
mas	<i>a tristeza do mundo</i>	produz	<u>morte</u>

Então, Paulo apresenta, de maneira positiva, a reação dos coríntios à carta (v.11), recorrendo à anáfora⁹⁹. No entanto, seu elogio soa como exortação e também um exagero retórico, especialmente na conclusão diante do emprego de “em tudo”¹⁰⁰.

Eis que o fato de ser entristecido segundo Deus produziu para vós

quanta solicitude

quanta defesa

quanta indignação

quanto temor

quanta saudade

quanto zelo

quanto anseio pela justiça

Em tudo demonstrastes estardes puros no assunto

O Apóstolo caminha para a conclusão deste argumento. Ele demonstra, recorrendo ao paralelismo, que a “carta entre lágrimas” não tinha em mira nem o ofensor, nem o ofendido, mas fora enviada para revelar aos próprios coríntios, diante de Deus, sua atitude em favor de Paulo (v.12).

⁹⁹ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 108.

¹⁰⁰ Cf. LAMBRECHT, op. cit., p. 131.

não foi por causa	<i>do ofensor</i>
nem por causa	<i>do ofendido</i>
mas para vos manifestar a vossa solicitude por nós diante de Deus	

Finalmente, todo este relato representa motivo de consolação para o Apóstolo (v.13). E ele coloca em paralelo a consolação e a alegria. Ele se alegra pela alegria de Tito em ter sido tranquilizado pela comunidade (segmentos 13e, 13f). Paulo emprega, novamente, o exagero retórico ao descrever a intensidade de sua alegria (segmento 13c) “alegramo-nos ainda mais”¹⁰¹.

Por isto	fomos CONSOLADOS	
Contudo	acima de	no ssa CONSOLAÇÃO
	mais	nos ALEGRAMOS
	com	a ALEGRIA de Tito
Pois o espírito dele foi	TRANQUILIZADO por todos vós	

Analizando o vocabulário empregado nesta unidade retórica, temos primeiramente a permanência da terminologia *parakaleō/paraklēsis*. São sete ocorrências, sendo três como substantivos e quatro como verbo. No entanto, Paulo aproxima a “consolação”, em significado, da “alegria”, somando cinco ocorrências, três delas como verbo¹⁰². A menção à alegria (*chara/charīō*) é feita nos versículos 4, 7, 9 e 13.

Também permanece a menção às aflições no final do versículo 4, mas sobretudo no versículo 5. Paulo afirma não ter encontrado alívio (*anesis*) e descreve o que isto

¹⁰¹ Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 132.

¹⁰² Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 130; BIERINGER, The comforted comforter, p. 2-3.

representou, utilizando *thlibō*¹⁰³. O fim da aflição é marcado no versículo 6 com a retomada de *parakaleō*.

Paulo também menciona a tristeza (*lypē*) provocada pela “carta entre lágrimas” oito vezes ao longo de quatro versículos (vv. 8-11), sendo seis vezes como verbo. E também usa, como no *exordium* (1.6), o termo *sōtēria*, colocando-o em oposição à destruição escatológica (morte) que a tristeza do mundo acarreta¹⁰⁴.

Logo a seguir, temos um resumo das principais ocorrências e seus significados no texto¹⁰⁵:

Termo	Domínio semântico	Subdomínio semântico	Definição
<i>Anesis</i>	Alívio, circunstâncias favoráveis	Alívio de problemas	Alívio como cessação ou suspensão de problemas ou dificuldades.
<i>Chara</i>	Atitudes e emoções	Feliz, alegre, exultante	Um estado de júbilo e alegria. Aquilo que se constitui em causa de júbilo ou alegria.
<i>Chairō</i>	Atitudes e emoções	Feliz, alegre, exultante	Desfrutar de um estado de felicidade e bem-estar.
<i>Lypē</i>	Atitudes e emoções	Sentir pesar, ficar arrependido	Um estado de tristeza caracterizado por um pesar que resulta daquilo que se fez. Um estado de angústia e sofrimento mental.
<i>Lypeō</i>	Atitudes e emoções	Sentir pesar, ficar arrependido	Levar alguém a ficar triste, pesaroso ou aflito.

2.3.4 Quarta etapa: definição da função das estratégias argumentativas

¹⁰³ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 3.

¹⁰⁴ Cf. LAMBRECHT, op. cit., p. 131.

¹⁰⁵ Extraídos de LOUW-NIDA, Léxico grego-português, p. 221, 271, 285 e 286, respectivamente

Agora, avançando para o quarto passo da análise retórica, vamos destacar a função das estratégias, identificadas na etapa anterior, às quais Paulo escolheu recorrer. O objetivo deste passo é evidenciar, na medida do possível, a intenção por trás dos recursos e questionar: “Por que foi dito desta forma?”.

Primeiramente, é importante ressaltar que o *exordium*, que representa nossa primeira unidade retórica (1.3-7), desempenha na *dispositio* a função de introduzir o discurso, captando a atenção e a benevolência do público/leitor, e prenunciando o assunto¹⁰⁶. Neste sentido, Paulo, após a *salutatio*, procura não apenas mostrar-se favorável à comunidade, como também apelar à reciprocidade. E isto também desempenha um importante papel no estabelecimento do *ethos* de Paulo ao destacar sua confiabilidade. De igual forma, os três *topoi* determinados no *exordium* cooperam para reforçar a solicitude do Apóstolo para com os coríntios¹⁰⁷. Os três *topoi* ainda tem a função de fornecer base para a reciprocidade que Paulo solicita da comunidade, pois tanto a aflição quanto a consolação do Apóstolo são proveitosa para os coríntios (1.6).

No versículo 3, podemos perceber que a composição concêntrica indica que o “Pai do Nosso Senhor Jesus Cristo” é também o “Pai das misericórdias”, e o “Deus do Nosso Senhor Jesus Cristo” é igualmente o “Deus de toda consolação”. Já no início notamos que a figura de Cristo tem um papel significativo, ela se encontra no centro da estrutura presente no versículo 3 (Deus – Pai – Jesus Cristo – Pai – Deus) e também na comparação efetuada no versículo 5 que é o ponto médio do *exordium*. Segundo Bieringer, “em 2Co 1.5, Paulo oferece uma interpretação cristológica da consolação, usando a preposição *dia*”¹⁰⁸.

Meynet explica que o centro de uma construção pode ser sua chave de interpretação e, com ela, abrimos o significado¹⁰⁹. Como mostramos no capítulo 1 desta pesquisa, o consenso dos exegetas acerca da influência veterotestamentária no tema da consolação em 2 Coríntios gira em torno do Livro da Consolação em Isaías. Ao colocar Cristo no centro, Paulo o apresenta como instrumento e horizonte da consolação.

A convicção do Apóstolo acerca de seus próprios sofrimentos é que eles indicam sua participação nos sofrimentos de Cristo. No entanto, ele também participa da consolação e sua firme esperança acerca dos coríntios é que experimentem o mesmo.

¹⁰⁶ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p.102; KENNEDY, Nuovo Testamento, p.36; WITHERINGTON, New Testament, p.16

¹⁰⁷ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p.110

¹⁰⁸ BIERINGER, The comforted comforter, p. 3.

¹⁰⁹ Cf. MEYNET, E ora, scrivete, p. 19.

Passando do versículo 3 para o 4, Paulo mostra que o “Deus de toda consolação” está presente em “toda a aflição”. As antíteses e os paralelismos (vv.4,6), neste sentido, reforçam a relação entre a ação da consolação divina e a realidade da aflição. Neste ponto, acreditamos que merece destaque a importância que Meynet atribui aos paralelismos e quiasmos:

Não se pode esquivar da pergunta acerca da função destas duas simetrias. Contrariamente ao que se pode pensar, a função do paralelismo e do quiasmo, mesmo em níveis elementares, não é só estética e nem puramente rítmica. Esta é já retórica: a simetria sinaliza a unidade dos dois membros, indica que eles formam um todo, ela fixa seus limites¹¹⁰.

A declaração que Paulo faz da finalidade da consolação no versículo 4 encontra aplicação no versículo 6, sobretudo nos segmentos 6c e 6d, quando ele mostra sua disposição em compartilhar a consolação¹¹¹. Entretanto, nos dois segmentos posteriores, 6e e 6f, Paulo amplia a explicação e indica que a consolação mostra sua eficácia na perseverança diante dos sofrimentos.

As comparações presentes nos versículos 5 e 7 estabelecem relações entre as duas realidades: sofrimentos/consolação. Paulo torna presente tanto os sofrimentos de Cristo quanto, através dele, a consolação. Além disto, garante aos coríntios que aqueles que participam dos sofrimentos, igualmente tem participação na consolação. E isto é o que torna firme a sua esperança.

Quanto à elevada concentração da terminologia relacionada à consolação no *exordium*, a ênfase recai sobre Deus como provedor de consolação (vv.3b,4) e Paulo como aquele que a compartilha com os outros (v.4), mas sem perder de vista que Deus é a fonte e Cristo, o centro¹¹². O princípio da consolação que Paulo estabelece já no início oferece aos coríntios o exemplo de como o Apóstolo lida com circunstâncias que envolvem sofrimento e aflição: ele se apoia na consolação divina, sabendo que isto também beneficiará outros¹¹³.

Ao recorrer ao termo *sōtēria* (1.6), Paulo o coloca em relação paralela à *paraklēsis*, apontando para um horizonte escatológico que contempla a consolação definitiva, a salvação final. Podemos, portanto, reconhecer três dimensões nesta unidade retórica como um todo: teológica (vv.3,4); cristológica (v.5) e soteriológica (vv.6,7)¹¹⁴.

¹¹⁰ Ibid., L’analisi retorica, p. 166.

¹¹¹ Cf. THRALL, The Second Epistle, p. 110.

¹¹² Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 4.

¹¹³ A função da consolação será mais desenvolvida no capítulo 3 deste trabalho.

¹¹⁴ Reservamos a discussão dessas três dimensões ao capítulo 3.

Passemos agora à análise da segunda unidade retórica. A fim de destacar a função da argumentação paulina em 7.4-13, vamos acompanhar o fluxo de seu pensamento¹¹⁵. Em seguida ao *exordium*, encontra-se a *narratio* que se estende até 2.16 e engloba a *propositio* indicada em 2.17. Na *narratio*, Paulo relata os acontecimentos que lhe sucederam desde a última visita a Corinto e defende a autenticidade de seu ministério e também de suas intenções junto àquela comunidade. O percurso deste relato envolve: a) perigo e livramento na Ásia (1.8-11); b) defesa de seu agir sincero com os coríntios (1.12-14); c) explicações quanto à mudança de itinerário (1.15-2.2); d) defesa da “carta entre lágrimas” e instruções na relação com o “ofensor” (2.3-11); e) inquietude pelo fato de Tito ainda não ter retornado com a resposta da comunidade à “carta entre lágrimas” (2.12,13). Em seguida, Paulo interrompe a narrativa que envolve o retorno de Tito e lança a *propositio* em defesa do autêntico apóstolo de Cristo (2.14-17)¹¹⁶.

A *argumentatio* tem, então, o seu início em 3.1 e se estende até 13.4. Ela desempenha uma função central no discurso na medida em que expõe as provas que fundamentam a *propositio*. A *argumentatio* começa com os argumentos de prova (*probatio*) e junto a eles se situa a unidade retórica sob análise nesta pesquisa.

Os argumentos de Paulo em 7.4-13 têm a função de completar o relato de sua ida à Macedônia – interrompido em 2.13 – com destaque para o retorno de Tito e a defesa da “carta entre lágrimas”. É nesta seção que ele desenvolve os *topoi* que emergiram no *exordium* da seguinte forma: a) as misericórdias divinas, traduzidas pela consolação, são ressaltadas por Paulo em meio às dificuldades enfrentadas na Macedônia. A consolação oferece uma moldura ao relato paulino (vv.4,13). Além disto, a consolação se dá concretamente com a chegada de Tito e com o consolo que ele também recebeu da comunidade (vv.5-7); b) mesmo a dureza das aflições apostólicas, e até o remorso temporário pelo envio da “carta entre lágrimas”, redundou em benção para os coríntios ao dar-lhes oportunidade de revelar e reconhecer sua atitude positiva para com Paulo (v.8-12); c) a dinâmica recíproca da consolação (Coríntios – Tito – Paulo) é exposta, de maneira concreta, mediante o relato destes acontecimentos (v.13).

Seguindo a ordem dos versículos desta segunda perícope, primeiramente, no versículo 4, Paulo assegura aos coríntios que está consolado, ele coloca a alegria em paralelo

¹¹⁵ Segundo o esquema de WITHERINGTON, New Testament, p.129-130.

¹¹⁶ Neste ponto, Kennedy afirma que Paulo também estabelece a *partitio* que orientará a argumentação. Portanto, segundo o autor, é possível identificar três *kephalaia* em 2.17: a) falamos com sinceridade; b) falamos da parte de Deus; c) falamos perante Deus em Cristo. De acordo com Kennedy, os *topoi* servem de impulso para a ação que fica mais clara nos três papéis concretos mostrados nas *kephalaia* (cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 112).

à consolação, associando os termos. A declaração do final do versículo, “em toda nossa aflição”, faz uma conexão com o vocabulário desenvolvido no *exordium*.

O merisma empregado no versículo 5 reforça que a natureza de sua aflição envolveu tanto o externo quanto o interno, indicando totalidade. O exagero ao qual Paulo recorre em alguns momentos (vv.5,11,13) serve para suscitar no leitor um *pathos* que o leve a tomar posição¹¹⁷. Em seguida, no versículo 6, o Apóstolo recupera elementos já declarados no *exordium* (1.3,4) e indica a fonte (Deus) e a forma da consolação (presença de Tito). Ele reforça o foco teológico da consolação, mas também a reciprocidade que já fora estabelecida no *exordium*. Ele coloca no centro a figura de Tito, destacando a ação consoladora de sua presença e do fato dele mesmo ter sido consolado pela comunidade coríntia.

Novamente, no versículo 7, Paulo traz, atrelado à consolação, o tema da alegria. O Apóstolo enumera as atitudes positivas da comunidade, mostrando que elas trazem consolação e alegria e, ao mesmo tempo, reforçando aos coríntios que é este tipo de atitude que eles devem demonstrar.

Percebemos que, somente depois de ter assegurado a consolação e a alegria, Paulo passa a falar da tristeza que a “carta entre lágrimas” pode ter causado, tanto para ele quanto para a comunidade. Ao contrastar a “tristeza segundo Deus” e a “tristeza do mundo” (v.10), Paulo emprega a antítese que serve ao alargamento da discussão. Ele não enfatiza a tristeza, mas mostra que se ela aconteceu, produziu um resultado positivo. E então, Paulo qualifica este tipo de tristeza como sendo “segundo Deus”. Tal tipo de tristeza é, para ele, motivo de alegria, pois ele diz: “agora me alegro”. Desta forma, ele insere o assunto referente à tristeza em uma moldura de alegria. A relação entre “carta” e “enristecimento” mostra o quanto era importante que Paulo tocasse neste assunto delicado.

Além disto, o Apóstolo revisita seus próprios sentimentos sobre o assunto e coloca no centro a questão do remorso, o impacto da carta não alcançou apenas a comunidade, mas o próprio Paulo. No entanto, ele parece mostrar com seus argumentos que não cometeu um erro ao enviar a “carta entre lágrimas”, pelo contrário, ela cumpriu o objetivo que ele esperava e, com isto, a consolação se manifestou tanto aos coríntios quanto ao Apóstolo, além de Tito. O relato que Paulo oferece neste trecho apresenta concretamente o motivo da consolação, enfatizando sua dinâmica recíproca estabelecida desde o *exordium*.

¹¹⁷ Cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p.158.

A anáfora que ele usa no versículo 11 tem a função de “dar tempo para que se ‘saboreie’ afetivamente a informação apresentada como importante”¹¹⁸. Ele elogia e exorta ao mesmo tempo, é desejável que os coríntios permaneçam assim. Posteriormente, no versículo 12, Paulo conclui sua motivação em ter enviado a carta: ela ultrapassa as questões pertinentes ao par ofensor/ofendido, e serve para manifestar aos próprios coríntios, diante de Deus, sua solicitude para com o Apóstolo. O versículo 13 encerra a unidade retórica, a consolação e alegria são enfatizadas de forma a superar as situações de aflição e tristeza que foram relatadas.

O capítulo 7, com atenção especial ao trecho analisado, que constitui sua parte central, tem um teor conclusivo que parece indicar que agora a relação entre Paulo e os coríntios foi restaurada, mesmo que sem unanimidade.

Nota-se, então, que a função retórica do material presente em 2Co 1.3-7 e 7.4-13 é captar a benevolência, apelando à reciprocidade na consolação, e fazer uma defesa. Neste caso, Paulo está defendendo a severa carta enviada entre lágrimas que tem como pano de fundo a oposição à autoridade paulina que culminou em uma ofensa recebida na segunda visita. É importante manter em mente que as unidades retóricas sob análise estão inseridas no conflito de relações entre o Apóstolo e a comunidade coríntia.

Ainda que Hansen recomende a determinação do gênero retórico na segunda etapa, optamos por adiar esta tarefa até agora, para executá-la diante de uma discussão mais aprofundada dos argumentos de Paulo¹¹⁹. A presença do gênero judiciário fica ainda mais nítida diante do percurso realizado até esta etapa.

Já vimos que praticamente toda 2 Coríntios está em função da defesa paulina contra o rastro de influência negativa deixado por seus oponentes inseridos na comunidade¹²⁰. Mesmo o tom conciliatório presente nas unidades em análise está em função do gênero judiciário. Paulo estabelece e argumenta em favor do princípio da consolação e também do envio da “carta entre lágrimas”. Portanto, se a situação retórica já apontava para o gênero judiciário, agora ele fica mais evidente¹²¹.

¹¹⁸ LAUSBERG, Elementos de retórica, p.166.

¹¹⁹ Cf. HANSEN, crítica retórica, p. 335.

¹²⁰ Cf. BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 120.

¹²¹ Cf. KENNEDY, Nuovo Testamento, p. 110; WITHERINGTON, New Testament, p. 128; HANSEN, op. cit. p. 334. Contudo, Aletti et al. recomendam determinar o gênero a partir da *propositio*, o que neste caso reforça o gênero forense, tendo em vista que 2Co 2.17 marca a intenção de Paulo em se defender e se diferenciar dos oponentes (cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 96).

2.3.5 Quinta etapa: avaliação do impacto persuasivo

Finalmente, chegamos ao último passo da análise que pretende avaliar o efeito da unidade retórica na situação que a exigiu e quais as possíveis implicações tanto para o orador/autor quanto para o público/leitor.

Porém, antes da análise propriamente dita, convém esclarecer que não temos como medir os efeitos de fato suscitados na comunidade, mas aqueles que o Apóstolo, provavelmente, teve a intenção de provocar no público/leitor. Para tanto, recorreremos à análise do *pathos* envolvido nas unidades retóricas, uma vez que esta é a categoria que diz respeito ao público/leitor e à sua “reação emocional”¹²². Sem perder de vista, no entanto, que o *pathos* é influenciado pelo *ethos* e o *logos* – orador/autor e mensagem/disco

A categoria *logos* merece atenção, pois é nela que se encontra a parte do discurso/mensagem que expõe as provas com as quais o orador/autor deseja persuadir o público/leitor. Tais provas podem ser objetivas, tendo em mira o convencimento intelectual, ou afetivas, com vistas à persuasão emocional¹²³.

Portanto, o esforço persuasivo permeia o discurso quer apelando às emoções e/ou ao intelecto. Conseguir a adesão do público/leitor tanto intelectual quanto afetivamente significa alcançá-lo por inteiro: corpo e alma¹²⁴. E é na identificação deste empenho por parte de Paulo que observaremos o efeito retórico.

No que diz respeito às emoções, o gênero retórico também se encarrega de provocá-las e, no caso analisado, o gênero forense suscita severidade e brandura¹²⁵.

A graduação afetiva de um discurso envolve as três categorias – *ethos*, *logos* e *pathos* respectivamente – e se intensifica a partir das emoções mais superficiais até as mais profundas¹²⁶. Ambas as unidades retóricas analisadas nesta pesquisa constituem porções nas quais se destaca um estilo conciliatório que lida com a relação conflituosa entre o Apóstolo e os coríntios, e também com a “resposta emocional” da comunidade à “carta entre lágrimas”¹²⁷. Tanto o receio do Apóstolo no que diz respeito à reação dos coríntios, manifesto

¹²² KENNEDY, op. cit., p. 27.

¹²³ Cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p. 92.

¹²⁴ Cf. WITHERINGTON, New Testament, p.16; WELBORN, Paul’s appeal, p.34

¹²⁵ Cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 95.

¹²⁶ Cf. WITHERINGTON, op. cit., p. 15.

¹²⁷ Cf. WELBORN, op. cit., p. 35.

na ansiosa espera por Tito, quanto suas afirmações sobre a tristeza causada (7.8,9), mostram sua preocupação com os efeitos que tal carta possa ter gerado¹²⁸.

Diante disto, já no *exordium*, Paulo apresenta a participação nos sofrimentos de Cristo como fundamento para manifestação de uma resposta emocional autêntica¹²⁹. O Apóstolo ainda responde à reação de tristeza por parte dos coríntios enfatizando a consolação divina e sua dinâmica recíproca. No estabelecimento do *ethos*, que pode ser identificado tanto na *salutatio* quanto no *exordium*, existe um apelo à abertura, solicitude e benevolência que, em termos de intensidade, apontam para sentimentos mais brandos¹³⁰.

Segundo Welborn, Paulo parece ter recorrido a três tipos de emoção nos trechos analisados¹³¹. A comiseração é o primeiro tipo. Ela é evocada no *exordium* quando Paulo faz menção, ainda que de maneira geral, de seu sofrimento (1.3-7) e posteriormente, do que passou na Macedônia à espera de Tito (7.5). Ele mantém o apelo à comiseração até o ponto em que demonstra como seu sofrimento se transformou em consolação mediante o encontro com Tito (7.6-13).

Ainda no *exordium* convém destacar os três elementos que contribuem para realçar o apelo à comiseração: 1) o fato de sofrer com Cristo como experiência que Paulo aproxima dos próprios coríntios (1.6,7); 2) a dimensão altruísta em favor da comunidade que o Apóstolo atribui ao seu sofrimento (1.4,6); 3) a apresentação da gravidade do sofrimento paulino, reforçada pela repetição do vocabulário ligado à consolação.

Ao defender a “carta entre lágrimas”, Paulo apela à comiseração relatando sua atribulada espera pela resposta que Tito traria (7.5). Ao descrever sua situação na Macedônia, ele amplia o cenário e, de igual forma, o efeito emocional. Paulo indica que embora os coríntios possam ter sido entristecidos, ele é a parte ofendida (7.12). Por fim, se o orador/autor causou algum tipo de tristeza e dor, ele mostra que também experimentou sofrimento (7.5,8). A insistência nas repetições mostra como Paulo lança sobre os coríntios o *pathos* de suas tribulações¹³².

¹²⁸ Segundo Welborn, o foco nas provas afetivas ou no apelo às emoções é um aspecto frequentemente negligenciado na análise retórica das cartas paulinas (cf. WELBORN, op. cit., p. 60).

¹²⁹ Cf. WELBORN, op. cit., p.34. Lausberg chama esta argumentação inicial de “provas éticas” que apelam à simpatia em níveis afetivos mais suaves (cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p. 92).

¹³⁰ Cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p. 105; WITHERINGTON, New Testament, p.15

¹³¹ Cf. WELBORN, op. cit., p.39-57. As conclusões que este autor apresenta acerca das emoções presentes na carta parte do estudo da obra de teóricos antigos da retórica, especialmente Platão, sobre o “papel das provas afetivas ou do apelo às emoções na criação do discurso persuasivo”.

¹³² Cf. KENNEDY, *Nuovo Testamento*, p. 115.

Evocar a comiseração expõe a ambivalência na atitude de Paulo para com os coríntios: ele sabe que houve uma reconciliação, mas que ainda há antagonistas. Portanto, a solicitude da comunidade não é unânime¹³³. “A imagem do Apóstolo afligido que está em constante necessidade da consolação divina é calculada para suavizar os corações dos coríntios, preparando-os para serem persuadidos por um lamento (*conquestio*)”¹³⁴. O tom conciliatório se beneficia deste recurso, uma vez que o efeito pretendido é que outros sentimentos negativos que possam ser levantados contra o orador/autor sejam dissolvidos¹³⁵.

A segunda emoção à qual Paulo apela é a ira, o que pode soar estranho ao estilo conciliatório das unidades retóricas. A ira é levantada contra os recalcitrantes no meio da comunidade como responsáveis por toda a dor e tristeza causada. Em 7.12, Paulo menciona o ofensor¹³⁶. O termo empregado pelo Apóstolo, *adikos*, pertence ao domínio semântico das “qualidades morais e éticas e comportamento correspondente”, no subdomínio relacionado ao direito¹³⁷, e isto deixa com o público/leitor a noção de que a ofensa está ligada a um ato injusto, o que, por sua vez, amplia o apelo à ira. No entanto, como já visto, ele argumenta que a “carta entre lágrimas” fora escrita, não por causa do ofensor e nem do ofendido, mas como oportunidade de colocar em evidência a solicitude da comunidade com relação a Paulo (7.12). E isto, finalmente, resulta em consolação (7.13).

O efeito deste empenho persuasivo é deslocar o foco do ofendido para o ofensor ao mesmo tempo em que destaca a benevolência da parte ofendida em não guardar registro da ofensa, não obstante tanto sofrimento. Afinal, como mostrado desde o início, no *exordium*, a consolação faz parte da resposta emocional autêntica às circunstâncias que envolvem sofrimento. O segundo efeito do apelo à ira contra um terceiro é purgativo, isto é, qualquer ressentimento remanescente por parte da comunidade tende a ser afastado¹³⁸ – especialmente se somado ao apelo à comiseração abordado anteriormente.

A terceira e última emoção é o zelo¹³⁹. O Apóstolo agora dá um passo além da preocupação com as agruras sofridas e direciona a comunidade a um anseio pela restauração

¹³³ Cf. WELBORN, Paul’s appeal, p. 49.

¹³⁴ Ibid., p. 40.

¹³⁵ Ibid., p. 47.

¹³⁶ O ofensor já havia sido abordado em 2.5-11.

¹³⁷ LOUW-NIDA, Léxico grego-português, p. 660.

¹³⁸ Cf. WELBORN, Paul’s appeal, p. 54.

¹³⁹ Segundo Louw-Nida, o zelo tanto pode se referir à dedicação a algo ou alguém, quanto a um forte sentimento de ciúmes ou inveja (cf. LOUW-NIDA, op. cit., p. 676).

do relacionamento entre eles (7.7, 11)¹⁴⁰. Desta forma, toda experiência relatada se apresenta como uma oportunidade para que a comunidade manifeste e reconheça, diante de Deus, o zelo que tem por Paulo.

O zelo dos coríntios já fora testemunhado e relatado por Tito (7.7) e está entre as atitudes positivas da comunidade destacadas por Paulo (7.11). Em última instância o zelo resulta da “carta entre lágrimas” na medida em que ela produziu dois efeitos: um temporário representado pela tristeza e outro duradouro revelado pelo arrependimento que conduziu ao zelo renovado¹⁴¹.

O efeito destes destaque ao zelo é justamente fortalecer-lo e motivar a comunidade a prosseguir desta forma. No apelo às emoções, Paulo tanto age no sentido de explorar o que acredita estar presente em seu público/leitor quanto dar exemplo da emoção que deseja inspirar na comunidade¹⁴². E o zelo é entendido tanto no que diz respeito ao cuidado e dedicação para com Paulo conforme descrito acima, mas também em referência a um forte sentimento de imitar o zelo que o Apóstolo demonstra pelos coríntios¹⁴³.

O efeito final desejado não é apenas suscitar as emoções descritas, mas conformá-las à participação nos sofrimentos de Cristo, partindo do pressuposto de que este é o fundamento da resposta emocional autêntica. Paulo já se oferece como exemplo no *exordium*, pois em vez da (costumeira) ação de graças entoa uma bendição a Deus que não está fundada na reputação espiritual da comunidade, mas na experiência de consolação divina em meio ao sofrimento¹⁴⁴. Os coríntios são convidados a partilhar da consolação, mas isto implica em disposição para participar também do sofrimento.

Agora, com respeito às provas objetivas, sabemos que no *exordium* Paulo elabora o princípio da consolação ao qual recorrerá na *argumentatio*. Conforme já explorado anteriormente, na reflexão que ele faz do tema, seu pensamento se desenvolve seguindo o itinerário: fonte da consolação (1.3); circunstâncias e finalidade da consolação (1.4); participação nos sofrimentos de Cristo (1.5); disposição em compartilhar a consolação (1.6);

¹⁴⁰ Cf. WELBORN, op. cit., p. 54. Bieringer reforça que “aceitar o relacionamento entre Paulo e os coríntios, e os apelos concernentes à restauração como chave para um entendimento correto de nossa carta poderia ajudar no desenvolvimento de uma visão mais unificada de 2 Coríntios e suas partes individuais” (BIERINGER, The comforted comforter, p. 253).

¹⁴¹ Cf. MURPHY-O’CONNOR, The theology of Second Corinthians, p. 71.

¹⁴² Cf. WELBORN, op. cit., p. 38.

¹⁴³ Welborn usa a definição aristotélica de zelo que também envolve a emulação (cf. WELBORN, Paul’s appeal, p. 55). Como mostramos anteriormente, o léxico de Louw-Nida também traz a definição de zelo como um sentimento de inveja, almejar algo que o outro possui.

¹⁴⁴ Cf. WELBORN, op. cit., p. 58.

participação no sofrimento e consolação (1.7). Esta reflexão prepara o público/leitor para os eventos que serão narrados e os argumentos lançados mais adiante. E diante das provas afetivas já analisadas, pode-se concluir que este trecho apela tanto às emoções quanto ao intelecto.

Na unidade retórica 7.4-13, Paulo apela ao intelecto combinando a reflexão teológica com o relato de eventos passados¹⁴⁵. Ele reflete sobre os fatos ocorridos com a espera e a chegada de Tito (7.5-13) mostrando que eles explicam sua consolação (7.4,13). Paulo faz a defesa da “carta entre lágrimas” como se ela tivesse representado uma manobra arriscada, porém calculada, pois produziu o efeito desejado (7.8-12). Então, ao contrastar a tristeza do mundo e aquela segundo Deus, o Apóstolo elabora uma reflexão sobre a tristeza dos coríntios atrelando-a à vontade de Deus, e destaca os resultados positivos que derivaram da carta.

O efeito pretendido mediante o apelo às provas objetivas é provocar uma adesão intelectual. No entanto, se orador/autor, como no caso de Paulo, julgar que a convicção intelectual não é suficiente para uma decisão por parte do público/leitor que altere a situação retórica, haverá também um empenho na criação de um consentimento afetivo¹⁴⁶. Como afirma Witherington, “Paulo sabia que tanto o coração quanto a mente tinham que ser conquistados”,¹⁴⁷.

Confrontando tal esforço persuasivo com a situação retórica que o exigiu, talvez possamos dizer que a retórica forense de 2 Coríntios, nas perícopes analisadas, alcançou o efeito pretendido pelo Apóstolo. O fundamento para esta afirmação encontra-se justamente no efeito positivo alcançado pela severa “carta entre lágrimas” anterior à 2 Coríntios. Embora Paulo tenha nos deixado conhecer a tristeza que esta correspondência provocou na comunidade, ele também demonstra que sua intenção em termos de arrependimento e restauração do relacionamento com a comunidade foi alcançada. Mesmo que este efeito não tenha sido unânime, o tom conciliatório de 2 Coríntios, sobretudo nas unidades analisadas, pode também ter redundado em encorajamento e consolação. A retórica paulina foi elaborada à altura do que a situação exigiu e, ainda que com uma defesa mais branda, os trechos em estudo servem aos propósitos da retórica forense que predomina na carta.

¹⁴⁵ Segundo Aletti et al., além dos fatos, dos princípios e da reflexão teológica que podem ser oferecidos como provas na argumentação, ainda existem as provas de autoridade, sejam elas das Escrituras ou das palavras do Senhor (cf. ALETTI et al., Vocabulário ponderado, p. 102).

¹⁴⁶ Cf. LAUSBERG, Elementos de retórica, p.104-105. Segundo o autor, “o consentimento afetivo pode preencher possíveis lacunas da convicção intelectual”.

¹⁴⁷ WITHERINGTON, New Testament, p. 131.

A reflexão teológica que o tema da consolação exige será contemplada no próximo capítulo de forma que as provas objetivas terão nele uma discussão mais ampla.

CAPÍTULO 3

A TEOLOGIA DA CONSOLAÇÃO SEGUNDO PAULO

Tendo explicitado, no capítulo anterior, os elementos presentes na argumentação paulina sobre a consolação, passaremos agora à reflexão teológica acerca do tema, seguindo o percurso indicado pelo Apóstolo nas perícopes analisadas, sobretudo em 2Co 1.3-7. É nesta perícope que Paulo traça os termos gerais da teologia da consolação¹.

Diante da elevada concentração do vocabulário da consolação, Lambrecht destaca uma monotonia intencional presente na perícope cujo propósito será evidenciado ao longo deste capítulo². A consolação é a base temática sobre a qual são construídos vários argumentos da carta³. A fim de analisarmos a estrutura da teologia paulina da consolação, utilizaremos as seis sequências que foram definidas no capítulo anterior a partir de 2Co 1.3-7. Em seguida, as sequências serão relacionadas de forma a apresentar a teologia como um todo. Finalmente, apresentaremos as questões atuais que tocam a teologia da consolação em um esforço de atualização do tema.

3.1 Fonte e circunstância da consolação

Bendito seja o Deus e Pai de Nossa Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, o qual nos consola em toda a nossa aflição (2Co 1.3a-4b)

O uso da terminologia *parakaleō/paraklēsis* com o significado de consolo nas cartas protopaulinas não se restringe a 2 Coríntios, aparece também em 1 Ts 3.2,7; 4.18 e 5.11; Fm 7 e 1Co 14.3. Nessas passagens o agente da consolação é um ser humano:

¹ “O foco teológico e cristológico sugere que em 2Co 1.3-7 (e 7.5-13) Paulo desenvolva uma ‘teologia’ da *paraklēsis*” (BIERINGER, The comforted comforter, p. 4).

² Cf. LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 23. Schmitz chama o primeiro capítulo de 2 Coríntios de “o grande capítulo da consolação no Novo Testamento” (SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 797).

³ “Palavras-chave como *thlibō*, *thipsis* e *paraklēsis* são recorrentes nos capítulos seguintes, assim como os temas da vida e morte, e sofrimento apostólico” (THRALL, The Second Epistle, p. 98). Ver também FURNISH, II Corinthians, p. 117. O estudo de Winter apresenta as conexões temáticas entre a abertura e outras partes da carta (cf. WINTER, The meaning and function, p. 21-24).

Paulo pretende consolar os Tessalonicenses ao enviar Timóteo (1Ts 3.2) e os Tessalonicenses também consolam a Paulo mediados por Timóteo (1Ts 3.7). Paulo convida os Tessalonicenses a consolarem uns aos outros (4.18; 5.11). Ele também recebe consolo de Filêmon. De acordo com 1 Coríntios 14.3, o profeta consola a *ekklēsia*⁴.

Entretanto, em 2 Coríntios emerge o foco teológico, Deus é o sujeito da consolação e Paulo assim o declara desde o início da carta⁵. Tal ênfase em Deus como aquele que consola é expressa nos segmentos 2Co 1.4a “o qual nos consola”, posteriormente em 1.4e “... somos consolados por Deus” e também em 7.6a e b “mas aquele que consola os abatidos, Deus, nos consolou”. Segundo Furnish, a expressão “Deus de toda consolação” não é “uma descrição da ‘natureza’ de Deus, mas daquilo que Deus concede” aos que se encontram em qualquer aflição⁶.

O uso frequente de *parakalēo* no Novo Testamento com o sentido de “consolo” pode ser devido à sua ocorrência na LXX como tradução do hebraico *nāham*. Em Deutero Isaías (ex: Is 40.1; 51.12) o verbo hebraico (traduzido por *parakalēo* na LXX) é usado no contexto da mensagem do tempo inicial da salvação quando **o próprio Deus “consolará” seu povo**⁷.

Conforme afirmamos no primeiro capítulo deste trabalho, assim como os trechos acima fazem referência ao tempo da salvação para o judaísmo, é possível que o uso que Paulo faz de *parakalēo* no sentido de “consolação” também envolva tal dimensão. O Apóstolo pode considerar sua atuação no ministério como parte do consolo messiânico, o que será abordado mais adiante⁸. Por ora, queremos destacar que Deus é a fonte de toda consolação. É ele quem consola, ainda que a consolação se manifeste a partir dos eventos terrenos e dos canais humanos⁹.

O Deus de toda consolação também é o Pai das misericórdias. Desta forma, a consolação deriva das misericórdias divinas, a “consolação (singular) parece ser um aspecto das misericórdias (plural)”. Como visto no capítulo precedente, o termo *paraklēsis* é colocado em paralelo à *oiktirmos*. Bieringer chama a atenção para o fato de que, ao usar *paraklēsis* no sentido de consolação, Paulo, algumas vezes, coloca em paralelo outro termo

⁴ BIERINGER, The comforter comforted, p. 4.

⁵ Cf. Ibid., p. 6.

⁶ FURNISH, II Corinthians, p. 117.

⁷ THRALL, The Second Epistle, p. 103. Ênfase nossa.

⁸ Cf. Ibid.

⁹ Cf. BIERINGER, op. cit., p. 3; THRALL, op. cit. p. 102.

¹⁰ LAMBRECHT, Second Corinthians, p. 18.

correspondente que esclareça o significado. Neste caso, ele aproximou misericórdia e consolação¹¹.

Paulo destaca que a circunstância na qual Deus concede consolação refere-se a “toda a nossa aflição” (1.4b). Ao utilizar a primeira pessoa do plural, é possível que o Apóstolo fale apenas de si mesmo ou inclua seus colaboradores, mas é menos provável que envolva o público/leitor neste momento¹².

A aflição é um dado importante, pois a relevância do tema da consolação para Paulo está intimamente ligada à visão do Apóstolo acerca da existência cristã e, presente nela, a questão do sofrimento¹³. Portanto, neste ponto, a teologia paulina da consolação pode ser situada em um quadro maior que diz respeito à forma com que Paulo concebe a experiência do sofrimento na vida cristã.

Ao longo de 2 Coríntios, Paulo lista algumas aflições que sofreu no desempenho do ministério apostólico (1.8-11; 4.7-12; 11.23-29). As aflições fazem parte de sua missão desde o início: “At 9.16 indica que o sofrimento de Paulo é inerente à sua vocação, parte de sua identidade missionária e reflete a vontade do Senhor Jesus Cristo”¹⁴. Portanto, as aflições não constituem um elemento surpresa na existência de Paulo e, em vez de colocar em dúvida a legitimidade de seu ministério, servem para reforçar a ação do poder de Deus na vida do Apóstolo¹⁵.

Dentre as aflições listadas em 2 Coríntios, Paulo destaca duas delas, colocando-as em conexão direta com a consolação divina. A primeira se encontra em 1.8-11¹⁶. O Apóstolo estabelece os termos gerais da teologia da consolação (cf. 1.3-7) e depois cita um evento ilustrativo. Paulo afirma que Deus o livrou de um perigo mortal enfrentado na Ásia e isto foi interpretado por ele como consolação divina em ação. Desta forma, aqui “a consolação na aflição significa livramento do perigo de morte”¹⁷.

¹¹ Cf. BIERINGER, *The comforted comforter*, p. 2; MURPHY-O'CONNOR, *The theology*, p. 22, 71.

¹² Cf. THRALL, *The Second Epistle*, p. 103.

¹³ Cf. HELEWA, *Un ministero paolino*, p. 5.

¹⁴ ELOY e SILVA, *O sofrimento apostólico*, p. 118. Ver também LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 58.

¹⁵ Cf. LAMBRECHT, *Paul and suffering*, p. 59. Kruse afirma que a elaboração de listas de aflições e tribulações era uma prática comum entre os moralistas helenísticos. Porém, enquanto estes queriam destacar sua própria força diante das aflições, Paulo queria registrar exatamente o oposto: o poder para perseverar vinha de Deus e não de si mesmo (cf. KRUSE, *Angústias*, p. 70).

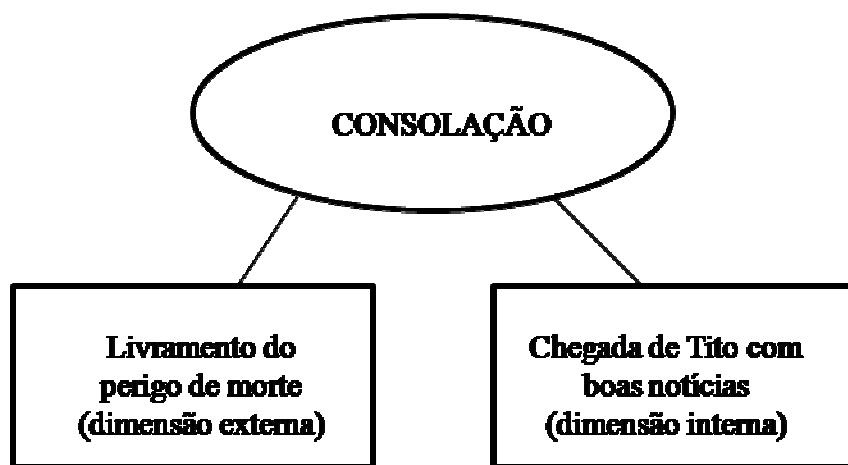
¹⁶ As perícopes analisadas não incluem este trecho, mas ele será utilizado aqui para mostrar um dos indicadores que Paulo usa para ilustrar a teologia da consolação que estabelece em 2Co 1.3-7.

¹⁷ LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 23.

A segunda aflição na qual Paulo enfatiza a consolação se encontra na segunda perícope analisada nesta pesquisa (7.4-13). A situação aflitiva não tem mais a ver com uma ameaça física (perigo de morte), mas com a ausência de alívio (cf. 7.5) provocada, entre outros motivos, pela espera das notícias que Tito traria da comunidade coríntia¹⁸. Então a consolação não se apresenta mais como livramento do perigo, mas como o “efeito que a chegada de Tito com as boas notícias da congregação teve sobre Paulo”¹⁹. Por isto, o Apóstolo escreve: “Mas aquele que consola os abatidos nos consolou, Deus, com a presença de Tito” (7.6). Ele ainda acrescenta: “E não somente com a presença dele, mas também com a consolação com a qual ele foi consolado por vós” (7.7a-7c).

Diante dos exemplos que Paulo atrela à consolação, é possível perceber que ela pode ser assumida como um constructo, isto é, um conceito não observável diretamente²⁰. Para se tornar visível, a consolação precisa de indicadores que tragam para o plano concreto o que ela representa. No caso em questão, Paulo deu visibilidade à consolação, colocando em destaque dois indicadores, segundo a figura abaixo:

Figura 3: A consolação e seus indicadores



Portanto, a consolação divina ganhou concretude e se manifestou na dimensão externa e interna do ser. Tanto foi preservado o corpo físico do Apóstolo ao ter sido livrado da morte, quanto seu interior que estava angustiado à espera de Tito e das notícias sobre a reação

¹⁸ Cf. BIERINGER, The comforter comforted, p. 3.

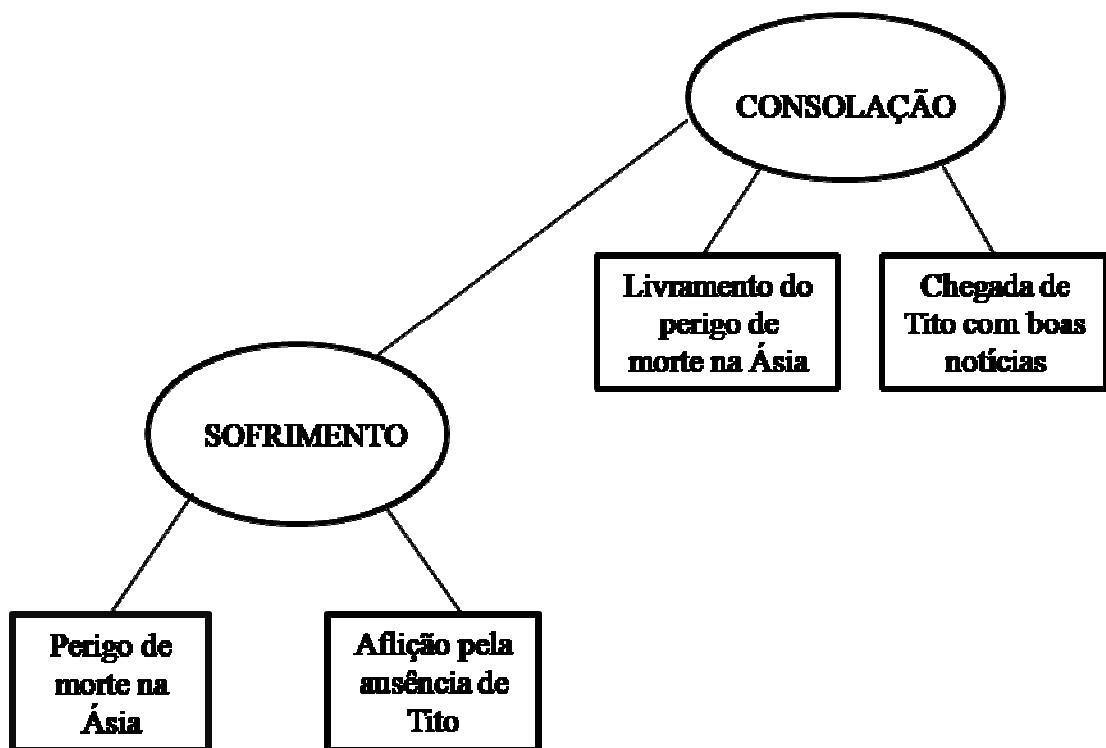
¹⁹ FURNISH, II Corinthians, p. 117.

²⁰ Cf. LAKATOS e MARCONI, Metodologia científica, p. 104.

da comunidade à sua carta severa²¹. Ao falar de sua aflição à espera de Tito na Macedônia, Paulo também recorre a essa dupla dimensão: “Pois de fato, quando chegamos à Macedônia, nenhum alívio teve a nossa carne, mas em tudo, fomos afligidos: por fora, lutas; por dentro, temores” (7.5).

Paulo mostra que o sofrimento precede a consolação. Também podemos encará-lo como um constructo uma vez que ele se torna visível a partir dos eventos citados pelo Apóstolo dos quais extraímos dois que se relacionam com a consolação. A figura abaixo agrupa o sofrimento como constructo antecedente à consolação e que com ela mantém relação direta²².

Figura 4: Consolação, sofrimento e seus respectivos indicadores



²¹ Schmitz reforça que o uso de *parakaleō* no sentido de “consolar” indica um consolo que é expresso através de palavras, mas também de acontecimentos específicos (cf. SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 798).

²² Cumpre notar que, ainda que Paulo cite tais exemplos nos quais a consolação tenha se traduzido em livramento de algum nível, a teologia da consolação que ele estabelece não contempla apenas situações deste tipo. Acreditamos que, por exemplo, quando Paulo cita o episódio do “espinho na carne” (2Co 12.7,8), não houve um livramento conforme o esperado. No entanto, a resposta de Deus ao Apóstolo: “A minha graça te basta, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (12.9), é também consolação, uma vez que capacita à perseverança. Isto pode ser entendido melhor na discussão da quinta sequência, item 3.5.

Entretanto, Paulo demonstra que o objetivo da consolação não é apenas oferecer algum alívio em meio ao sofrimento, mas algo que se estende para além de seus próprios interesses, o que nos leva a refletir sobre a finalidade da consolação recebida.

3.2 Finalidade da consolação

a fim de que possamos consolar os que estão em toda aflição por meio da consolação com a qual nós mesmos somos consolados por Deus (2Co 1.4c-4e).

Na sequência anterior, Paulo declarou ser consolado por Deus e agora ele se coloca como mediador da consolação para outros²³. Não obstante, o Apóstolo enfatiza que a consolação que ele oferece começa em Deus e não vem de si mesmo (cf. 1.4e). Desta forma, “como Deus está na origem da consolação paulina, Paulo é um consolador consolado”²⁴. A consolação oferecida pelo ser humano é então concebida como uma ação divina, ela é “uma consolação real somente porque Deus é, de maneira final e essencial, o consolador”²⁵.

O objetivo da consolação que o Apóstolo recebe consiste em capacitá-lo a oferecer a mesma consolação a outros aflitos (cf. 1.4c). Ele não é apenas alvo da consolação divina, mas um agente disposto a passar adiante a mesma experiência vivida em meio à aflição. Desta forma, a consolação não é uma espécie de privilégio apostólico, mas um ato de benevolência divina que se estende aos que passam por qualquer aflição.

O Apóstolo recebe a consolação em sua aflição, e esta mesma consolação é também instrumento. Ele diz que está apto a consolar mediante a mesma consolação que recebe de Deus (cf. 1.4d, 4e). Esta redundância reforça que a consolação é um fim, mas também um meio. Paulo é alvo da consolação, mas também agente.

Esta consolação compartilhada será retomada mais adiante (cf. 1.6). Entretanto, convém destacar como o episódio da chegada de Tito no capítulo 7 ilustra o que Paulo acabou de estabelecer neste ponto, isto é, que a consolação de um serve para a consolação de outro.

²³ Cf. THRALL, The Second Epistle, p. 103.

²⁴ BIERINGER, The comforted comforter, p. 4.

²⁵ SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 797. Bieringer chama a atenção para as diferentes preposições que Paulo usa ao falar do agente de consolação. Para Deus ele usa *hypo*. Quando os agentes são seres humanos, emprega *epi*. E ao dar a interpretação cristológica usa *dia* (cf. BIERINGER, op. cit., p. 4).

Tito fora consolado pela comunidade coríntia ao constatar suas atitudes positivas como indicação da restauração do relacionamento com o Apóstolo (cf. 7.7,13). E a consolação que Tito recebeu dos coríntios também serviu de consolação para Paulo de duas maneiras: o Apóstolo se sentiu consolado com o relato positivo que Tito expressou em sua chegada à Macedônia; mas também foi consolado ao constatar que o próprio Tito recebera consolação por parte dos coríntios (cf. 7.7,13).

Cumpre manter em mente que aquele que está na origem de todo este movimento de consolação é “Deus que consola os abatidos” (7.6), mas “como sempre, Deus agiu através dos canais humanos”²⁶.

A finalidade da consolação que Paulo estabelece, somada ao exemplo da relação Coríntios–Tito–Paulo, demonstra um movimento de reciprocidade capaz de fortalecer a comunhão entre os cristãos. No quadro geral da Segunda Carta aos Coríntios, por exemplo, vimos que havia um conflito de relacionamento que demandava restauração e, neste sentido, a dinâmica recíproca da consolação que Paulo apresentou na carta se fez oportuna.

Até este momento, Paulo apresentou o foco teológico da consolação. Mais adiante, ele se desloca para uma ênfase cristológica, conforme refletiremos a seguir.

3.3 Conexão dos sofrimentos de Cristo com a consolação

Pois assim como transbordam os sofrimentos de Cristo em nós, assim, por meio de Cristo, transborda também a nossa consolação (2Co 1.5).

Retomando a questão do sofrimento, Paulo demonstra que o concebe como participação nos sofrimentos de Cristo²⁷. Os sofrimentos são de Cristo uma vez que o Apóstolo se conforma ao Mestre. Ao usar a categoria da participação, Paulo indica que sua união com Cristo traz consigo o sofrimento²⁸. O sofrimento é uma realidade que Paulo, em

²⁶ MURPHY-O'CONNOR, The theology, p. 71.

²⁷ Lambrecht chama a atenção para a semelhança entre as construções *ta pathēmata tou Christou; hē nekrōsis tou Iēsou; ta stigmata tou Iēsou* presentes em 2Co 1.5, 2Co 4.10 e Gl 6.17 respectivamente (cf. LAMBRECHT, Paul and suffering, p. 56).

²⁸ Cf. LAMBRECHT, op. cit., p. 55.

alguma medida, “considera idêntica ou, pelo menos, intimamente conectada à paixão e morte de Cristo”²⁹.

Em 1.5, Paulo constata que a consolação é uma realidade tão intrínseca à vida cristã quanto o sofrimento, pois “sofrimento e conforto são os dois pólos de sua existência apostólica”³⁰.

Há uma razão teológica e cristológica para a avaliação que Paulo faz do sofrimento uma vez que ele representa a oportunidade de sublinhar a consolação de Deus por meio de Cristo (cf. 1.5b, 5c). Portanto, o Apóstolo recebe a consolação mediante a instrumentalidade de Cristo sem perder de vista que o “agente primário” dela é Deus³¹.

Paulo demonstra que a perspectiva pela qual encarou aflições tais como as da Ásia (cf. 1.8-11) tinha a ver com o transbordar dos sofrimentos de Cristo nele, e somente tal perspectiva poderia abrir espaço para a consolação³². O Apóstolo tem como garantido – em 1.5 e 1.7 – o fato de que a participação no sofrimento também implica em participação na consolação. “Em particular, comprehende a si mesmo associado a Cristo em seu mistério de sofrimento e de glória, de morte e de ressurreição”³³.

De maneira geral, a referência aos sofrimentos de Cristo na igreja primitiva estava conectada à subsequente vitória sobre eles através da ressurreição ou glorificação. Em sua teologia da consolação, Paulo reflete a mesma tradição, mencionando a participação nos sofrimentos de Cristo, mas logo fazendo conexão com sua superação através da consolação³⁴. Segundo Thrall, a consolação ligada a uma situação mortal como a que Paulo enfrentou tem um “caráter de ressurreição e, assim, prefigura a salvação final”³⁵. Diante disto, a aflição e consolação assumem também uma dimensão escatológica que será abordada em seguida.

3.4 Disposição em compartilhar a consolação

Mas, se somos afligidos, é para vossa consolação e salvação; se somos consolados, é para vossa consolação (2Co 1.6a-6d)

²⁹ LAMBRECHT, Paul and suffering, p. 58.

³⁰ BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 160.

³¹ Cf. THRALL, The Second Epistle, p. 110.

³² Cf. DUNN, A teologia do apóstolo Paulo, p. 550.

³³ HELEWA, Un ministero paolino, p. 5.

³⁴ Cf. FURNISH, II Corinthians, p. 119.

³⁵ THRALL, op. cit., p. 104.

Na sequência anterior, Paulo demonstrou que “os apóstolos conhecem uma medida especial de sofrimento, mas também conhecem uma medida especial de consolação”³⁶. Ele já havia afirmado, de maneira mais genérica, que a consolação recebida o capacitava a consolar outros aflitos (cf. 1.4). Agora ele estende a dinâmica da consolação à comunidade coríntia, caminhando do “nós” para o “vós”.

Seja a experiência de aflição ou de consolo na vida do Apóstolo, ambas servem para consolação da comunidade. Porém, em um primeiro momento, ele afirma que a experiência de aflição serve não apenas para consolação, mas também para salvação (cf. 1.6a, 6b)³⁷. O sofrimento apostólico encerra uma dimensão soteriológica na medida em que Paulo experimenta as aflições em seu empenho pela causa do Evangelho por amor a Cristo³⁸.

Salvação, para Paulo, é um conceito escatológico que consiste no livramento da ira de Deus e restauração ao homem de sua glória divina perdida, que vai acontecer na *Parousia*. Mas o processo pelo qual isto se realizará já foi acionado pelo poder do Evangelho (Rm 1.16). E aqueles que pregam o Evangelho estão especialmente sujeitos a aflição de todos os tipos (2 Co 4.7-12). E é no contexto da aflição que a mensagem salvífica alcança os ouvintes. Portanto, Paulo pode dizer que aquilo que ele sofre é em favor daqueles que evangeliza³⁹.

O paralelo entre salvação e consolação é significativo uma vez que aflição e consolação se assemelham à experiência de morte e vida, e o “processo de salvação é experiência contínua não só de vida, mas também de morte. A santificação é um morrer e um viver”⁴⁰.

Desta forma, Paulo reveste o sofrimento de um valor positivo no sentido não só de evidenciar a consolação, mas também de proporcionar um compartilhamento de tamanho benefício com os outros. E aponta, não apenas para o benefício terreno, mas não perde de

³⁶ FURNISH, II Corinthians, p. 120.

³⁷ De acordo com Schmitz, o uso da terminologia da consolação no Novo Testamento “recebe seu conteúdo, de maneira preponderante, do evento neotestamentário da salvação” (SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 793).

³⁸ Cf. ELOY e SILVA, O sofrimento apostólico, p. 119.

³⁹ THRALL, The Second Epistle, p. 111.

⁴⁰ DUNN, A teologia do apóstolo Paulo, p. 546. Segundo o autor, esse é um tema recorrente, sobretudo em 2 Coríntios, e é possível que a experiência relatada em 1.8-11 tenha feito com que Paulo refletisse sobre “o lugar do sofrimento e da morte dentro do processo de salvação” como partes integrantes dele.

vista a consolação definitiva, levando em consideração a tensão escatológica da qual o sofrimento é um aspecto integrante⁴¹.

Depois de mostrar que sua aflição está em função da consolação e salvação da comunidade, os segmentos 6c e 6d oferecem um contraste no qual Paulo afirma que seu consolo também está em função da consolação dos coríntios. Neste momento, ele reforça aquilo que já havia declarado acerca da finalidade da consolação, ou seja, ele a recebe para também ser capaz de oferecê-la (cf. 1.4c-4e). Todavia, compartilhar a consolação não significa ser fonte dela para a comunidade, mas “agente de sua transmissão”⁴².

Como afirmamos anteriormente, o episódio da chegada de Tito (7.6) ilustra o compartilhamento da consolação. O próprio Tito atua como agente de transmissão na medida em que consola o Apóstolo Paulo com as boas notícias que traz da comunidade coríntia. Tito compartilha a própria consolação que recebeu (cf. 7.7b,7c).

A disposição de Paulo e o exemplo de Tito demonstram que a teologia da consolação envolve reciprocidade e gratuidade. Mas ainda existe uma perspectiva mais ampla a ser contemplada quanto aos efeitos da consolação sobre a qual refletiremos a seguir.

3.5 A eficácia da consolação

A qual se mostra ativa na perseverança *diante* dos mesmos sofrimentos que nós estamos sofrendo (2 Co 1. 6e, 6f).

Paulo declarou a finalidade da consolação (cf. 1.4). Em seguida, demonstrou estar disposto a compartilhá-la com a comunidade (cf. 1.6a-6d). E, agora, nos segmentos 6e e 6f ele mostra o resultado do que fora afirmado. Na visão paulina, o efeito da consolação é a *hypomonē*, a “capacidade de continuar a suportar sob circunstâncias difíceis”⁴³.

É possível perceber que em todas as sequências Paulo faz referência ao sofrimento ou aflição. E agora, ele identifica os sofrimentos da comunidade aos seus, que são os de Cristo. A mesma tradição que conecta os sofrimentos de Cristo à sua superação, também

⁴¹ DUNN, A teologia do apóstolo Paulo, p. 548.

⁴² FURNISH, II Corinthians, p. 121.

⁴³ LOUW-NIDA, Léxico grego-português, p. 276.

destaca os cristãos como participantes no sofrimento⁴⁴. Segundo Lambrecht, “não devemos postular uma oposição entre dois tipos de sofrimento: apostólico e cristão”, Paulo esclarece em 2Co 1.6,7 que a comunidade suporta os mesmos sofrimentos que o Apóstolo. “O sofrimento do cristão é, sem dúvidas, do mesmo tipo daquele enfrentado pelo apóstolo. Embora o apóstolo tenha seu próprio sofrimento conectado com a especificidade de sua vocação”⁴⁵.

Em 2 Coríntios, Paulo parece não especificar o sofrimento da comunidade da forma como faz com os seus, mas a ênfase na tristeza no capítulo 7 indica alguma fonte de aflição por parte da comunidade em função da “carta entre lágrimas”. E, mesmo que ela tenha provocado tal aflição (tristeza) por algum tempo, também produziu resultados positivos que se traduziram em consolação para Tito e também para Paulo.

Analisando o emprego do termo *lypeō* em 2 Coríntios, sobretudo nos capítulos 1–9, Kaplan afirma que o Apóstolo demonstra encarar a tristeza da comunidade como expressão de arrependimento por sua parte no conflito de relacionamento. Em 7.5-13a, Paulo mostra como a tristeza dos coríntios resultou em arrependimento, reconciliação e consolação. Portanto, o “aspecto crucial deste processo de ‘tristeza segundo Deus’ é a recepção dos coríntios da obra consoladora de Deus entre eles”⁴⁶. E esta consolação recebida se destina a capacitá-los a perseverar. Neste sentido, a consolação é a resposta ao cristão sofredor. Uma vez que as aflições são inevitáveis em sua existência, como perseverar? A consolação oferece a saída.

Ao falar da consolação, Paulo não se refere apenas ao livramento da calamidade ou a um sentimento de tranquilidade, isto fica claro a partir do que ele diz aqui sobre a forma dela se expressar: *a qual se mostra ativa na perseverança diante dos mesmos sofrimentos que nós estamos sofrendo*. A promessa não é um alívio imediato das aflições, mas o fato delas poderem ser suportadas. Especificamente, elas podem ser suportadas quando entendidas como sofrimentos de Cristo – ou seja, os *mesmos sofrimentos* que os apóstolos conhecem e através dos quais o Evangelho é proclamado. Estes são os *mesmos sofrimentos* compartilhados por todo o corpo de Cristo, como membros do qual os crentes são acrescentados para serem conformados a morte de Cristo, que é doadora de vida, e viverem em obediente expectativa da glória final⁴⁷.

⁴⁴ Cf. FURNISH, II Corinthians, p. 119.

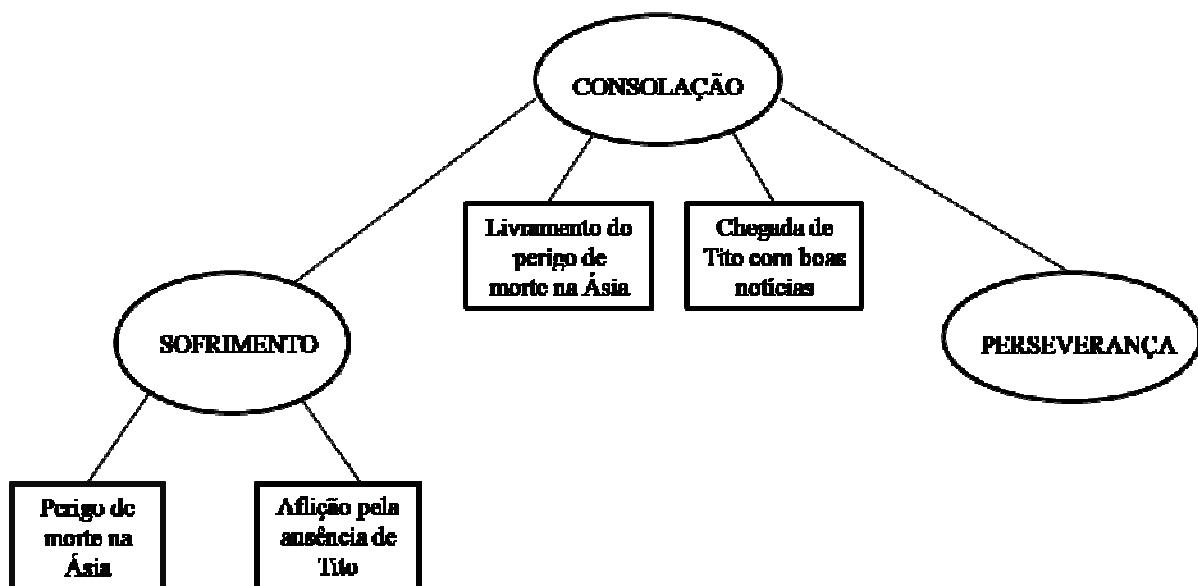
⁴⁵ LAMBRECHT, Paul and suffering, p. 62-64.

⁴⁶ Cf. KAPLAN, Comfort, o comfort Corinth, p. 436.

⁴⁷ FURNISH, II Corinthians, p. 121.

A consolação, como vimos, tem indicadores que a tornam visível, mas agora Paulo afirma que ela também conta com um elemento que mostra sua eficácia: a perseverança diante dos sofrimentos. Além de mostrar a eficácia da consolação, a perseverança também permite visualizar sua atuação na vida do cristão. No entanto, a perseverança não tem *status* de indicador, pois representa um nível de abstração menos concreto do que os exemplos pontuais citados por Paulo. Portanto, a perseverança é também um constructo que, juntamente com o sofrimento, se relaciona com a consolação conforme indicado no modelo a seguir.

Figura 5: Modelo de relações entre consolação, sofrimento e perseverança



O sofrimento é representado pelas circunstâncias inerentes à vida cristã que discutimos anteriormente, seus indicadores em 2 Coríntios se encontram na lista de aflições que Paulo dispõe ao longo da carta. No entanto, nesta pesquisa, destacamos duas delas por terem sido relacionadas diretamente a um episódio de consolação, a saber: o perigo de morte na Ásia e a aflição pela ausência de Tito. No modelo apresentado acima, o constructo sofrimento está em relação direta com a consolação (cf. 1.6a-6d), e os indicadores de sofrimento possuem correspondentes diretos aos indicadores de consolação⁴⁸.

⁴⁸ Esta relação direta entre sofrimento e consolação ficará ainda mais evidente na próxima seção sobre a participação na consolação.

Entretanto, como vimos, a consolação não é apenas alívio, mas resulta em capacidade de perseverar não obstante o sofrimento. Então a perseverança também entra no modelo em relação direta com a consolação.

O Apóstolo parece indicar que não existe uma relação direta entre sofrimento e perseverança que não passe pela consolação. A consolação se mostra em ação quando há perseverança diante do sofrimento, mas o sofrimento antecede a consolação. Portanto, a fim de obter o resultado perseverança em circunstâncias de sofrimento, é preciso passar pela consolação.

A perseverança é representada por eventos que indicam a persistência do cristão não obstante o sofrimento, sendo assim, ela requer um intervalo de tempo para ser observada. As perícopes analisadas não permitem uma observação direta dos indicadores da perseverança⁴⁹. Entretanto, alguns episódios são sugestivos. Por exemplo, quando Paulo diz: “Pois, de fato, quando chegamos à Macedônia, nenhum alívio teve a nossa carne” (7.5a, 5b) e depois “Mas aquele que consola os abatidos nos consolou, Deus, com a presença de Tito” (7.6a, 6b), isto implica um intervalo de tempo entre sofrimento e consolação. Além disto, a Segunda Carta aos Coríntios mostra que Paulo, não obstante este ocorrido, ainda permanece firme no ministério⁵⁰. Estes dados parecem indicar a presença da perseverança.

Outro episódio se refere ao efeito que o envio da “carta entre lágrimas” teve sobre o Apóstolo. Ainda que temporariamente, Paulo mostra ter sentido remorso por tê-la enviado (cf. 7.8c). Se considerarmos este remorso como uma aflição interna, vemos que depois de algum tempo, ao ver os resultados positivos da carta enviada, Paulo se alegra e relata tal situação em 2 Coríntios⁵¹. Isto também pode nos oferecer pistas quanto à manifestação concreta da perseverança.

Perseverar diante do sofrimento é evidência de que a consolação produziu o efeito pretendido. Desta forma, é possível continuar apesar do sofrimento, perseverar por causa da consolação que foi recebida. Portanto, a eficácia da consolação se mede no tempo.

Convém destacar, porém, que a perseverança contempla o amplo horizonte representado pela consolação definitiva. Persevera-se rumo à plenitude. Esta reflexão leva em

⁴⁹ Considerando, porém, o conjunto da Segunda Carta aos Coríntios, Paulo mostra ter prosseguido em favor do Evangelho mesmo diante do sofrimento. Ele mostra que as aflições não foram capazes de detê-lo, embora possam ter deixado suas marcas (cf. 2Co 4.8,9).

⁵⁰ Não obstante também o livramento do perigo de morte relatado em 1.8-11.

⁵¹ Cumpre lembrar que tal como a misericórdia e a salvação, Paulo também coloca o termo “alegria” em paralelo com a consolação em 7.4,7,13 (cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 3).

conta a dimensão escatológica na qual o Apóstolo tocou em 1.6 ao usar o termo “salvação” em paralelo à consolação. O horizonte do sofredor consolado é a *parousia* de Cristo.

Em 7.6c, Paulo declara ter recebido consolação divina com a *parousia* de Tito⁵². Uma consolação importante para perseverança, mas temporária em seu alcance. O decurso do tempo, no qual a eficácia da consolação pode ser observada, conduz à consumação do horizonte esperado: a *parousia* de Cristo. Na teologia paulina, a esperança da *parousia* desempenha um papel significativo, é o “ponto final para o qual apontavam os eventos decisivos de morte e ressurreição de Jesus”⁵³. Ela é que garantirá a consolação definitiva.

O significado do conceito de *parousia* no Novo Testamento é que a tensão entre o não cumprimento e o cumprimento, entre este mundo e o mundo porvir, entre esperança e posse, entre ocultamento e manifestação, entre fé e visão, será dissolvida, e que a contribuição decisiva em direção a isto já foi realizada em Cristo⁵⁴.

Portanto, a consolação a que Paulo se refere não está limitada ao alívio do sofrimento terreno, mas também está orientada para salvação escatológica⁵⁵. Neste sentido, “o consolo definitivo de Deus será a remoção de todo o sofrimento mediante sua gloriosa presença entre os homens, Ap 21.3-5. Esta consolação, que já é dada como uma boa esperança, é assim chamada consolação eterna, 2 Ts 2.16”⁵⁶. Desta forma, Paulo não tem a consolação apenas como intervenção divina em meio ao sofrimento pessoal, mas “a intervenção decisiva de Deus na história da salvação, para inaugurar uma nova era na morte e ressurreição de Jesus”⁵⁷.

Os fundamentos da teologia da consolação estão lançados. Agora o Apóstolo caminha para a conclusão, reforçando a relação direta entre sofrimento e consolação. Esta é a reflexão que faremos em seguida.

⁵² Segundo Oepke, Paulo usa este termo tanto para se referir a pessoas quanto para Cristo (cf. OEPKE, *Parousia*, p. 868). O uso do termo com relação a Tito não apresenta um sentido escatológico.

⁵³ DUNN, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 367.

⁵⁴ OEPKE, op. cit., p. 868

⁵⁵ Cf. SIEDL, *Consolação*, p. 215. Segundo este autor “a consolação de Deus é ligada à pessoa do Redentor Jesus Cristo, à pregação da salvação, ao Evangelho”.

⁵⁶ SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 799.

⁵⁷ WINTER, *The meaning and function*, p. 13.

3.6 Participação na consolação

E a nossa esperança para convosco está firme, pois sabemos que como sois participantes dos sofrimentos, assim também o *sois* da consolação (2 Co 1.7).

Mostramos em 1.6 que Paulo agrupa a salvação ao tema da consolação e torna presente a reflexão escatológica. Aqui também o uso do termo “esperança” é digno de nota.

É significativo que *paraklēsis* e *sōtēria* sejam utilizados juntos, e que a perseverança dos coríntios na aflição, na qual a consolação está em ação, encha o Apóstolo de esperança acerca deles. Em outras palavras, embora a referência seja ao auxílio consolador mediante a salvação presente de Deus, esta consolação se situa à luz do livramento futuro. Não é a toa que *paraklēsis* e *elpis* estejam relacionadas aqui como em 2Ts 2.16 e Rm 15.4⁵⁸.

Paulo expressa uma visão de futuro na qual sua esperança sobre a comunidade não se abala por causa da certeza que ele tem de que os coríntios tem participação na consolação presente e futura⁵⁹. A firme esperança que Paulo declara ter sobre os coríntios pode servir de encorajamento para a comunidade, infundindo-lhes a mesma segurança⁶⁰.

O Apóstolo conclui a teologia da consolação indicando que a participação nos sofrimentos também implica em participação na consolação. Neste ponto, Paulo inclui a participação da comunidade, juntamente com o trabalho apostólico e todo o corpo de Cristo, tanto nos sofrimentos quanto na consolação⁶¹. Assim como as aflições alcançam a todos, a consolação também está disponível para todos.

Participar da consolação pressupõe a participação nos sofrimentos. Os cristãos sofrem por sua identificação com Cristo e também pelas circunstâncias envolvidas na existência terrena⁶². Entretanto, Paulo convida a comunidade a encarar o sofrimento a partir

⁵⁸ SCHMITZ, *parakaleō/paraklēsis*, p. 798.

⁵⁹ Cf. LAMBRECHT, *Second Corinthians*, p. 20. O autor reforça a dimensão escatológica presente nesta declaração, empregando o tempo futuro na tradução do versículo: “assim como vocês participam nos sofrimentos, também (participarão) na consolação”.

⁶⁰ Segundo Furnish, a expressão de confiança que Paulo declara em 1.7 serve de exortação aos coríntios. O autor afirma que “o Apóstolo tem consciência de que os coríntios em particular nem sempre compreendiam que a participação na glória final é inseparável da participação nos sofrimentos de Cristo” (FURNISH, *II Corinthians*, p. 121).

⁶¹ Cf. FURNISH, op. cit., p. 121.

⁶² Cf. HAFEMANN, *Sofrimento*, p. 1181.

da perspectiva da consolação oferecida por Deus que, no fim das contas, resulta em perseverança na caminhada em direção à plenitude.

3.7 Síntese da teologia da consolação

A teologia da consolação pode ser sintetizada a partir das três dimensões que ela contempla: teológica (sequências 1 e 2), cristológica (sequência 3) e soteriológica (sequências 4, 5 e 6).

O título “Deus de toda consolação” marca o agente primário por trás do consolo. Deus está na origem da consolação experimentada em meio ao sofrimento, mesmo que a instrumentalidade humana esteja presente. A ação humana que redunda em consolação é, em última instância, uma intervenção iniciada nele. Deus consola tendo em vista as suas misericórdias em face das aflições a que seus filhos estão sujeitos. O Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo é bendito, e todos os que por ele são consolados também são convidados a bendizê-lo.

A teologia da consolação tem sua razão de ser no contexto da aflição, pois esta é a situação que confronta o cristão com sua fraqueza e necessidade do poder de Deus, além de apontar para uma expectativa quanto à consolação definitiva. Portanto, o sofrimento é a circunstância a partir da qual a consolação se destaca, ressaltando a ação divina e não o poder humano na superação dos reveses. A consolação é o contraponto do sofrimento que é parte integrante da existência cristã.

Todavia, a consolação divina não é uma abstração misteriosa, mas ganha concretude nos indicadores que a tornam visível e promovem alívio na dimensão externa e/ou interna do cristão. Como destaca Bieringer, nas perícopes analisadas “*parakaleō* ou *paraklēsis* implica alívio psicológico (*anesis* em 7.5) e paz de mente (cf. *anapepautai to pneuma autou* em 7.13). Ela significa o fim de uma aflição (cf. *thlibō* e *thipsis* em 1.4,6 e 7.5), sofrimento (1.5-7), lutas e temores (7.5)⁶³. No entanto, conforme já discutimos anteriormente, a consolação não significa apenas o alívio ou cessar imediato da situação aflitiva, mas está orientada para a perseverança.

O Deus que oferece consolação emprega o princípio da reciprocidade, isto é, os consolados são capacitados a estender consolação a outros aflitos. Esta é a finalidade da

⁶³ BIERINGER, The comforted comforter, p. 4.

consolação divina: fazer com que a consolação recebida seja passada adiante. Paulo, um consolador consolado, se dispõe a consolar. A comunidade coríntia consola Tito que, por sua vez, consola Paulo. A consolação assim compartilhada é coerente com o Evangelho que leva cada cristão a viver além de si mesmo, e também contribui para aumentar o coro daqueles que bendizem a Deus e declararam seu poder em meio ao sofrimento.

Entrando na dimensão cristológica, merece destaque a forma com a qual Paulo enfrenta os sofrimentos, pois ela oferece um paradigma aos cristãos. A constatação de que o cristão também participa nos sofrimentos de Cristo se conecta à consolação e amplia a perspectiva daquele que sofre. Pois se o sofrimento é uma realidade inescapável, a consolação também o é. A compreensão destes dois lados da moeda, sofrimento e consolação, também abre espaço para o entendimento do processo de morte e vida que ocorre na experiência do seguidor de Cristo.

Por esta lógica, entende-se que Paulo não questiona a legitimidade de seu apostolado por causa dos sofrimentos nele presentes, pois não os concebia como elementos estranhos ao seu chamado ou que indicassem ausência da ação divina, mas justamente o oposto⁶⁴. Paulo sofre as circunstâncias próprias da existência e também do desempenho de seu ministério, mas convida cada cristão a viver na certeza de que a participação na consolação, por meio de Cristo, é tão abundante quanto a participação nos sofrimentos de Cristo. Segundo Lambrecht, “é preciso compreender que cada pessoa, tão logo se torne cristã, deve ser vista como um apóstolo em potencial e já é, em algum sentido real, um apóstolo”⁶⁵. Portanto, da mesma forma que Paulo, cada cristão participa da consolação, assim como do sofrimento.

A dimensão cristológica da teologia da consolação logo abre espaço para a soteriológica, pois a consolação não tem em mira apenas o sofrimento terreno, mas está situada no arco que compreende o presente e o futuro. O processo de salvação envolve esta tensão escatológica. Paulo tanto se refere à consolação presente quanto à definitiva ao explicitar o efeito que a consolação divina deseja produzir no cristão: perseverança diante dos sofrimentos. Além disto, ao colocar os termos “consolação” e “salvação” em paralelo, Paulo mostra que também contempla a dimensão soteriológica.

Sobre a soteriologia presente na consolação, Siedl afirma:

⁶⁴ Cf. HAFEMANN, Sofrimento, p. 1180.

⁶⁵ LAMBRECHT, Paul and suffering, p. 64.

Toda consolação sempre provém, no final de tudo, de Deus que dispõe as vicissitudes humanas e consola os humildes (2Co 1.3; 7.6, 13). Desta forma, o Novo Testamento se insere na doutrina veterotestamentária referente ao consolo terreno e divino. Para o consolo do homem em meio às suas maiores angústias, que são o sofrimento e a morte, acrescenta, em Jesus Cristo, dois novos motivos de consolo, isto é, aponta para a ressurreição: “assim como Cristo ressuscitou” (1Co 15; Jo 11.21-27) e exorta a sofrer em união com os sofrimentos de Cristo (2Co 1.5; 4.17; 1Pe 4.13), pois é somente por este caminho que o homem alcança a sua salvação escatológica⁶⁶.

O horizonte da teologia da consolação não é a *parousia* temporária dos agentes humanos da consolação, mas a *parousia* de Cristo e a consolação definitiva que dela deriva. O poder para perseverar que resulta da consolação tem Cristo como alvo, está orientado para a salvação futura. E é este horizonte que permite continuidade não obstante o sofrimento, como afirma Lambrecht, “em meio à fraqueza há força, já no presente, antes da morte física. A despeito da aflição, perplexidade, perseguição e ataques sem fim, graças a Deus não há desespero e nem destruição total”⁶⁷.

Refletindo sobre a função da teologia da consolação na Segunda Carta aos Coríntios, percebemos que essa correspondência se encontra marcada por um movimento de força na fraqueza, perseverança na adversidade. A realidade da consolação é importante na visão paulina da existência cristã, é a partir dela que se comprehende o desgaste do homem exterior, mas a renovação diária do homem interior (cf. 2Co 4.16-18)⁶⁸. Portanto, em vez de negar sua fraqueza, em resposta às acusações de seus oponentes, Paulo desenvolve a teologia da consolação justamente partindo dela, pois são os abatidos que precisam de consolação. O sofrimento não é incompatível com o serviço apostólico nem com a vida cristã.

Nesta carta, Paulo usa a linguagem provocativa do paradoxo⁶⁹. Ele mostra que sofrimento e apostolado não tem uma relação contraditória, mas uma relação na qual reside um paradoxo: “o poder de Deus está presente na fraqueza humana, a vida de Cristo no morrer do apóstolo”⁷⁰. Ser forte na fraqueza, perseverar diante do sofrimento, são eventos que acontecem mediante a atuação da consolação, é através dela que o poder de Deus se manifesta. Desta maneira, é significativo o fato de Paulo iniciar a Segunda Carta aos Coríntios estabelecendo a teologia da consolação. O Apóstolo demonstra que ela é a resposta ao sofrimento. Paulo parece mostrar à comunidade de Corinto não só como entende os

⁶⁶ SIEDL, Consolação, p. 216.

⁶⁷ LAMBRECHT, Paul and suffering, p. 60.

⁶⁸ Cf. HELEWA, Un ministero paolino, p. 9.

⁶⁹ LAMBRECHT, The nekrōsis of Jesus, p. 320.

⁷⁰ Ibid.

sofrimentos – participação nos de Cristo – mas também como responde a eles: pela consolação recebida e compartilhada. Ao iniciar a carta bendizendo a Deus, o Apóstolo mostra que as razões que tem para tanto não estão ancoradas em sua própria força, mas na consolação que Deus oferece.

Bieringer destaca que o papel predominante da teologia da consolação estabelecida especialmente em 2Co 1.3-7 está no aprofundamento da comunhão com os coríntios⁷¹. Neste sentido, Kaplan acrescenta que a experiência paulina e coríntia de sofrimento e consolação divina os unifica na vida e obra que compartilham. Os coríntios são, assim, convidados a perseverar no Evangelho pregado pelo Apóstolo. “A obra divina de reconciliação em Jesus proclama consolação tanto para Paulo quanto para os coríntios e os chama a uma fidelidade renovada e marcada por seu mútuo sofrimento e consolação divina”⁷².

Além disto, a linguagem da consolação que Paulo apresenta no início de sua Segunda Carta aos Coríntios pode ter o objetivo de conduzir a comunidade a uma participação mais profunda na consolação divina. É através de tal linguagem que Paulo “indica que sua proclamação apostólica, e consequente sofrimento, carrega consigo a mediação do consolo escatológico para comunidade coríntia”⁷³. Segundo Winter, a teologia da consolação que Paulo estabelece no início da carta cumpre objetivos mais amplos no que diz respeito ao restante dela. Paulo não apenas conecta tal linguagem aos seus próprios sofrimentos, especialmente à situação de risco na Ásia, mas também aos sofrimentos da comunidade. O Apóstolo levanta a reflexão acerca de “sua participação comum na morte e ressurreição de Jesus, o Messias e, consequentemente, no cumprimento da esperança de Israel acerca da consolação divina”⁷⁴.

3.8 Reflexões sobre a atualidade da teologia da consolação

Para atualizar a reflexão sobre a teologia da consolação recorreremos, sobretudo, aos escritos de Carlo Maria Martini sobre o tema. Ele dedicou algumas de suas obras ao estudo da Segunda Carta aos Coríntios, partindo do que ele chamou de “princípio da

⁷¹ Cf. BIERINGER, The comforted comforter, p. 7.

⁷² KAPLAN, Comfort, o comfort Corinth, p. 437.

⁷³ WINTER, The meaning and function, p. 20.

⁷⁴ Ibid., p. 21.

consolação”. Para o autor, “a intuição de Paulo que constitui o fundamento da Segunda Carta aos Coríntios, e o princípio sobre o qual basear a vida, é que nosso Deus é um Deus que consola”⁷⁵. Sobre este fundamento, nossa atualização contemplará as possíveis implicações da teologia da consolação para o cristão contemporâneo, com especial atenção à figura do ministro do Evangelho em um contexto marcado pela voz hegemônica do hedonismo.

Em suas reflexões sobre a Segunda Carta aos Coríntios, Martini destaca sua relevância no que diz respeito ao ministério pastoral, sobretudo quando se trata do sofrimento ligado aos problemas da evangelização. Ele afirma que 2 Coríntios constitui “um extraordinário exemplo de discernimento espiritual sobre a autenticidade da evangelização e do ministério” e acrescenta que “se não fossem os coríntios, com seus problemas e sua incompreensão, não teríamos esta obra prima de teologia que é a Segunda Carta”⁷⁶. Colocando em destaque o tema abordado nesta pesquisa, o autor acredita que a experiência de sofrimento e consolação no ministério de Paulo o aproxima dos que exercem tal ministério hoje⁷⁷.

A percepção de Martini sobre o valor atual da visão paulina do sofrimento e consolação é significativa. Ele mostra que, geralmente, costumamos entender a vida como uma existência marcada pelo sofrimento e a alegria, sendo estes dois elementos os extremos que tentamos equilibrar. Mas Paulo tem uma atitude diferente.

Ele não busca um equilíbrio entre sofrimento e alegria, mas experimenta sofrimento e consolação **no e a partir do** sofrimento. Esta é a meu ver uma intuição formidável: sofrimento e alegria não como constitutivos do caminho humano, mas sofrimento e consolação que procedem da tribulação que ele experimenta. Paulo não está falando de uma alegria genérica, mas de uma consolação que tem lugar em meio ao sofrimento⁷⁸.

Paulo experimenta a consolação divina no desempenho do ministério apostólico tendo em vista os sofrimentos que ele encerra. O Apóstolo dá testemunho de Cristo com sua vida seja nos momentos de regozijo ou de privações, na consolação e na aflição⁷⁹.

⁷⁵ MARTINI, *La debolezza*, p. 15.

⁷⁶ Ibid., p. 19, 87.

⁷⁷ Cf. MARTINI, *Il vangelo di Paolo*, p. 71.

⁷⁸ MARTINI, *In the thick*, p. 17. Ênfase nossa.

⁷⁹ Cf. MARTINI, *As confissões*, p. 91.

Como paradigma para o ministro atual, e também para os cristãos em geral, Paulo vê seus sofrimentos como participação nos sofrimentos de Cristo. Murphy-O'Connor reforça a importância deste aprendizado ao esclarecer que:

Até então, Paulo aceitara o sofrimento como essencial à condição humana. Suas experiências o punham como parte do mundo antigo. A vida era sombria e a sobrevivência, em grande parte, uma questão de sorte. Nenhum dos conhecidos de Paulo teria discordado da intuição de Homero: “os deuses sem dores fizeram as coisas de tal maneira que os infelizes mortais vivem sofrendo” (Ilíada 24, 525). Agora Paulo via a oportunidade de dar sentido ao sofrimento. Embora pensasse em termos de seu ministério, seu discernimento é válido para todos os fieis. O sofrimento pode ser revelador quando o imutável é aceito com graça. Quando o que se quer empreender é desproporcional aos meios de fazê-lo, o poder de Deus se torna visível⁸⁰.

Além disto, conforme já discutimos, tal aprendizado insere a realidade do sofrimento como parte integrante da experiência cristã e não como elemento de contradição. Esta é uma reflexão relevante para o nosso tempo no qual o hedonismo obscurece o entendimento do sofrimento, tornando o sofrer algo estranho à existência e que não deve acontecer. De alguma forma, o sofrimento também causava estranheza aos oponentes de Paulo em 2 Coríntios, como se o apóstolo autêntico não pudesse sofrer. No entendimento de Barbaglio, os adversários do Apóstolo acreditavam que ele “se assemelhava ao cavaleiro da triste figura e não correspondia ao ideal se comparado aos super apóstolos”⁸¹.

Todavia, é exemplar que, na defesa do ministério apostólico, Paulo não tenha colocado o foco no sofrimento, antes que o tenha empregado como plataforma para destacar a consolação divina. Assim, o Apóstolo mostrou que não há incompatibilidade entre sofrimento e ministério pastoral, pelo contrário, sua experiência era coerente com a do Salvador. Nas palavras de Barbaglio:

É comum ao homem religioso de todos os tempos esperar que Deus se manifeste e esteja presente em homens e acontecimentos excepcionais, extraordinários, que incutam temor sagrado, reverência infantil e rendição incondicional à majestade divina. (...) Mas tais concepções religiosistas encontram desmentido claro no Deus de Jesus Cristo, que se revelou plenamente no Nazareno, homem qualquer, que desceu aos estratos humanos mais baixos e humilhantes como crucificado e, por isso, foi ressuscitado para uma vida nova e para ser princípio de vida “espiritual”. O mesmo

⁸⁰ MURPHY-O'CONNOR, Paulo, p. 316.

⁸¹ BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 135.

desmentido vem de Paulo, homem não excepcional, antes, modesto e, no entanto, mediador da energia salvífica que emana do Evangelho⁸².

A ausência deste tipo de perspectiva traz implicações para o enfrentamento do sofrimento na vida cristã. Neste sentido, a teologia da consolação é uma abertura para a esperança, traz consigo a mensagem e a convicção de que, embora o sofrimento seja inevitável, a consolação não nos deixa sem condições de prosseguir. Esta é uma mensagem significativa ao cristão inserido em um contexto em que predomina a busca pelo prazer e no qual o sofrimento deve ser evitado e, se possível, negado.

Em sua tese *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*, Edson Almeida contrasta a perspectiva bíblica da dor e o ideal hedonista-individualista atual que interdita o sofrimento. Assim, o sofrimento e toda ideia a ele relacionada deve ser evitada, interditada, apaziguada e, sempre que possível, medicada. Almeida explica que “neste contexto, toda tristeza é vergonhosa, injustificada e, sobretudo, patológica”⁸³.

Assimilar este tipo de pensamento como resposta ao sofrimento acaba por fazer com que o contato com a realidade fique cada vez mais insuportável, pois não se pode subtrair o sofrimento da equação da vida sem evitar, com tal atitude, a própria vida. O resultado é a apatia que mina a capacidade de enfrentamento das experiências dolorosas.

Observando estas tendências, Martini conclui que a mensagem da consolação tem um papel importante a desempenhar na medida em que ela nos oferece uma perspectiva diferente acerca do sofrimento: em vez de negá-lo, acolhê-lo. Partindo do exemplo de Paulo em 2 Coríntios, o autor explica que o cristão, em especial o ministro, só poderá desfrutar da consolação se abraçar o sofrimento de maneira existencial. Martini demonstra que a negação do sofrimento prejudica seu enfrentamento e abertura à consolação:

As provas do ministério são diversas: exaustão física e nervosa, mau humor, fadiga diária, estados de repugnância, estados negativos nos quais quase que rejeitamos as pessoas e as situações. Estas provas nos afetam física e psicologicamente. Todavia, podemos não nos colocar existencialmente nelas por não as encararmos de frente. Nós as negamos, colocando-as de lado, talvez por temermos não poder encará-las abertamente. De alguma forma, nós as consideramos como efeitos colaterais da nossa existência que não deveriam ocorrer, e o melhor é que sejam re-assimilados de maneira inconsciente. Injetamos uma espécie de anestésico psicológico nestas provas. Geralmente, tenho a impressão de que nos privamos da força que

⁸² BARBAGLIO, 1-2 Coríntios, p. 176.

⁸³ ALMEIDA, Do viver apático, p. 129.

poderíamos obter ao entrar nos sofrimentos de Cristo, pois ao enfrentá-los, suspendemos o fôlego, fechamos nossos olhos e continuamos da mesma forma. Não os confrontamos em oração ou em diálogo com Cristo. E assim não os interiorizamos. Então nossas provas continuam como corpos estranhos, elas não são integradas à nossa experiência e, portanto, não podem ser transformadas em consolação⁸⁴.

O ministro que lida diariamente com situações pastorais geradoras de sofrimento se identifica com a descrição que Paulo faz de suas aflições em 2 Coríntios⁸⁵. No entanto, cumpre estar atento para o fato de que Paulo oferece uma mensagem de consolação e perseverança e não um relato amargo de seu sofrimento. E isto só foi possível porque o Apóstolo lidou com as situações conflituosas a partir da ação consoladora de Deus⁸⁶.

A Segunda Carta aos Coríntios mostra um conflito de relacionamento que inclui incompreensão e oposição, envolvendo Paulo, a comunidade e seus adversários. A Igreja atual não está isenta de tal situação e o ministro é convidado, a exemplo de Paulo, a exercer seu papel de maneira responsável, madura e amorosa a despeito das tensões⁸⁷. Esta atitude também só se torna possível no exercício de conceber as dificuldades do ministério como participação tanto nos sofrimentos quanto na consolação que vem de Cristo, de outra forma, como afirma Martini, os ministros tenderão a encarar tais situações com amargura. Por outro lado, segundo o autor, quando os sofrimentos são suportados como sendo os de Cristo “é muito mais fácil falar sobre eles livre e corajosamente, quase imparcialmente, com o fogo e a vida do Evangelho típicos do próprio tom paulino em 2 Coríntios”⁸⁸. Martini conclui: “somente entrando no sofrimento e na cruz de Cristo se pode participar de sua consolação”⁸⁹.

Paulo deixa claro que a consolação divina não é teórica, ela se traduz em eventos concretos do cotidiano, e manter isto em mente é algo relevante para não ser seduzido por outras respostas ao sofrimento que pareçam muito mais imediatas e palpáveis como, por exemplo, a fuga e o anestesiamento⁹⁰. Assim como o Apóstolo, estamos sujeitos aos perigos

⁸⁴ MARTINI, In the thick, p. 18.

⁸⁵ Cf. Ibid., p. 11. O autor destaca o fato de que, ao falar das dificuldades ministeriais, Paulo se refere ao que sabe por experiência. Ele não é um servo inexperiente e/ou iludido com o ministério. “Depois de vinte anos de ministério, durante os quais ele passou por tantas provas, decepções e dificuldades, ele fala como servo do evangelho no meio das fadigas cotidianas. Então o sentimos tão próximo a nós”.

⁸⁶ Cf. Ibid., p. 18.

⁸⁷ Cf. Ibid., p. 14-15.

⁸⁸ Ibid., p. 19.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Cf. ALMEIDA, Do viver apático, p. 129.

que envolvem nossa integridade física e psicológica, mas de igual maneira “somos envolvidos pela consolação de Deus e convidados a consolar a nossa gente, a nossa comunidade”⁹¹.

Desta forma, a teologia da consolação também pode ajudar o cristão a superar o individualismo, uma vez que seu caráter de compartilhamento e reciprocidade estimula a comunhão e o senso de responsabilidade uns pelos outros. Ser agente de consolação contribui para que o outro receba um ato do amor de Deus em seu favor. Não obstante as dificuldades de relacionamento já mencionadas entre a comunidade e o Apóstolo, ele ainda se mostra disposto a compartilhar consolação. “Paulo vê este sofrimento seguido por momentos luminosos como um aspecto de seu serviço. Sua aflição é para os outros, ela não é um incidente em seu ministério, mas um ingrediente dele”⁹².

A consolação divina como resposta ao sofrimento cristão capacita à continuidade, ao passo que a resposta estimulada por uma atitude de negação enfraquece o caminhar. Receber consolação nos dias de hoje pode soar como algo de valor secundário, algo que só vale quando o primeiro prêmio foi perdido, mas para Paulo, a consolação é exatamente o prêmio principal, agora e no futuro⁹³. A dimensão escatológica da teologia da consolação aponta para o futuro quando a consolação será plenamente realizada, e isto confere dinamismo e esperança ao tempo presente. Ainda que o cristão experimente o efeito da consolação no presente, existe a consolação plena e definitiva que o aguarda. E é este olhar que faz com que o seguidor de Cristo entenda que a consolação não consiste apenas de momentos temporários de alívio, mas está orientada para a plenitude. O plano da salvação, da consolação definitiva é, assim, a “luz interpretativa” que nos permite compreender e não sucumbir diante das provações da existência cristã⁹⁴.

Finalmente, a teologia da consolação conforme descrita por Paulo em sua Segunda Carta aos Coríntios pode ajudar o cristão de nosso tempo a reconhecer a atuação de Deus. Tanto o foco nas dificuldades, obstáculos e conflitos presentes na vida cristã, quanto sua negação, podem obscurecer a visão da ação contínua de Deus em nosso favor. Desta forma, Martini explica que poderemos compreender para onde Deus está guiando sua Igreja quando começarmos a experimentar sua consolação, reconhecer nos eventos, suas

⁹¹ MARTINI, In the thick, p. 18.

⁹² Ibid., p. 20.

⁹³ Cf. CLARK, Calvin, p. 1.

⁹⁴ Cf. MARTINI, As confissões, p. 101.

intervenções consoladoras. Pois Ele nos consola hoje, mesmo no contexto em que nos encontramos⁹⁵.

A consolação divina é, portanto, uma resposta ao sofrimento que capacita à perseverança e permite uma abertura à esperança e à comunhão. Ela nos convida, como Paulo, a bendizer o “Deus de toda consolação” e estender a mesma consolação que recebemos aos que se encontram em qualquer aflição. Como conclui Helewa:

“Entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 6.10). É como vive Paulo o crente, e como exerce Paula, o ministro. A *paraklēsis* exortadora-consoladora é um daqueles temas que evidenciam melhor a riqueza e a grandeza da existência cristã. É uma afirmação lúcida da potência do Evangelho bem como da imanência viva da graça de Cristo. Em particular, é uma celebração do Deus fiel que confirma misericordiosamente nos seus filhos a obra de seu amor⁹⁶.

⁹⁵ Cf. MARTINI, La debolezza, p. 22.

⁹⁶ HELEWA, Un ministero paolino, p. 51.

CONCLUSÃO

No decorrer da pesquisa, concluímos que a predominância da terminologia da consolação na Segunda Carta aos Coríntios pode estar conectada à ênfase veterotestamentária, que identifica Deus como verdadeiro consolador, fonte de toda consolação. Paulo destaca, tanto em 2Co 1.3-7 como em 7.4-13, Deus como aquele que consola. Em Deutero e Trito Isaías, Deus é quem traz e trará consolação para o seu povo. Nas referências aos Salmos, também é Deus quem traz a consolação que, muitas vezes, assume a forma de livramento das situações de perigo, igualmente mencionada por Paulo.

No entanto, em sua leitura da consolação escatológica, Paulo introduz como instrumento e horizonte a figura de Cristo. Ele é a realização da esperança de consolação e oferece não apenas transbordante consolo no sofrimento terreno, mas consolação definitiva em uma perspectiva escatológica. E o ministério apostólico se insere nesta moldura escatológica de forma que Paulo é agente de consolação para outros aflitos, mas também, por meio de seu ministério a intervenção salvadora de Cristo se faz presente mediante o Evangelho. Sendo assim, ao interpretar a experiência da comunidade coríntia, o Apóstolo pode ter se apropriado da linguagem do consolo presente especialmente em Isaías, mas com o uso de uma lente cristológica. Desta forma, a linguagem paulina da consolação conduz a comunidade a um entendimento mais amplo de sua participação na consolação divina, na morte e ressurreição do Messias e, consequentemente, no cumprimento da esperança da consolação de Israel.

O estudo exegético-retórico das perícopes envolvidas na pesquisa, seguindo o esquema proposto por Kennedy, permitiu não apenas a descrição da organização do texto, mas também a percepção de como seus elementos se articulam em função da teologia da consolação que Paulo desenvolve. A partir das etapas da análise, sobretudo da quarta e da quinta (função e impacto), destacamos:

a) a solicitude de Paulo para com os coríntios no sentido de mostrar-se disposto a compartilhar a consolação recebida e demonstrar que tanto seus sofrimentos quanto sua consolação estão a serviço da comunidade. Tal atitude se mostrou importante para a captação da benevolência, especialmente diante dos conflitos de relacionamento que compõem o pano de fundo da carta;

b) o reforço da ação divina na consolação diante da realidade do sofrimento através da frequência com que Paulo opõe a dinâmica sofrimento/consolação. Tal reforço também cumpre um papel significativo diante do quadro conflituoso que trouxe sofrimento tanto para o Apóstolo quanto para a comunidade. Ele mostra que a consolação responde ao sofrimento capacitando o seguidor de Cristo à perseverança;

c) o apelo emocional e intelectual que o Apóstolo faz nas perícopes analisadas de forma a alcançar a comunidade por inteiro. No que diz respeito às emoções, Paulo apela à comiseração, à ira e ao zelo e cada uma delas se relaciona com a consolação da seguinte forma: a comiseração identifica o sofrimento do Apóstolo ao da comunidade, ambos sofreram e para tal sofrimento se destaca a resposta da consolação; a ira contra a injustiça fortalece a solicitude da comunidade para com o Apóstolo e resulta em consolação; o zelo renovado, que já fora mencionado na carta, ainda é estimulado por Paulo a fim de que a comunidade permaneça com tal disposição, pois permanecer assim é abrir-se à consolação. O apelo ao intelecto se faz pela exposição da teologia da consolação propriamente dita na primeira perícope e também pela forma com a qual Paulo exemplifica sua dinâmica na segunda, combinando a reflexão teológica com o relato de eventos passados. Ao combinar o raciocínio presente nas duas perícopes, Paulo coloca em paralelo sofrimento/tristeza, consolação/alegria;

d) as três dimensões presentes na teologia da consolação: teológica, cristológica e soteriológica. Na primeira, como já destacamos, Deus é a fonte da consolação, é ele quem consola tendo em vista as suas misericórdias em face das aflições a que seus filhos estão sujeitos. A segunda dimensão é central e, ao falar dela, Paulo destaca que os que participam dos sofrimentos de Cristo, também participam da consolação. O Apóstolo mostra que em Cristo, e também através dele, o cristão se depara com o sofrimento, mas experimenta de igual forma a realidade da consolação. Além disto, a dinâmica sofrimento/consolação que ele destaca nos remete a um paralelo entre a morte e ressurreição de Cristo e conduz à dimensão soteriológica da consolação. A teologia da consolação não atua apenas no sofrimento presente, mas tem em mira a perseverança em direção à consolação definitiva. E assim, o horizonte da consolação está em Cristo;

e) a consolação se traduz em eventos concretos e, na análise das perícopes, Paulo demonstra que a chegada de Tito com as notícias sobre a comunidade coríntia representou para ele consolação. Os eventos que tornam a consolação visível se destinam a projetar o cristão adiante, não obstante os obstáculos representados pelas aflições. O Apóstolo explica

que a consolação mostra sua atuação na medida em que aquele que a experimenta persevera diante dos sofrimentos;

f) o significado que o Apóstolo confere aos sofrimentos à luz da consolação. Na análise, vimos que o fato de Paulo sofrer no ministério apostólico era usado pelos oponentes como argumento para diminuir sua autoridade. No entanto, ele não se defende negando tal sofrimento, mas faz dele uma plataforma de argumentação em favor da evidência do poder de Deus em sua vida, mediante a consolação.

Com relação às implicações da análise da teologia da consolação para o cristão contemporâneo, sobretudo para os que exercem o ministério pastoral, é digna de nota, em primeiro lugar, a aproximação com a experiência paulina de sofrimento e consolação. A forma com que Paulo concebe seus sofrimentos oferece um paradigma na medida em que a identificação com os sofrimentos de Cristo fortalece seu enfrentamento e abre espaço para a consolação. A consolação como resposta ao sofrimento permite o avanço, a perseverança e a abertura à esperança. Essa resposta contrasta com o hedonismo que marca o contexto atual e responde ao sofrimento a partir da negação, esvaziando-o de significado e enfraquecendo seu enfrentamento. A experiência paulina da consolação proporciona um aprendizado que insere a realidade do sofrimento como parte integrante da experiência cristã e não como elemento de contradição. Além disto, o caráter de compartilhamento e reciprocidade da consolação amplia o senso de comunhão e responsabilidade uns pelos outros, pois incentiva cada um a ser agente de consolação e contribuir para que o outro receba consolo e encorajamento.

De acordo com Bieringer, “na discussão ética recente, o conforto ou a consolação foram descobertos como temas importantes”¹. Contudo, o resultado do levantamento bibliográfico, indicado no primeiro capítulo, demonstrou que a consolação, especialmente como um tema paulino na Segunda Carta aos Coríntios, ainda possui espaço para estudos posteriores. Portanto, finalizaremos apresentando, pelo menos, duas sugestões de pesquisas futuras neste campo:

a) investigar a aproximação entre consolação e graça, sobretudo considerando que a consolação não significa necessariamente o livramento de situações aflitivas. O episódio no qual Paulo relata a questão do “espinho na carne”, por exemplo, tem como resposta a graça para capacitá-lo à perseverança mesmo diante da aflição da qual não houve livramento (cf. 2Co 12.9), mas houve consolação;

¹ BIERINGER, The comforted comforter, p. 1.

b) estudar a conexão da consolação com outras porções da Segunda Carta aos Coríntios, principalmente nos capítulos 10–13 nos quais o tom paulino é mais severo e, segundo Bieringer, o vocabulário da consolação pode ser relacionado como o termo *oikodomē* que predomina nestes capítulos².

² BIERINGER, The comforted comforter, p. 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARY, Laura Dawn. *Good grief: Paul as sufferer and consoler in 2 Corinthians 1.3-7. A comparative investigation*. Canada. University of St. Michael's College, 2003. Tese de doutorado. Abstract disponível em <http://phdtree.org/pdf/25652676-good-grief-paul-as-sufferer-and-consoler-in-2-corinthians-13-7-a-comparative-investigation>. Acesso em: 26 mar. 2012.

ALETTI, Jean-Noël et al. *Vocabulário ponderado da exegese bíblica*. São Paulo: Loyola, 2011.

ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*. São Paulo: Loyola, 2006.

BARBAGLIO, Giuseppe. *1-2 Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *São Paulo: o homem do evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BIBLEWORKS 9. Windows Vista/7 Release. Copyright © 2011 BibleWorks, LLC.

BIERINGER, Reimund et al. *2 Corinthians: a bibliography*. Leuven: Peeters, 2008.

BIERINGER, Reimund. Comfort, comfort my people (Isa 40,1): the use of parakaleō in the Septuagint version of Isaiah. In: AUSLOOS, H. et al. (eds) *Florilegium Lovaniense: Studies in Septuagint and textual criticism in honour of Florentino García Martínez*. Leuven: Leuven University Press. BETL 224. p. 57-70. 2008.

_____. The comforted comforter: the meaning of parakaleō or paraklēsis terminology in 2 Corinthians. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, v. 67, p.1-7, jun. 2011.

CLARK, R. Scott. *Calvin as a theologian of consolation*. Disponível em: <http://wscal.edu/blog/entry/calvin-as-theologian-of-consolation-part-1>. Acesso em 26 mar. 2012.

DUNN, James. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

ELOY E SILVA, Luís Henrique. O sofrimento apostólico de Paulo. *Colectanea*, v. 13, p.117-132. 2008.

FURNISH, Victor. II Corinthians. *The Anchor Bible*. New York: Doubleday, v. 32A. 2005.

GARAVELLI, Bice Mortara. *Manuale di retorica*. Milano: Bompiani, 2006.

GARLAND, David. 2 Corinthians. *The New American Commentary*. B & H Publishing Group, v. 29. 1999.

GESENIUS, William. *Hebrew and chaldee lexicon to the Old Testament Scriptures*. Plymouth, 1857.

HARRIS, R. Laird. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HATCH, Edwin; REDPATH, H. *A concordance to the Septuagint and other Greek versions of the Old Testament (including the Apocryphal books)*. Grand Rapids: Baker, 1991.

HELEWA, Giovanni. Un ministero paolino: consolare gli afflitti. *Teresianum*, v.1, n. 44, p. 3-51. 1993.

HOFIUS, O. “Der Gott allen Trostes”: paraklēsis und parakaleō in 2 Kor 1,3-7. In: HOFIUS, O. (Hrsg.). *Paulusstudien*, v. 51, Tübingen, p.244-254. 1989.

HAFEMANN, S. J. Cartas aos Coríntios. In: HAWTHORNE et al. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, p. 270-289. 2008.

_____. Sofrimento. In: HAWTHORNE et al. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, p. 1180-1183. 2008.

HANSEN, G. W. Crítica retórica. In: HAWTHORNE et al. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, p. 332-337. 2008.

KAPLAN, Jonathan. Comfort, o comfort, Corinth: grief and comfort in 2 Corinthians 7:5-13a. *Harvard Theological Review*, v. 104, n. 4, p. 433-445, October. 2011.

KENNEDY, George A. *Nuovo Testamento e critica retorica*. Brescia: Paideia, 2006.

KRUSE, C. G. Angústias, tribulações, provações. In: HAWTHORNE et al. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, p. 70-72. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

LAMBRECHT, Jan. Paul and suffering. In: LAMBRECHT, Jan; COLLINS, Raymond. (orgs.). *God and human suffering*. Louvain: Peeters Press, 1990

_____. The nekrōsis of Jesus: ministry and suffering in 2 Corinthians 4,7-15. In: BIERINGER, Reimund; LAMBRECHT, Jan. *Studies on 2 Corinthians*. Leuven: Leuven University Press, 1994.

_____. *Second Corinthians. Sacra Pagina Series.* Minnesota: The Liturgical Press, 1999.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos.* Baureri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MARTINI, Carlo Maria. *In the thick of his ministry.* Minnesota: The Liturgical Press, 1990.

_____. *As confissões de Paulo.* São Paulo: Loyola, 1997.

_____. *La debolezza è la mia forza.* Piemme, 2000.

_____. *Il vangelo di Paolo.* Milano: Ancora, 2007.

METZGER, Bruce M.A *Textual Commentary on the Greek New Testament.* 3.ed. S.l. : United Bible Societies, 1971.

MEYNET, Roland. “*E ora, scrivete per voi questo cantico*” introduzione pratica all’analisi retorica. Roma: Edizioni Dehoniane, 1996.

_____. *L’analisi retorica.* Editrice Queriniana. S/d.

MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Theology of the Second Letter to the Corinthians.* Cambridge University Press, 1991.

_____. *Paulo: biografia crítica.* São Paulo: Loyola, 2000.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece.* 27.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006 (9. corrigierter Druck).

OEPKE. Parousia. In: GEHARD, F. (Ed.). *Theological dictionary of the New Testament.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, p. 868, 1975.

PENNA, Romano. La questione della dispositio rhetorica nella lettera di Paolo ai Romani: confronto com la lettera 7 di Platone e la lettera 95 di Seneca. *Biblical Studies on the Web*, v. 84. p. 61-88. 2003.

PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *L’interpretazione della Bibbia nella Chiesa.* Roma: Vaticano, 1993. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_it.html. Acesso em 13 de junho de 2014.

SANCHES, Sidney de Moraes. A contribuição da análise retórica para a exegese do Novo Testamento: um exemplo da Epístola aos Hebreus. *Estudos Teológicos*, v. 49, n. 1, p. 129-143, jan/jun. 2009.

SCHMITZ, O. *Parakaleō/paraklēsis*. In: GEHARD, F. (Ed.). *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, p. 773-799. 1975.

SIEDL, Suitbert H. Consolação. In: BAUER, Johannes B. *Dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Loyola, p. 214-216. 1973.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2009.

THE SEPTUAGINT WITH APOCRYPHA. Grand Rapids: Zondervan, 1980.

THRALL, Margaret. The Second Epistle to the Corinthians. *The international critical commentary*. New York: T&T Clark International. 2004.

WELBORN, L. L. Paul's appeal to the emotions in 2 Corinthians 1.1-2.13; 7.5-16. *Journal for the study of the New Testament*, p. 31-60. 2001. Disponível em <http://jnt.sagepub.com/content/23/82/31>. Acesso em 16 de dezembro de 2013.

WILSON, Walter T. *Pauline parallels*: a comprehensive guide. Louisville: Westminster John Knox Press, 2009.

WINTER, B. W. Retórica. In: HAWTHORNE et al. (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, p. 1090-1091. 2008.

WINTER, Sean F. *The meaning and function of Paul's Confront Language in 2 Corinthians*. Paper presentend at the North American Meeting of the SBL, New Orleans, 20 November, 2009. Material não publicado obtido junto ao autor.

WITHERINGTON, Ben. *New Testament rhetoric*: an introductory guide to the art of persuasion in and of the New Testament. Oregon: Cascade Books, 2009.